

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

NEILA MENDONÇA GARCÊS LIMA

AS NARRATIVAS CAMILIANAS NO ESPAÇO FOLHETIM
DO DIÁRIO DO GRAM-PARÁ NA DÉCADA DE 1860

Belém/PA

2014

NEILA MENDONÇA GARCÊS LIMA

AS NARRATIVAS CAMILIANAS NO ESPAÇO FOLHETIM

DO DIÁRIO DO GRAM-PARÁ NA DÉCADA DE 1860

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, para obtenção do título de Mestre em Letras sob a orientação da Profª Drª Germana Maria Araújo Sales.

Belém/PA

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

L732n Lima, Neila Mendonça Garcês

As narrativas camilianas no espaço folhetim do Diário do Gram-Pará na década de 1860/ Neila Mendonça Garcês Lima; orientador, Germana Maria Araújo Sales. – 2014.
101f.

Dissertação (Mestrado em Letras); – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Faculdade de Letras, Belém, 2014.

1. Folhetim – Diário do Gram-Pará. 2. Camilo Castelo Branco - romance. 3. Narrativas camilianas. I. Sales, Germana Maria Araújo, orient. II. Título.

CDD. – 23. ed. 801.95
CDU. – 82.070

NEILA MENDONÇA GARCÊS LIMA

**AS NARRATIVAS CAMILIANAS NO ESPAÇO FOLHETIM
DO DIÁRIO DO GRAM-PARÁ NA DÉCADA DE 1860**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, para obtenção do título de Mestre em Letras sob a orientação da Prof^a Dr^a Germana Maria Araújo Sales.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Germana Maria Araújo Sales

Prof. Dr. Sílvio Augusto de Oliveira Holanda

Prof. Dr. Sergio Nazar David

Avaliado em: ____/____/____

Conceito: _____

Belém/PA

2014

À minha família,
tão presente e tão amada.

AGRADECIMENTOS

Durante essa caminhada, cada nova etapa e cada novo obstáculo não teriam sido vencidos sem o apoio de muitas pessoas, que merecem meu agradecimento.

Agradeço à Professora Germana Maria Araújo Sales, por me conduzir pelo tema com uma capacidade imensa de expandir meus horizontes e por me receber de modo sempre tão carinhoso.

Agradeço aos professores Fernando Maués e Simone Cristina Mendonça pelas preciosas orientações recebidas na qualificação.

Agradeço, aos professores do curso de Mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal do Pará, pela dedicação e competência, qualidades decisivas para formação de meu olhar sobre o tema pesquisado. Em especial a professora Marli Furtado, que nos presenteou com momentos de grande aprendizado.

Agradeço aos colegas de classe, pela presença afetuosa e de grande ajuda.

Agradeço ao meu marido Wilton Lima, que diante da solidão que a pesquisa exige, soube me trazer de volta, do seu jeito, à nossa família.

Agradeço aos amigos, queridos ouvintes nas minhas horas de angústia.

RESUMO

A circulação da literatura na cidade de Belém do Pará no século XIX foi uma consequência das mudanças promovidas na capital pela expansão econômica, manifestada na urbanização do espaço público e na ampliação do mercado bibliográfico, responsável, ao lado da imprensa periódica, pelo contato da sociedade local com a produção literária estrangeira. A rápida popularização do folhetim no Brasil, com sua inerente força democrática, determinou uma rápida difusão dos nomes de alguns escritores nas capitais do país, da mesma forma que contribuiu para a criação de um mercado livreiro e permitiu a maciça circulação de obras de autores franceses e portugueses, os mais lidos no período, dentre os quais Camilo Castelo Branco. A popularidade do romancista luso em solo paraense pode ser identificada pela apresentação diária de seus textos em jornais locais como o Diário do Gram-Pará e pelos frequentes anúncios de seus romances para venda. Embora Camilo Castelo Branco seja um escritor conhecido do leitor de hoje, as informações sobre a obra do autor comumente se baseiam na expressão do romantismo presente em seus escritos, histórias de amor com fortes e por vezes intransponíveis obstáculos. Mas, a produção camiliana tem um alcance maior. Conhecedor do gênero humano e escritor muito habilidoso, Camilo Castelo Branco deu vida a personagens que ultrapassaram os limites do gênero romântico e desvendaram facetas capazes de provocar sentimentos contraditórios no leitor, cuja reação pode ser filtrada pelo espírito crítico do escritor português. E o escritor assim o fez em romances de grande circulação no século XIX, como A filha do doutor negro, mas pouco conhecidos pelo leitor de hoje, que merecem também ter seus elementos descobertos, como forma de revelar um Camilo Castelo Branco vivo em muitos romances a conhecer.

Palavras-chaves: Camilo Castelo Branco. Diário do Gram-Pará. Folhetim. História editorial. A filha do doutor negro.

ABSTRACT

The circulation of literature in the city of Belém do Pará in the nineteenth century was a result of changes in the capital promoted by economic expansion, urbanization manifested in the public space and the expansion of the bibliographic market, responsible side of the periodical press, by contacting the company Local with foreign literary production. The rapid popularization of serials in Brazil, with its inherent democratic force, led to a rapid spread of the names of some writers in the capitals of the country, the same way that contributed to the creation of a book market, and allowed the massive circulation of works of authors French and Portuguese, the most read in the period, among which Camilo Castelo Branco. The popularity of the Portuguese novelist Para soil can be identified by daily presentation of their texts in local newspapers such as the *Diário do Gram-Pará*, and the frequent announcements of his novels for sale. Although Camilo Castelo Branco is a well known writer of today's reader, information about the author's work commonly based on the expression of this in his writings romance, love stories with strong and sometimes insurmountable obstacles. But the camillian production has a greater range. Knower of mankind and very skilled writer Camilo Castelo Branco gave life to characters that exceeded the bounds of the romantic genre and uncovered facets capable of causing mixed feelings in the reader, whose reaction can be filtered by the critical spirit of the Portuguese writer. And the writer did so in novels of general circulation in the nineteenth century, as *A filha do doutor negro*, but little known to today's reader, who also deserve to have discovered your elements as a way to reveal a Camilo Castelo Branco live in many novels to know.

Keywords: Camilo Castelo Branco. *Diário do Gram-Pará*. Serials. Publishing history. *A filha do doutor negro*.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Edição do <i>Journal des débats</i> de 31 de dezembro de 1814.....	17
Imagem 2	Edição do Jornal <i>Le Siècle</i> de 05 de agosto de 1836.....	18
Imagem 3	Edição do Jornal <i>La Presse</i> de 01 de julho de 1836.....	19
Imagem 4	Edição da Revista <i>Beija-Flor</i> , publicada na década de 1830.....	25
Imagem 5	Edição da Gazeta Oficial de 14 de março de 1859.....	31
Imagem 6	Edição da Gazeta Oficial de 14 de março de 1859.....	32
Imagem 7	Edição da Estrela do Norte de 04 de dezembro de 1864.....	32
Imagem 8	Folhetim Espinhos e flores, publicado no jornal Diário do Gram-Pará de 27 de dezembro de 1863.....	33
Imagem 9	Correio Paulistano de 29 de julho de 1864.....	40
Imagem 10	Publicação do jornal Correio Mercantil de 30 de março de 1863.....	41
Imagem 11	Publicação do jornal A Província do Pará de 19 de janeiro de 1877.....	45
Imagem 12	Imagem do rolo de microfilme do jornal Diário do Gram-Pará de setembro de 1863.....	56
Imagem 13	Imagem do rolo de microfilme do jornal Diário do Gram-Pará, de setembro a dezembro de 1863.....	56
Imagem 14	Imagem do frontispício da primeira edição de <i>Anos de prosa</i> , a única em que estão os romances <i>O Arrependimento</i> e <i>A gratidão</i>	57
Imagem 15	Capa da edição digital da narrativa <i>O Arrependimento</i>	58
Imagem 16	Capa da edição digital da narrativa <i>A gratidão</i>	58
Imagem 17	Imagem do rolo de microfilmagem do ano de 1864 do Diário do Gram-Pará.....	60
Imagem 18	Imagem do rolo de microfilmagem do ano de 1864 do Diário do Gram-Pará.....	60
Imagem 19	Frontispício da 1ª edição do livro <i>Coisas Espantosas</i>	64
Imagem 20	Capa da edição de 2010 do livro <i>Coisas Espantosas</i>	67
Imagem 21	Capa da edição de 2012 do livro <i>Coisas Espantosas</i>	67
Imagem 22	Frontispício da edição de 1856 do livro <i>Scenas Contemporaneas</i>	68
Imagem 23	Frontispício da 2ª edição do livro <i>A neta do arcediogo</i>	70
Imagem 24	Capa da edição do livro <i>A neta do arcediogo</i> , lançada pela Centaur.....	71
Imagem 25	Capa da edição do livro <i>A neta do arcediogo</i> , lançada pelo BiblioBazaar.....	71
Imagem 26	Capa da edição do livro <i>A neta do arcediogo</i> , lançada pelo BiblioBazaar em 2010.....	71
Imagem 27	Jornal Correio Paulistano de 15 de julho de 1864.....	72
Imagem 28	Frontispício da 1ª edição do livro <i>O bem e o mal</i>	73
Imagem 29	Revista Bibliografica Camiliana, 1917, p. 205.....	74
Imagem 30	Revista Bibliografica Camiliana, 1917, p. 142.....	76

Imagem 31	Revista Bibliografica Camiliana, 1917, p. 143.....	77
Imagem 32	Capa da edição do livro O bem e o mal, lançado pela Vercial.....	78
Imagem 33	Frontispício da 1ª edição do livro A filha do doutor negro.....	79
Imagem 34	Capa do livro A filha do doutor negro, lançado pela Nabu Press.....	82
Imagem 35	Capa do livro A filha do doutor negro, lançado pela General Books LLC.....	82
Imagem 36	Bibliographia Camiliana, 1894, p.39..... <i>Print screen</i> da página da web	83
Imagem 37	https://archive.org/details/filhadodoutorneg00castuoft	83
Imagem 38	Dedicatória da 1ª edição de A filha do Doutor Negro.....	86
Imagem 39	“Extracto das Memorias do Carcere...”, 1ª edição de A filha do Doutor Negro....	87
Imagem 40	Imagem do rolo de microfilme do jornal Diário do Gram-Pará de 1864.....	90
Imagem 41	A filha do doutor negro. p 196-197.....	90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Textos de Camilo Castelo Branco publicados no Correio Paulistano em 1863 e 1864.....	41
Quadro 2	Textos publicados no Diário do Gram-Pará entre os anos de 1863 e 1885.....	53
Quadro 3	Edições do Diário do Gram-Pará de posse da Biblioteca Pública Arthur Vianna..	54
Quadro 4	Distribuição dos capítulos do romance Coisas Espantosas no Diário do Gram-Pará.....	55
Quadro 5	Distribuição dos capítulos do romance A neta do arcediago nas edições do Diário do Gram-Pará.....	55
Quadro 6	Distribuição dos capítulos do romance O bem e o mal nas edições do Diário do Gram-Pará.....	59
Quadro 7	Distribuição dos capítulos do romance A filha do doutor negro nas edições do Diário do Gram-Pará.....	61

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	SURGIMENTO DO ROMANCE FOLHETIM NA EUROPA E SUA CHEGADA AO BRASIL.....	16
2.1	A narrativa folhetinesca no Brasil.....	23
2.2	A narrativa folhetinesca no Pará.....	27
3	A PRODUÇÃO ROMANESCA DE CAMILO CASTELO BRANCO.....	34
3.1	A circulação dos romances de Camilo Castelo Branco na imprensa brasileira..	39
3.2	A circulação de romances camilianos no rodapé dos jornais paraenses.....	44
3.3	Os direitos autorais e a publicação de obras portuguesas na imprensa brasileira.....	48
3.4	As narrativas camilianas publicadas na seção folhetim do Diário do Gram- Pará – 1857 a 1886.....	51
4	A HISTÓRIA EDITORIAL DOS ROMANCES CAMILIANOS PUBLICADOS NO DIÁRIO DO GRAM-PARÁ.....	63
4.1	Os romances camilianos em formato livro e sua publicação no espaço folhetim: cotejo.....	84
4.2	O romance A filha do doutor negro.....	86
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
	REFERÊNCIAS.....	96

1 INTRODUÇÃO

A circulação da literatura no espaço folhetim de jornais paraenses do século XIX é um relato vivo da existência de um potencial campo de difusão da leitura literária em Belém, cidade que viveu o desenvolvimento social realizado pelo progresso material de seu ciclo econômico, e que se beneficiou do progressivo avanço cultural em função do importante papel desempenhado pelos jornais que aqui foram editados e publicados.

Espaços férteis de ideias e informações, os jornais de Belém multiplicaram-se à medida que a condição econômica da capital foi melhorando, condição muito favorável à expansão de uma prática já bastante difundida em outros cantos do país, e que não tardou a chegar aqui.

Das páginas dos jornais às estantes de livrarias espalhadas pela cidade, ou vice e versa, a literatura estrangeira foi inicialmente a que mais circulou na capital paraense, o que interferiu nas preferências do leitor da cidade e conseqüentemente nas obras escolhidas, inclusive por editores e redatores, e favoreceu a ampliação de um mercado editorial para os escritores nacionais e locais.

A circulação do folhetim democratizou o acesso aos textos, porque comprar o jornal exigia uma quantia bem menor que a aquisição do livro, geralmente publicado na Europa, da mesma forma que funcionava como um espaço para apresentação de textos de autores que necessitavam de um espaço para publicar seus escritos e um importante meio oferecido aos escritores mais experientes para testar a popularidade de suas obras¹.

Também, importa ressaltar que foi esse gênero um interessante meio de compreensão do contexto sócio-cultural do período, tendo em vista que a obra ficcional perfaz o caminho por que passa a sociedade, podendo ser desta uma expressão.

Dentre os autores que foram lidos no período, pelas páginas do folhetim, o português Camilo Castelo Branco ganhou destaque. Autor de romances que foram publicados em diferentes jornais paraenses, durante vários anos, Camilo Castelo Branco também esteve presente nas listas de anúncios encontrados nos periódicos, com números expressivos de obras para venda, concorrendo, com certa vantagem, para ser um dos autores mais

¹ SOUZA JÚNIOR, Luís Roberto de. **A influência inconfessável**: como o folhetim formou o romance brasileiro. [S.l]: PUCRS. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/64.pdf> Acesso em 22.03.2013..

consumidos pelo leitor de Belém, como podem confirmar também os diversos volumes disponíveis até hoje em importantes bibliotecas da capital, como a biblioteca Fran Pacheco do Grêmio Literário e Recreativo Português, com um acervo de mais de mil obras do escritor, ainda constantemente lidas e pesquisadas. Nesta coleção “Camiliana”, estão os volumes originais de várias edições da bibliografia de Camilo Castelo Branco, inclusive os romances estudados neste trabalho, sínteses do perfil do romance português presente na Belém do período.

Descobrir a obra de Camilo Castelo Branco é uma atividade permanente e instigadora. Em meio aos mais de cem romances escritos pelo autor português, muitos com consagrado reconhecimento e apreço do leitor, há os que podem ser elencados nas relações das grandes narrativas portuguesas do século XIX, pelo alcance junto ao público leitor e pelo sucesso que se estende aos dias atuais.

A produção literária de Camilo Castelo Branco foi capaz de compor os diversos segmentos da comunicação artística na sociedade brasileira do século XIX, pois os trechos ou capítulos de romances publicados aos bocados nos jornais Brasil a fora, podem provar a maciça participação portuguesa na formação da literatura nacional, e nos fazem entender como o autor era há muito um nome de referência no campo da difusão da língua e literatura portuguesas.

As muitas pesquisas realizadas sobre o autor ao longo das últimas décadas, inclusive os trabalhos envolvendo a extensa bibliografia de romances, não restringem os limites dos estudos ainda por vir, já que os contornos da romanesca camiliana garantem sua atualidade e seu potencial de estar comumente nas listas de leituras recomendadas nas instituições de ensino do país.

As constantes publicações de narrativas de Camilo Castelo Branco nos jornais paraenses e as várias referências a seus escritos nos anúncios, são um vasto campo a ser explorado e cobram uma investigação para se compreender de que modo ocorreu a circulação da narrativa lusófona em solo paraense. Esta investigação leva em conta o modo como o editor local lidava com as obras portuguesas, assim como o próprio Camilo Castelo Branco, sempre atento aos direitos do autor, questão também examinada nas páginas seguintes.

Com destaque para quatro narrativas do autor - **Coisas espantosas** (grifo nosso), **A neta do arcediogo** (grifo nosso), **A filha do doutor negro** (grifo nosso) e **O bem e o mal** (grifo nosso), publicadas na seção folhetim do jornal **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso),

importante diário local, é possível entender como os grandes veículos de imprensa foram responsáveis pela difusão do nome de Camilo Castelo Branco na cidade de Belém do Pará.

O acesso do leitor aos romances camilianos foi oportunizado inicialmente pela publicação do folhetim no jornal, uma vez que essa prática expandiu a circulação de narrativas junto ao público. Mas Camilo Castelo Branco soube seduzir o leitor, e aplicou as estratégias próprias do folhetim para envolver o público, inclusive por expor de antemão as possíveis reações deste diante das situações narradas, em relação às quais o narrador demonstra total compreensão, sendo esta habilidade do escritor, um elemento fundamental de seu sucesso no mercado bibliográfico paraense.

Provocador, Camilo Castelo Branco amplia o alcance da sua bibliografia por explorar temas de interesse público, como as dificuldades das relações sociais, os princípios morais que regem os comportamentos humanos e as tensas relações familiares, sem deixar de tratar o ser humano em toda sua complexidade, como um observador profundo das razões que movem a existência.

Além do estudo sobre os diversos trabalhos que vem sendo feitos sobre a presença do escritor português nos jornais, com destaque para os trabalhos de Germana Sales, Sara Vasconcelos e Kelly Souza², entre outras, embasam este trabalho, uma criteriosa investigação em microfilmes disponíveis com as edições do **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso), assim como edições de jornais de outros estados. Neste caso, optou-se por selecionar jornais de estados de entrada de muitas obras, como São Paulo e Rio de Janeiro, de onde foram destacados os jornais **Correio Paulistano** (grifo nosso) e **Correio Mercantil** (grifo nosso), respectivamente, nos anos de 1863 e 1864, lapso de tempo que coincide com a presença das obras aqui analisadas nas edições do **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso).

O estudo da história editorial dos romances identificados no periódico paraense citado compreende o caminho do romance desde sua primeira edição até as publicações atuais, o que é capaz de desnudar de que forma a obra permaneceu, alcançando o leitor de hoje, distante da origem dos romances, mas não menos interessado em consumi-los.

Para conhecer mais em detalhes essa presença portuguesa na sociedade paraense, ainda são apresentadas informações resultantes do cotejo entre a publicação das narrativas na seção folhetim do **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso) e a publicação em livro, conforme as

² SOUZA, Kelly Andressa Leite. **Os anúncios em jornais e a circulação do romance na cidade de Belém do Pará (século XIX)**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

edições, com destaque dado ao romance obra **A filha do doutor negro** (grifo nosso), em que o cotejo se faz página a página, comparando os capítulos do romance presentes no jornal com a edição que lhe é correspondente.

Além de informar sobre a presença portuguesa no estado do Pará, este trabalho visa estreitar o contato do leitor local com as obras de Camilo Castelo Branco pouco conhecidas pelo leitor de hoje, acostumado a ver o escritor pela via unicamente do romance **Amor de Perdição** (grifo nosso), importante obra de Camilo Castelo Branco, mas incapaz de reduzir em si toda a riqueza das criações do autor.

2 SURGIMENTO DO ROMANCE-FOLHETIM NA EUROPA E SUA CHEGADA AO BRASIL

Na evolução dos hábitos de leitura da humanidade, também construído pela circulação de livros, o papel desempenhado pelos periódicos – jornais e revistas – no século XIX em especial, foi determinante para desenvolver o crescimento social em nações como a França, a Alemanha e os Estados Unidos, onde o acesso aos livros ainda era limitado a classes economicamente privilegiadas, em razão do alto custo desses bens.

A criação de periódicos a preços menores permitia o acesso a informações providas do mundo inteiro. Essa difusão ocorria de modo bastante dinâmico, porque chegava semanalmente ou diariamente, o que permitiu o crescimento de uma legião de leitores, ao ponto de fazer surgir também uma legião de novos periódicos.

Nesse período, a concorrência incentivou a diversidade nas publicações, e os periódicos passaram a se aperfeiçoar ao ponto de buscarem novos meios de atender aos anseios do leitor. Dentre as estratégias estava a de apresentar obras literárias aos pedaços, com o fito de atrair o público, como esclarece Steven Fischer ao tratar dessas impressões: “[...] Na verdade, muitas das mais famosas obras literárias de ficção da época chegavam a público, pela primeira vez, por meio de jornais diários ou revistas semanais ou mensais”³.

Era o encontro do objeto de valor artístico com o seu então dileto difusor; e era o encontro da obra literária com o seu grande público, parte dele cativo, formado pelas mulheres, que serão grandes leitoras de obras literárias distribuídas pelo século XIX, e vão contribuir decisivamente para os novos rumos tomados pela sociedade a partir de então. Conforme Steven Fischer:

De fato, essa era a época das leitoras mulheres também, as quais – nos salões e circuitos literários, em casa e até no trabalho – conquistavam seu direito, não só lendo muito, mas também contribuindo de forma inédita para a produção literária nos respectivos países. Por certo, esse desenvolvimento foi o preparo para a emancipação social das mulheres no século XIX, um resultado que se deve muito à aquisição de hábitos de leitura mais liberais e à expansão da leitura no século XIX.⁴

A relação entre a imprensa e a literatura na França do século XIX foi capaz de estabelecer novos paradigmas artísticos, ao ponto de fazer surgir um modo de expressão literária somente difundido por meio da circulação de jornais. Trata-se do romance-folhetim,

³ FISCHER, Steven R. **História da leitura**. Tradução Claudia Freire. – São Paulo: UNESP, 2006. p. 262.

⁴ Ibidem, p. 264.

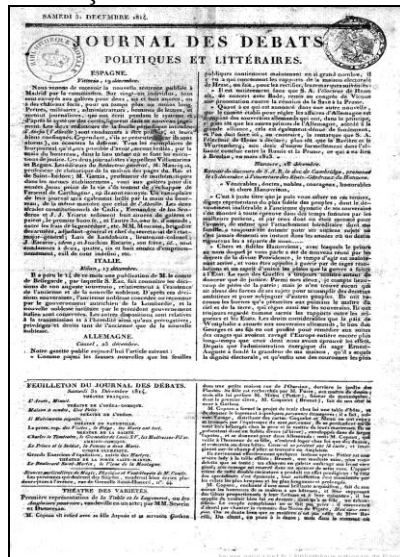
um gênero ficcional que se fez presente no rodapé dos periódicos, marcadamente no século XIX, cujas características dão conta da rica presença da literatura na sociedade e da influência desta no processo de criação literária.

Inicialmente idealizado para entreter o leitor dos jornais, interessado nas informações do dia ou da semana, a seção folhetim – do francês *le feuilleton* – desempenhou um papel fundamental para a disseminação do gosto pela leitura de textos literários, porque o espaço – também conhecido como *rez-de-chaussée* ou pavimento térreo – fez nascer o hábito da leitura diária, cotidiana e, posteriormente, aproximou a obra literária do público a que se destinava, ao superar o difícil e caro caminho até a publicação do livro.

Num primeiro momento marcado pela publicação dos mais variados tipos de textos, entre piadas, charadas e receitas culinárias, o *rez-de-chaussée* dos jornais foi um democrático espaço de recepção para autores iniciantes e veteranos, que logo passou a ser ocupado exclusivamente por textos ficcionais, os chamados romances folhetinescos, cujo forte apelo comercial vai se manifestar em outros lugares, também pela publicação em folhetins de obras de autores consagrados em versões traduzidas para diferentes países.

No ano de 1814, o francês *Journal des débats* já mantinha com regularidade a coluna “Feuilleton”, no pavimento térreo, como a seguir se vê na ilustração da edição de 31 de dezembro⁵:

Imagem 1- Edição do *Journal des débats* de 31 de dezembro de 1814



Fonte: ARQUIVO DA BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA. 2013.

⁵ ARQUIVO DA BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k421137j.image.langFR>>. Acesso em: 13 set. 2013.

Desde esse início na França, aperfeiçoado por Émile Girardin com seu jornal *La Presse*, e por Armand Dutacq e seu *Le Siècle* ainda em forma de seção de variedades, passando por Balzac, quando publica a obra *La vieille fille* em 1836, e por Alexandre Dumas com *Capitaine Paul* em 1838, o romance em folhetim – ou romance-folhetim⁶ – democratizou o acesso ao bem artístico, sem qualquer pretensão mais oficial que não fosse o de ampliar a venda de periódicos, tendo em vista o interesse em entreter o leitor, a então razão de ser da seção. O número de publicações com a presença dos folhetins multiplicou-se nessa época, e o folhetim ganhou destaque. Abaixo, a primeira página da edição de 05 de agosto de 1836 do jornal *Le Siècle*⁷ de Armand Dutacq, na qual consta *Lazarillo de Tormes*, obra inauguradora da ficção em jornais, na forma folhetinesca⁸:

Imagem 2 – Edição do jornal *Le Siècle* de 05 de agosto de 1836



Fonte: ARQUIVO DA BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA. 2013.

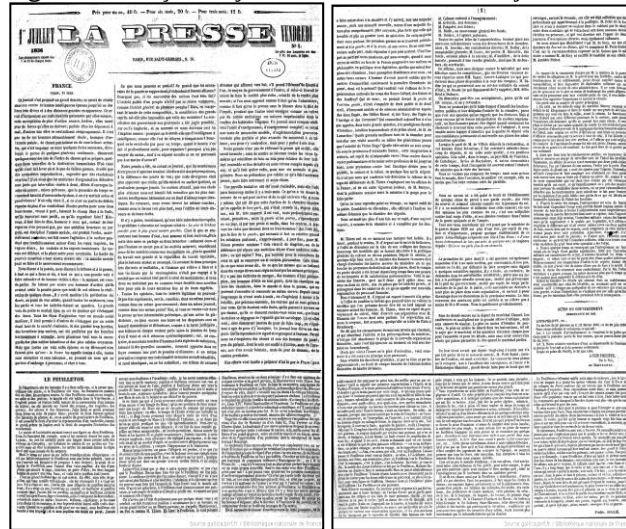
⁶ SERRA, Tânia Rebelo Costa. **Antologia do romance-folhetim: (1839 a 1870)**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1997. p. 21. A pesquisadora nos oferece uma boa diferença entre romance em folhetim e romance-folhetim, a qual reside no fato de aquele se preocupar com sua unidade narrativa, exigível para seu valor estético, enquanto o segundo se constrói ao sabor do leitor, em capítulos apartados, cuja publicação aos pedaços caracteriza sua própria natureza.

⁷ ARQUIVO DA BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k426750t.image.langFR>>. Acesso em: 14 set. 2013

⁸ MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das letras, 1996. p.59. Esta é a informação que nos fornece a pesquisadora. Ressalte-se, porém, que a seção folhetim já existia décadas antes, como seção de variedades.

Embora a publicação acima seja considerada a primeira de texto ficcional na seção folhetim⁹, cabe esclarecer, que importantes folhetinistas do período já figuravam nos jornais da época, meses antes. É o caso do escritor francês Frédéric Soulié, com um texto publicado já no primeiro número do jornal de Girardin na seção folhetim¹⁰, conforme a imagem abaixo:

Imagem 3 – Edição do jornal *La Presse* de 01 de julho de 1836



Fonte: ARQUIVO DA BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA. 2013.

Sobre esse início do folhetim e toda a atmosfera característica desse surgimento, Marlyse Meyer informa:

Aquele espaço vale-tudo suscita todas as formas e modalidades de diversão escrita: nele se contam piadas, se fala de crimes e de monstros, se propõem charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza; aberto às novidades, nele se criticam as últimas peças, os livros recém-saídos – o esboço do *Caderno B*, em suma. E, numa época em que a ficção está na crista da onda, é o espaço onde se pode treinar a narrativa, onde se aceitam mestres e noviços do gênero, histórias curtas ou menos curtas e adota-se a moda inglesa de publicações em série se houver mais textos e menos colunas.¹¹

E ainda acrescenta:

Torna-se tão importante esse espaço da liberdade e da recreação que, ao lançarem depois da revolução burguesa de 1830 as bases da moderna revolução jornalística, Émile de Girardin e seu ex-sócio e pirateador, Dutacq, logo perceberam as vantagens financeiras que dele tirariam. Deram ao *feuilleton* o lugar de honra do jornal [...] ¹²:

⁹ MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. – São Paulo: Companhia das letras, 1996.

¹⁰ ARQUIVO DA BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA. Disponível em: < <http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 13 set. 2013.

¹¹ MEYER, Marlyse, op. cit., p. 57/58.

¹² Idem.

Impulsionado pelos interesses dos editores de jornais em vender mais números, o romance-folhetim desponta como uma grande novidade, capaz de delinear um novo modo de escrita, muito popular. Tânia Serra frisa este aspecto ao informar: “O estilo do romance-folhetim, por outro lado, não tem qualquer compromisso com as formas literárias conhecidas e regulamentadas pelas poéticas da época”¹³.

Daí as especificidades do gênero, com suas marcas estéticas voltadas para o envolvimento do leitor na trama, com a manutenção do mistério garantida pela interrupção da sequência narrativa em cada capítulo, conforme iam sendo distribuídas as novas edições dos jornais e, conforme Meyer, “novas condições de corte, suspense, com as necessárias redundâncias para reativar memórias ou esclarecer o leitor que pegou o bonde andando”.¹⁴

Marcado pelo melodrama e acusado de possuir uma essência sensacionalista, o romance-folhetim apresenta um esquema básico, em que o drama vivido é o banquete degustado pelo ávido leitor, conforme comenta Tânia Serra:

Os personagens, normalmente, são tipos, estereótipos mesmo, incluindo pelo menos três principais: o herói, a heroína e o vilão. Há variações entre os protagonistas, que podem ser, por exemplo, a dupla homem honrado/mulher virtuosa, sem as conotações de extrema juventude e beleza que está por trás do tema do amor à primeira vista, já descrito por Bakhtin.

Essas longas histórias, em capítulos que terminam sempre em suspense, passam a ser encomendadas pelos jornais e, se apareciam primeiro nos rodapés, em breve já vêm em encartes que o leitor pode separar, colecionar e ter um livrinho ao fim de alguns meses. Passam de “entrada” a “prato principal”, se é que se pode usar esta analogia antropofágica.¹⁵

Em observação ao caráter popular do romance-folhetim e a aproximação do autor com o público, expressão da necessidade da obra por encomenda e aos pedaços, José Ramos Tinhorão observa que o folhetim foi capaz de interferir na produção do romance que passou a ser escrito:

Todas essas particularidades, surgidas em consequência do tipo especial de exercício literário que era o de escrever (às vezes por encomenda) para um público cujos interesses e expectativas deviam ser respeitados, ia passar à literatura oficial em todo o mundo, na área do romance, quando mais não fosse, pelo fato de a maioria dos “grandes autores” terem tido grande parte de suas obras publicadas inicialmente como folhetins de jornal.¹⁶

¹³ SERRA, Tânia Rebelo Costa. **Antologia do romance-folhetim: (1839 a 1870)**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1997. p. 23.

¹⁴ MEYER, Marlyse, op. cit., p. 59.

¹⁵ SERRA, Tânia Rabelo Costa, op. cit., p. 24.

¹⁶ TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em folhetim no Brasil: 1830 à atualidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1994. p. 11.

Sobre a massificação da literatura realizada pelo romance-folhetim, Tânia Serra menciona:

O romance-folhetim, (...), é, portanto, já no século XIX, um gênero popular, por atender mais à necessidade de divertimento do leitor do que à sua reflexão filosófico-metafísica. Ele é uma das primeiras manifestações da cultura de massa que emerge do seio do capitalismo na Europa industrializada [...]¹⁷

Importante não apenas para a divulgação do universo literário, pela sua integração no dia a dia dos leitores de jornais, os romances-folhetins foram um meio de consolidação de periódicos novos, que uma vez trazendo em suas seções trechos de romances de autores renomados, poderiam alcançar prestígio e reconhecimento entre os leitores.

Assim como na Europa, a presença dessas publicações nos jornais e revistas brasileiros foi frequente, e fundamental para a formação do nosso público leitor, com a ressalva de que por aqui foi necessário superar os obstáculos impostos pela condição de ex-colônia, porque a realidade comum ao Brasil do século XVIII, ainda era a de um país onde a população pouco participava das manifestações literárias.

Produto de um grupo seletivo e ainda a serviço da dominação europeia, a literatura expressou-se nos grêmios e academias existentes no país, em cujas reuniões eram construídas algumas das ideias norteadoras da independência cultural alcançada tempos mais tarde.

As contribuições desses grupos tornaram-se evidentes por diversos aspectos. Foi nesses agrupamentos que se pode definir entre nós o *status* e o papel do escritor enquanto tal – o letrado¹⁸. Além disso, eles funcionaram como um movimento de formação de uma coletividade leitora, conforme Antonio Cândido explica:

Vista do ângulo do *consumo*, não da produção literária, a agremiação desempenhou outra função de igual relevo: proporcionar a formação de um público para as produções literárias. Não apenas os próprios consócios formavam grupo receptor em relação uns aos outros, como as atividades gremiais reuniam ou atingiam os demais elementos que na Colônia estavam em condições de apreciá-las. Foi, portanto, um *autopúblico*, num país sem públicos.¹⁹

Desse passo inicial ao outro, de efetiva formação, passaram-se cerca de oitenta anos. Do início de uma consciência artística de pátria – com o **Parnaso Brasileiro** (grifo nosso) (1829-31) de Januário da Cunha Barbosa – passando pela fortuna do romance

¹⁷ SERRA, Tânia Rebelo Costa, op. cit., p. 25.

¹⁸ CÂNDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. 7 ed. – Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1993. v. 1. p. 74.

¹⁹ Idem.

oitocentista, com Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar, a ficção brasileira não teria o desenvolvimento que teve sem a grata interferência dos jornais.

Conforme menciona Antonio Cândido, o Brasil era um país sem público leitor e a formação que se vê da prática da leitura em nosso país obedeceu a diversas transformações, seguidas em décadas, como o desdobramento de uma realidade sócio-política até então não sentida aqui. O estabelecimento do Brasil como espaço de recepção e permanência da coroa portuguesa no início do século XIX traçou um novo perfil local, porque a reordenação das políticas portuguesas fez nascer um novo panorama social, necessário para nossa formação literária.

Com a fundação da Biblioteca Real e da Impressão Régia no Brasil do início do século XIX, tornou-se possível o desenvolvimento da atividade de circulação de textos, e o leitor passou a ter acesso a publicações estrangeiras traduzidas e a obras de escritores locais, da mesma forma que se desenvolveram as ideias liberais já alimentadas pelo advento do Romantismo.

Não apenas pela função burocrática que desempenhou até 1822, mas pela colaboração com o desenvolvimento cultural brasileiro, por ter sido decisiva na ampliação do número de obras em circulação no país, e por ter incentivado o surgimento de editores, inclusive de Paulo Augusto Martin, filho de um importante editor português – Paulo Martin – a Impressão Régia se destacou em outro aspecto, surpreendente para a realidade da impressão bibliográfica no Brasil do período e reveladora das importantes relações entre Brasil e Portugal, como ressalta Márcia Abreu:

A partir da instalação da Impressão Régia no Rio de Janeiro, coube aos moradores de Lisboa ter de esperar para receber e ler obras impressas do outro lado do Atlântico, invertendo uma condição secular, que forçava os habitantes do Brasil a aguardar pelos impressos produzidos na Europa. O interesse do livreiro lisboeta em fazer, transportar e vender títulos dados à luz no Rio de Janeiro revela que os livros saídos dos prelos cariocas pareciam atrativos, mesmo para aqueles que tinham à disposição diversas tipografias e casas impressoras, como era o caso dos que viviam em Lisboa.²⁰

Na década de 1820, surgiram diversas tipografias no Brasil, e a nova realidade promoveu a diversificação dos editores e o aumento do acesso aos meios de impressão.

²⁰ ABREU, Márcia. Duzentos anos: os primeiros livros brasileiros. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Org.). **Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: UNESP, 2010. p. 42-65.

Alçada pelas possibilidades abertas com as tipografias, a circulação de textos em prosa de ficção no Brasil atingiu a um público cada vez mais diversificado e o acesso ao produto artístico passou a estar incluído entre as corriqueiras atividades do dia a dia, durante a leitura do jornal diário. Sobre a penetração da leitura de colunas literárias e do folhetim francês no Brasil, Meyer acrescenta:

Tão fulgurante e rápida penetração do folhetim francês sugere a constituição no Brasil, nas décadas de 1840 e de 1850, de um corpo de leitores e ouvintes consumidores de novelas já em número suficiente para influir favoravelmente na vendagem do jornal que as publica e livros que as retomam.²¹

Também no Brasil esse aspecto da rápida difusão dos folhetins junto ao público se fez notar e essa presença marcante foi além do patrocínio de novos jornais, haja vista a marca das técnicas narrativas folhetinescas poderem ser identificadas com importantes aspectos do romance brasileiro a partir de então, ao ponto de todos os romancistas do período terem de algum modo confessado a influência recebida dos folhetins.

2.1 A narrativa folhetinesca no Brasil.

A chegada de folhetins em traduções de originais franceses provocou um incremento na atividade literária brasileira, porque o mercado aberto às produções estrangeiras estendia suas influências ao aparecimento de novos escritores, motivados pelo desejo de ver em seu país um espaço de grandes produções artísticas e seduzidos pela possibilidade de popularização de suas obras, lidas por um público em franco crescimento.

Ancorada numa prática que entra no país pela imprensa do Rio de Janeiro – então capital do Império – quando houve as primeiras edições de textos de variedades no espaço do rodapé do **Jornal do Comércio** (grifo nosso), seguidas de publicações de textos estrangeiros ainda na década de 1820, e depois por narrativas brasileiras como **Olaya e Júlio** (grifo nosso) ou **a Periquita** (grifo nosso), “novela brasileira”, sem indicação de autoria, em 1830²², a publicação no “pé-da-página” dos jornais se desenvolveu de modo mais ou menos semelhante em centros importantes do país, conforme provado pelas pesquisas até hoje realizadas por

²¹ MEYER, Marlyse, op. cit., p. 292.

²² TINHORÃO, José Ramos, op. cit., p. 49.

Yasmin Nadaf²³, sobre a circulação de literatura nos jornais mato-grossenses e por Socorro Pacífico²⁴ sobre as narrativas em periódicos na Paraíba, nas quais também foi investigada a imprensa do Rio de Janeiro, o que pode ser reafirmado quanto às pesquisas que vêm sendo feitas no Pará, realizadas por Germana Maria Araújo Sales, Izenete Garcia Nobre, Kelly Souza, Maria Lucilena Gonzaga Costa, Lady Ândrea Carvalho da Cruz, Patrícia Carvalho Martins, e Sara Vasconcelos e Simone Cristina Mendonça, onde a circulação dos folhetins se deu de modo bastante dinâmico, especialmente em Belém.

Importa destacar que a apresentação dos textos no Brasil muitas vezes prescindia da identificação da autoria. Assim ocorreu desde o início, com **Olaya e Júlio** (grifo nosso) ou **a Periquita** (grifo nosso), como acima dito, e com outros folhetins em jornais espalhados pelo país. José Tinhorão anota este fato na lista que elabora em seu “Os romances em Folhetins no Brasil” (1994), sobre os folhetins publicados no Brasil entre 1830 e 1994. Dentre as dez primeiras obras publicadas no Brasil em folhetins, quatro não apresentaram indicação de autoria, prática de que se repetiu em todas as províncias na época.²⁵

Na próxima página, a página 08 da **Revista Beija-flor** (grifo nosso) onde fora publicada a novela **Olaya e Júlio** (grifo nosso) ou **a Periquita** (grifo nosso):²⁶

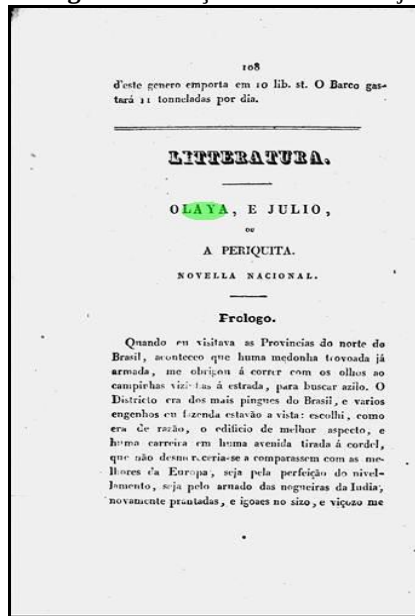
²³ Dentre outras referências, citamos o livro “**Rodapé das miscelâneas** – o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7Letras, 2002”, no qual a estudiosa traça um minucioso panorama sobre a publicação de ficção nos periódicos mato-grossenses.

²⁴ No livro “**Jornal e Literatura**: a imprensa brasileira no século XIX. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.” A escritora traz valiosas informações sobre a circulação de periódicos no Brasil do século XIX, no nordeste.

²⁵ Esta questão dos direitos autorais no Brasil, relativa às publicações de livros e folhetins, será assunto tratado em capítulo posterior.

²⁶ BIBLIOTECA NACIONAL. **Hemeroteca digital**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=701157&pasta=ano%20183&pesq=olaya>>. Acesso em: 13 ago. 2013.

Imagem 4 – Edição da Revista Beija-Flor, 1830.



Fonte: BIBLIOTECA NACIONAL. 2013.

A presença regular dos folhetins no Brasil se fez notar a partir das publicações nas folhas cariocas **Jornal do Comércio** (grifo nosso) – com **O capitão Paulo** (grifo nosso) de Alexandre Dumas, em 1838, mesmo ano da publicação do original francês – **Gazeta do Rio de Janeiro** (grifo nosso) e **Marmota Fluminense** (grifo nosso)– quando, ao longo dessa década de 1830, e de 1840, as publicações se disseminaram, e tornaram-se mais explícitas as influências das técnicas folhetinescas na ficção nacional, como afirma Tinhorão:

Ora, como no Brasil o comércio de livros ainda era extremamente reduzido, nas décadas de 1830 e 1840, seria essa linha mais novelesca de romantismo, representada pelas histórias parceladas em folhetins, que iria influir de saída não apenas na formação do gosto dos leitores, mas na própria técnica das primeiras gerações de romancistas brasileiros.²⁷

Em 1839, foi inaugurada entre nós a rotina da literatura brasileira no jornal. Nesse ano, foi lançado também no periódico carioca **Jornal do Comércio** (grifo nosso), o romance histórico **O Aniversário de D. Miguel em 1828** (grifo nosso), primeira obra do historiador e jornalista João Manuel Pereira da Silva e primeiro texto nacional a ocupar o rodapé de um jornal no Brasil.

Embora os textos indicados anteriormente tenham tido destaque nos contatos iniciais entre a literatura e o jornal no Brasil, parece ter sido outra narrativa a precursora do romance-folhetim brasileiro a figurar nos jornais de nosso país. Trata-se de **Os assassinos misteriosos**

²⁷ TINHORÃO, José Ramos, op. cit., p. 20.

(grifo nosso), ou **a paixão dos diamantes** (grifo nosso), de 1839, de Justiniano José da Rocha. Ocorre, porém, conforme alerta Tânia Serra²⁸, que o texto seria uma “tradução livre”, conforme indicação de seu próprio autor.

Acrescente-se aos questionamentos em torno de uma origem do nosso romance-folhetim, o romance **O filho do pescador** (grifo nosso), de Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa, de 1843, o qual, nas palavras de Tânia Serra²⁹: “Embora prevaleça a versão de que é **A moreninha** (grifo nosso), (1844) o primeiro brasileiro, não há dúvida de que **O filho do pescador** (grifo nosso), é romance, e romance-folhetim (...)”. Seria esta então, a primeira narrativa ficcional brasileira a circular nas páginas de jornal.

De todo modo, o sucesso das fórmulas levadas ao público na França – capital cultural do século XIX – acabou por determinar o tipo de romance e o autor que viria a ser publicado nos jornais brasileiros, haja vista o interesse do editor em aumentar o número de assinantes de seu jornal, o que se alcançava com a oferta ao leitor de obras consagradas ou muito bem recepcionadas em outro país, especialmente na França. Daí porque se pode observar certa similaridade com os elementos da cultura e da geografia estrangeiras nos enredos dos romances nacionais.

A difusão dos folhetins nos jornais brasileiros ocorreu na mesma época em que começava a se manifestar entre nós o estilo romântico, encontro que favoreceu a presença da literatura nos jornais porque atendeu ao gosto do leitor do período, especialmente formado por mulheres. A este respeito, Tinhorão acrescenta:

Ainda em consequência do espírito dos folhetins de jornal, os escritores das primeiras gerações de romantismo tinham sempre em mente, como leitor em potencial, a Imagem de uma mulher: a dona de casa ou a moça de família que buscava na literatura um momento de sonho e de lazer, e cuja boa moral seria inconveniente (e até perigoso) contrariar.³⁰

Apesar das peculiaridades da formação de nossa ficção, marcada pela permanente busca de uma identidade nacional, e fortemente determinada pela influência europeia, é inegável que foi do contato com a literatura estrangeira, cujo caminho até o Brasil foi também trilhado pelo folhetim, que se formou o modo de ser da narrativa brasileira, e boa parte das

²⁸ SERRA, Tânia Rebelo Costa, op. cit., p. 57.

²⁹ Ibidem, p. 111

³⁰ TINHORÃO, José Ramos, op. cit., p. 25.

“incongruências ideológicas”, nas palavras de Roberto Schwarz³¹, manifestadas nas obras de romancistas brasileiros de peso como José de Alencar, e resultantes da desarmonia entre o modelo escravista e os elementos presentes nas narrativas oitocentistas brasileiras, muito europeizantes, podem ser vistas como o meio de demonstrar o senso de realidade do escritor, conhecedor das peculiaridades culturais existentes no processo de formação de nossa literatura.

Tomando como referência os textos publicados no **Jornal do Comércio** (grifo nosso), no **Diário do Rio de Janeiro** (grifo nosso), e no **Correio mercantil** (grifo nosso), Ilana Heineberg identifica três fases do romance-folhetim no Brasil: mimética – em que se viu a busca do escritor brasileiro por aproximar seu romance da narrativa estrangeira, tomada como modelo; a aclimação – em que se veem constantes referências ao espaço geográfico brasileiro, num compromisso em retomar o passado e reafirmar a história; e a transformação³², quando o romance, mesmo consciente do papel que desempenhara a matriz europeia que lhe deu origem, ingressa em um caminho próprio, no qual os costumes comuns ao Brasil passam a dominar. A existência das fases, conforme ressalta Heineberg, prova ter sido a formação do romance-folhetim brasileiro um processo dinâmico e irregular, cuja penetração em cada canto do país foi capaz de influir na constituição da literatura nacional.

Embora existam essas fases, a circulação dos folhetins não se desenvolveu da mesma forma em todos os estados do país.

2.2 A narrativa folhetinesca no Pará.

Impulsionado pelo desenvolvimento da atividade tipográfica em outros cantos do Brasil, o desenvolvimento social permitido pela formação da cultura letrada no Pará também pode ser visto como resultante da expansão do comércio livreiro.

Em que pese o deslocamento geográfico e a extensão territorial, o chamado “custo Amazônia”, tão caro ao progresso da região em épocas mais atuais, a história de Belém revela que a sociedade local, no século XIX, pode desfrutar de uma realidade similar ao que se vivia nos grandes centros difusores de cultura do país. Também aqui houve um forte

³¹ SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**: Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2000.

³² HEINEBERG, Ilana. Miméticos, aclimatados e transformadores: trajetórias do romance-folhetim em diários fluminenses. In: ABREU, Márcia (org.). **Trajetoórias do romance**: circulação leitura e escrita nos Séculos XVIII e XIX. Campinas, São Paulo: Mercado das letras, 2008. p. 497-522.

desenvolvimento da imprensa, com a consequente ampliação das atividades de circulação de livros e a formação de um público interessado na leitura literária. Importante passo desse processo foi a fundação, em Belém, da tipografia de Daniel Garção de Melo no ano de 1821.³³

O incremento da atividade de impressão e os ideais liberais chegados por aqui colaboraram para o surgimento da imprensa, com a fundação, em 1822, do primeiro jornal local – **O Paraense** (grifo nosso)– responsável por propagar conceitos políticos em voga na Europa da época, o que em muito contribuiu para a formação política dos habitantes da província, lugar onde a população sofria com o baixo acesso à educação, inclusive na capital Belém.

O contexto econômico de Belém também contribuiu para o seu desenvolvimento social e intelectual. Acerca destes aspectos da província, Germana Sales informa:

Na segunda metade do século XIX, momento áureo do ciclo da borracha, a província do Grão-Pará passou por grandes transformações culturais. A exploração e a exportação desse produto adquiriram grande significado econômico, o que beneficiou a capital Belém com o progresso, intensificando sua urbanização e desenvolvimento, quando foram inauguradas importantes instituições responsáveis pelo desenvolvimento intelectual e cultural da região³⁴.

Com uma expressiva quantidade de jornais circulando na cidade, logo a lógica aplicada ao contexto de desenvolvimento das narrativas em rodapés chegou ao Pará, onde os romances-folhetins tiveram grande destaque na imprensa, ao lado de outros gêneros.

Desde **O Paraense** (grifo nosso), o número de periódicos se multiplicou de modo bem importante, com o consequente aumento da circulação de livros, como provam os anúncios de diversas obras em jornais locais, realidade possível devido ao surgimento de mais tipografias, desde já um negócio lucrativo.

A respeito das tipografias abertas em Belém nesse período, Izenete Garcia Nobre informa:

³³ ABREU, Márcia; BRAGANÇA, Aníbal, op.cit., p. 65.

³⁴ SALES, Germana Maria Araújo. Marcas da Leitura na Belém Oitocentista. In **Revista de Cultura do Pará**. Belém, v.18, n. 1, p. 95-110, jan./jun. 2008.

A possibilidade de enriquecimento, na região onde a borracha era a moeda de troca, colaborou para a competitividade no mercado de tipos, a ponto de se instaurar uma disputa no negócio da impressão de tipos. Assim, surgiram no mercado tipógrafos e encadernadores como A. J. Rabello Guimarães, Levindo Ribeiro, Carlos Seidl, J. Mendes Cavalleiro, Frederico Carlos Rhossard entre outros. Qualquer indivíduo poderia encontrar esses estabelecimentos, nas principais ruas e travessas do bairro comercial da cidade. Frederico Rhossard, por exemplo, possuía tipografia e residência na Travessa São Matheus, atual Padre Eutíquio.³⁵

Uma vez instalada essa nova realidade tipográfica em Belém, foi incluída na rotina dos leitores locais o acesso aos livros de nomes importantes da literatura estrangeira, obras conhecidas por meio das livrarias aqui abertas, as quais ofereciam um número significativo de livros a preços variados.

Da mesma forma, passou a integrar o cotidiano dos leitores a companhia das narrativas publicadas em seções nos jornais da época. Prática já bastante difundida em outras províncias, a presença de literatura na imprensa local seguiu a uma lógica mais ou menos semelhante ao que ocorria no restante do país, quanto à escolha das obras e a presença desses textos nos periódicos. A década de 1840 trouxe o primeiro texto ficcional em um jornal local, foi a narrativa **O velho mendigo** (grifo nosso), publicada no jornal **Treze de Maio** (grifo nosso).³⁶

A presença de anúncios nos jornais, bem como a existência de Gabinetes de leitura, como o do Grêmio Literário Português, inaugurado em 1867, provam a intensa atividade de impressão e circulação de romances na cidade de Belém, como observou Germana Sales³⁷, pois confirmam o interesse da população pelos impressos bibliográficos, nos jornais ou em formato livro, sem que necessitasse arcar com altos custos para ter acesso a obras publicadas fora da cidade ou até do país.

Acerca da dinâmica dos gabinetes, Maria Angélica Lau Pereira Soares, ao tratar do prefácio **d'O Gabinete de Leitura** (grifo nosso), **Serões da Famílias Brasileiras** (grifo nosso), **Jornal para todas as classes, sexos e idades** (grifo nosso), periódico semanal publicado pela Typographia do Commercial, no Rio de Janeiro, esclarece:

³⁵ NOBRE, Izenete Garcia. **Leituras a vapor**: a cultura letrada na Belém oitocentista. 2009. 128f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Faculdade de Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009, p. 42.

³⁶ MARTINS, Patrícia Carvalho. **Jornal do Pará**: o caminho literário entre espaços e diálogos na Belém oitocentista. 2011. 122f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará. Belém, 2011. p. 16.

³⁷ SALES, Germana Maria Araújo. O romance como ponte: o espaço lusófono no Brasil oitocentista. In: SALES, Germana Maria Araújo; FURTADO, Marli Tereza; DAVID, Sérgio Nazar (Orgs.). **Interpretação do texto, leitura do contexto**. Rio de Janeiro: Sete letras, 2013. p. 203-216.

Talvez sob inspiração do Real Gabinete Português de Leitura, inaugurado na corte do Rio de Janeiro em maio daquele ano, o prefácio inicia-se ensinando ao leitor o que é um gabinete de leitura. De caráter ao mesmo tempo comercial e cultural, esses estabelecimentos propiciavam aos seus subscritores acesso aos livros, sem que houvesse a necessidade de compra. Assim, ao estabelecer a similaridade entre o título do periódico e a instituição gabinete de leitura, os redatores remetiam-se ao que havia de mais moderno em termos de facilitação de acesso à leitura na época.³⁸

Interessante também é observar que a extensão dos textos publicados nos rodapés pode ser considerada outro sinal de que o público se interessava pela leitura das narrativas, já que era comum a apresentação de capítulos inteiros nos jornais, os quais chegavam a ocupar duas páginas, em 12 (doze) colunas do periódico, ou então boa parte da primeira página, dados que podem confirmar que a apresentação do texto obedecia a um critério que não necessariamente atendia ao interesse da edição do jornal, mas considerava a presença do texto algo esperado pelo público leitor do periódico.

Dos jornais que circulavam na Belém oitocentista, alguns foram mais representativos para se entender como ocorreu a circulação da literatura na imprensa, quais sejam: **A Província do Pará** (grifo nosso) – que circulou de 1876 a 1908 – em que a presença de autores portugueses foi significativa, a **Gazeta Oficial** (grifo nosso) – de 1858 a 1866 –, **o Diário de notícias** (grifo nosso) – 1880 a 1897 – o **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso) – 1853 a 1892 – e a **Folha Norte** (grifo nosso) – de 1896 a 1974.

Além de textos franceses, dos quais são exemplo *Sophia Printems* de Alexandre Dumas Filho, em versão para o jornal **Diário de notícias**, publicado em 1886³⁹, também autores portugueses e nacionais, inclusive paraenses, circularam nos jornais da capital, além de um grande número de textos sem autoria, conforme revelam as pesquisas realizadas por Germana Maria Araújo Sales, Izenete Garcia Nobre, Kelly Souza, Lady Ândrea Carvalho da Cruz, Maria Lucilena Gonzaga Costa, Patrícia Carvalho Martins, Sara Vasconcelos e Simone Cristina Mendonça, como já informamos anteriormente.

As pesquisas demonstram que os jornais da época ensejaram a compreensão em torno da condição social das pessoas, também porque os folhetins, seus temas e forma,

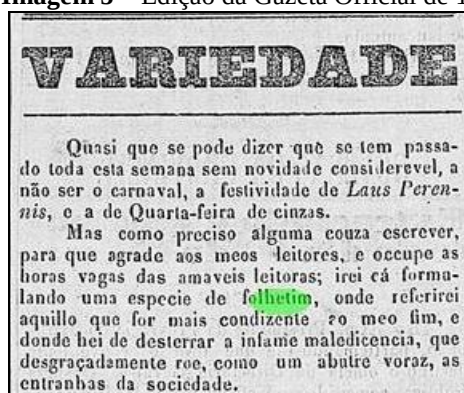
³⁸ SOARES, Maria Angélica Lau Pereira. O Gabinete de Leitura (1837-1838) e a formação de um público leitor de ficção. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 11., 2008, São Paulo. **TESSITURAS, INTERAÇÕES, CONVERGÊNCIAS...** São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/Abralic2008/MARIA_SOARES.pdf>. Acesso em 22 mar. 2013.

³⁹ CRUZ, Lady Ândrea Carvalho da. **Literatura e imprensa em Belém do Grão-Pará: o romance-folhetim no periódico Diário de notícias, nos anos de 1881 a 1893.** 2012. 113f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Faculdade de Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012. p. 67

puderam indicar as preferências do leitor e representaram, em folhas impressas, o que havia na rotina e na cultura da sociedade paraense. E a importância da seção para os leitores da capital pode ser notada até mesmo nos dias em que ele não estava presente no jornal. Algumas publicações presentes nos jornais elucidam algumas das visões correntes sobre o folhetim na capital paraense.

Na página 02 da **Gazeta Oficial** (grifo nosso)⁴⁰ de 14 de março de 1859, consta uma preocupação do jornal em agradar ao leitor. Para tanto, recorre a uma promessa de folhetim, conforme a seguir, com a respectiva transcrição:

Imagem 5 – Edição da Gazeta Oficial de 14 de março de 1859



Fonte: BIBLIOTECA NACIONAL. 2013.

*Legenda: Quasi que se pode dizer que se tem passado todas a semana sem novidade considerável, a não ser o carnaval, a festividade de Laus Perennis, e a de Quarta-feira de cinzas. Mas como preciso alguma couza escrever, para que agrade aos meos leitores, e ocupe as horas vagas das amaveis leitoras, irei cá formulando uma espécie de folhetim, onde referirei aquillo que for mais condizente ao meo fim, e donde hei de desterrar a infame maledicencia, que desgraçadamente roe, como um abutre voraz, as entranhas da sociedade.

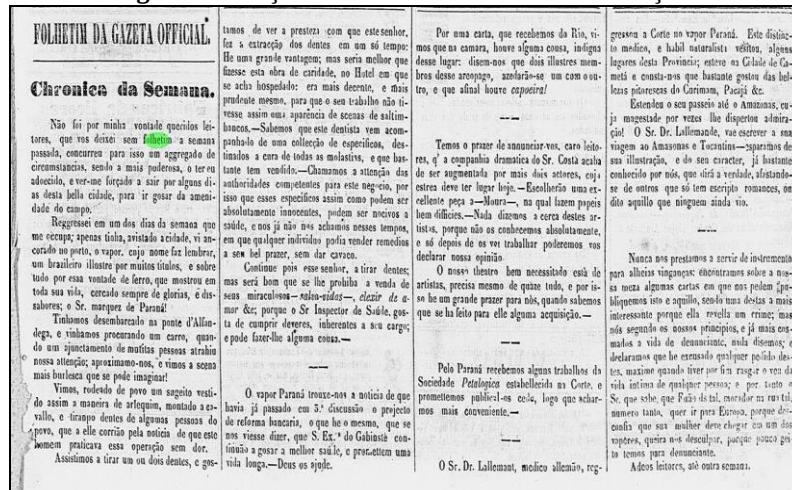
O trecho relata como o folhetim era visto como uma novidade muito aguardada e uma importante companhia para as leitoras nas horas vagas.

A certeza de que a falta do folhetim iria contrariar o leitor está presente na crônica publicada também na **Gazeta Oficial** (grifo nosso)⁴¹, de 28 de agosto de 1859, cuja transcrição, do trecho que importa, está na sequência:

⁴⁰ BIBLIOTECA NACIONAL. **Hemeroteca da Biblioteca Nacional**. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br>>. Acesso em: 13 ago. 2013.

⁴¹ Idem.

Imagem 6 – Edição da Gazeta Official de 14 de março de 1859



Fonte: BIBLIOTECA NACIONAL. 2013.

*Legenda: Não foi por minha vontade queridos leitores, que vos deixei sem folhetim a semana passada, concorreu para isso um agregado de circunstancias, sendo a mais poderosa, o ter eu adoecido, e ver-me forçado a sair por alguns dias desta bela cidade, para ir gosar da amenidade do campo. [...]

Por essas publicações, é possível perceber que o folhetim não devia ser encarado como algo que poderia ou não ser publicado. Nem fútil, nem dispensável, o redator do jornal tinha consciência de que a falta do folhetim iria desagradar o leitor.

Embora a visão acerca do folhetim reconhecesse sua importância como meio de entretenimento, aguardado pelo leitor, também havia um olhar negativo sobre essas publicações, consideradas algo nocivo à sociedade, uma má influência para as famílias, pelo seu teor frívolo, como revela o trecho abaixo do jornal **Estrela do Norte** (grifo nosso)⁴² de 04 de dezembro de 1864:

Imagem 7 – Edição da Estrela do Norte de 04 de dezembro de 1864

A imprensa, e especialmente o jornalismo, que é um meio poderoso de circulação, está como que a soldo do racionalismo. A nossa política é protestante; a nossa litteratura é o reflexo do scepticismo, que corroe o coração da futura geração; os costumes são praticamente ímpios, graças ao folhetim perigoso, graças ao scepticismo de Byron, George Sand, e Eugenio Sue; e às monstruosidades de Victor Hugo.

Fonte: BIBLIOTECA NACIONAL. 2013.

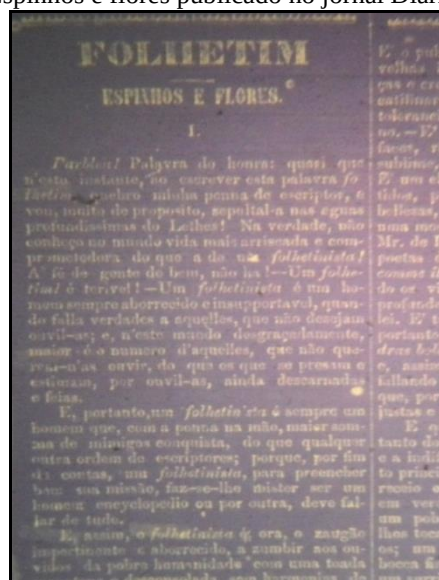
*Legenda: A imprensa, e especialmente o jornalismo, que é um meio poderoso de circulação, está como que a soldo do racionalismo. A nossa política é protestante; a nossa litteratura é o reflexo do scepticismo, que corroe o coração da futura geração; os costumes são praticamente ímpios, graças ao folhetim perigoso, graças ao scepticismo de Byron, George Sand, e Eugenio Sue; e às monstruosidades de Victor Hugo.

⁴² Idem.

É curioso notar a forma como o redator do texto acima lega ao folhetim a responsabilidade sobre o que chama “costumes ímpios”. Essa opinião nos revela que ainda nessa época sobrevivia um conceito de literatura ancorado num compromisso alheio à arte, mas afeito à religião ou os bons costumes, o que mudou tempos mais tarde.

Para completar essas reflexões acerca do conceito do folhetim na sociedade da época, no Pará, convém citar o **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso) de 27 de dezembro de 1863, e a publicação na seção folhetim, do texto “Espinhos e flores” de autoria desconhecida. No texto, o autor traz considerações sobre a vida de um folhetinista, como abaixo se lê:

Imagem 8 – Folhetim Espinhos e flores publicado no jornal Diário do Gram-Pará de 27 de dezembro de 1863.



Fonte: BIBLIOTECA PÚBLICA ARTHUR VIANNA. 2013.

*Legenda: *Pardon!* Palavra de honra: quase que n’este instante, ao escrever esta palavra *folhetim*, quebro minha penna de escriptor, e vou, muito de proposito, sepultal-a nas aguas profundissimas do Lethes! Na verdade, não conheço no mundo vida mais arriscada e comprometedora do que a de um folhetinista! A fé de gente do bem, não há! – Um folhetinista é terrível! – Um folhetinista é um homem sempre aborrecido e insuportável, quando falla verdades a aquelles, que não desejam ouvil-as; e, n’este mundo desgraçadamente, maior é o número d’aquelles, que não querem-n’as ouvir, do que os que se presam e estimam, por ouvil-as, ainda descarnadas e feias. [...] ⁴³

Na publicação, o autor frisa a dificuldade da vida de escritor de folhetins, ao afirmar: “Na verdade, não conheço no mundo vida mais arriscada e comprometedora do que a de um *folhetinista*”. As questões aqui levantadas revelam como o folhetim interferiu na realidade social da capital paraense do século XIX e como a sociedade lidou com o material impresso em circulação na cidade, a angariar novos leitores.

⁴³ BIBLIOTECA PÚBLICA ARTHUR VIANNA. Acervo de microfilmagem. **Jornal Diário do Gram-Pará**, ano 1863. Consulta em 31 de maio de 2013.

3 A PRODUÇÃO ROMANESCA DE CAMILO CASTELO BRANCO

Nascido em Lisboa no ano de 1825, Camilo Castelo Branco foi um escritor habilidoso e desenhou em sua obra um estilo capaz de indicar sua grande capacidade de observação da vida, que lhe permitiu trilhar um caminho dedicado à produção literária, da qual soube extrair seu sustento, numa época em que a atividade literária ainda era vista como algo a se fazer nas horas vagas, e não constituía ofício profissional, tendo sido o escritor alguém que logo entendeu que seu talento poderia também se configurar em seu ofício.

No universo de dezenas de textos escritos por Camilo Castelo Branco, não é tarefa simples traçar um perfil do autor, nem delinear em poucas palavras o que suas obras revelam, uma vez que a sensação é de se estar sempre aquém do que fora feito, com a impressão de algo ainda estar para ser narrado. Jacinto do Prado Coelho, ao tratar da personalidade do escritor português, constrói uma interessante síntese da obra do autor, direta e muito esclarecedora:

E a obra evidencia, no conjunto, a robustez mental de Camilo – o conhecimento da vida, a observação dos costumes, o respeito aparente pelos valores morais consagrados, o modo conceituoso de julgar os atos humanos, segundo os ditames duma velha sabedoria, a hábil subordinação aos gostos e exigências do público, uma sagaz inteligência satírica, a lúcida consciência das próprias românticas fraquezas, a intenção de se renovar alternando ingredientes e processos (tragédia e humorismo, desfechos patéticos e novelas de *happy end*, alado espiritualismo e filosofia terra-a-terra, cinicamente hedonista; a adoção táctica dos processos dum realismo de escola, a partir das *Novelas de Minho*), enfim uma arte narrativa tantas vezes de clássica contenção, servida por um estilo de gama variada, desde a polidez solene ou galante dos salões à chã e pitoresca rusticidade.⁴⁴

Camilo Castelo Branco demonstrou uma clara antipatia ao estilo de vida burguês e expôs conflitos humanos marcados por preconceitos morais e sociais impregnados de sarcasmo, que ora davam a impressão de superação de problemas, ora abriam para a concreta certeza de que não havia solução. Essas e outras marcas de sua obra levaram o estudioso português Antônio José Saraiva a afirmar:

[...] a sua obra traz até nós o palpitar humano das províncias nortenhas no seu tempo, com uma vida e uma densidade que nenhum outro ficcionista voltou a captar. É o nosso grande mestre da narrativa densa, rápida, de objetividade inteiramente persuasiva e pungente nas melhores páginas que escreveu.⁴⁵

⁴⁴ BRANCO. Camilo Castelo. **Obra seleta**. Organização, seleção, introdução e notas de Jacinto do Prado Coelho. Rio de Janeiro : J. Aguilar, 1960. v. 1. p. 10.

⁴⁵ SARAIVA, Antônio José; LOPES, Oscar. **História da Literatura Portuguesa**. 16 ed. Lisboa: Porto, 1989, p. 813/814.

A inegável identificação de Camilo Castelo Branco com o estilo romântico e seus elementos se manifesta pela adoção de temas afinados a esta estética em suas narrativas, como a orfandade, e a luta pela realização do amor, este presente em sua obra prima, **Amor de Perdição** (grifo nosso) de 1862. Essa aproximação, no entanto, não limita sua produção literária, constituída também sob pilares de um realismo já evidente em Portugal. A vida pessoal do escritor teve muitos dos elementos encontrados em romances seus, com destaque à conturbada vida amorosa, marcada por graves consequências.

Mas, sua produção literária ultrapassa essa condição de indivíduo polêmico, instável, apesar de ter enlaçado “a literatura à sua experiência direta, por vezes quase sem disfarces”, conforme Jacinto Prado Coelho⁴⁶.

Convém, porém, ultrapassar a dimensão biografista-passional por vezes imposta à obra do escritor, para desnudar a habilidade com que o autor enreda os conflitos, trazendo ao enredo os complicadores envolventes e provocativos comuns de sua produção, que apelam para a reflexão acerca dos modos de vida e das certezas e incertezas do gênero humano. É esse tipo de qualidade da obra camiliana que requer mais atenção da crítica.

Um olhar acerca do lugar ocupado por Camilo Castelo Branco na historiografia portuguesa é lançado por Paulo Motta, importante pesquisador da bibliografia camiliana, o qual, tratando da obra do autor, comenta:

De início ele amplifica a hipótese, reiterada por Alexandre Cabral, de que Camilo foi um escritor profissional e que, por isso, precisou vender a sua pena aos mais diferentes interesses. Se foi, e é, bem sucedido nessa venda, como o seu percurso editorial já com mais de 150 anos só vem a confirmar, foi porque teve plena consciência das correntes literárias de seu tempo e soube – e começo aqui uma provocação – se *outrar*. Se escrevia para várias casas editoriais – cada uma delas com o seu nicho de mercado e seu público específico – é porque tinha consciência do que cada uma desejava e sabia moldar-se às várias e diversas necessidades. Ou seja, estaríamos diante de um escritor “mais imaginativo que sentimental”¹², capaz de fingir-se moralista, escandaloso, romancista histórico, o que necessário fosse. Se aceitarmos essa hipótese – que o estudo, que apenas comecei, de análise dos livros escritos para cada uma das casas editoriais pelas quais foi publicado poderia vir a corroborar – seremos levados a um outro mundo, e a um inusitado e inesperado Camilo⁴⁷.

Moizeis Sobreira de Sousa trata dos avanços atuais das pesquisas em torno da narrativa camiliana, para entender como o autor se mantém atual, e, esclarece:

⁴⁶ BRANCO, Camilo Castelo. **Obra seleta**, op. cit., p. 21.

⁴⁷ OLIVEIRA Paulo Motta. À esquina do cânone: olhares dissimulados, leituras oblíquas. In: BUENO, Aparecida de Fátima. et al. (Org.). **Literatura Portuguesa: História, memória e perspectivas**. São Paulo: Alameda, 2007. vol. 1, p. 105-113.

Levando em consideração que o Romantismo enquanto movimento literário tenha tocado o seu fim no terceiro quartel do século XIX e que a trajetória biográfica de Camilo tenha se completado no final na última década oitocentista, a abordagem de Ramos (Feliciano) abre margem para questionamento. Admitindo que a ficção camiliana fosse tão servilmente permeável às práticas do sentimentalismo e à incidência dos eventos concernentes à vida do seu autor, certamente o seu interesse teria desaparecido quando a estética romântica se encerrou ou no momento em que Camilo findou seus dias. No entanto, ela tem burlado o esquecimento e atraído atenção para si durante mais de um século após morte do seu autor, segundo aponta Paulo Motta Oliveira (2007).⁴⁸

O pesquisador expõe a estratégia adotada por Camilo Castelo Branco no trato com o leitor, apontando os aspectos valorativos da produção camiliana, na certeza de que se trata em conjunto de uma obra que vai além do enquadramento biografista e passional, ao informar:

A ação de comentar o que é narrado está ligada à intenção do romancista de refletir sobre o processo de criação ficcional no interior da ficção. Ao pensar esse processo, Camilo trava um diálogo crítico com seu leitor, colocando em discussão as concepções e preferências literárias que lhe eram contemporâneas. Com efeito, evidencia o caráter dialógico e polifônico do seu texto.⁴⁹

A busca por compreender a obra de Camilo Castelo Branco a partir de afirmações gerais e recorrentes presentes em seus livros, permite identificar a influência de Honoré de Balzac, Émile Zola⁵⁰, Victor Hugo, Fredric Soulié e Eugène Sue, autores que certamente puderam contribuir para a construção dos tipos criados pelo escritor português, bem como para a descrição de valores e costumes, sempre atraído pela possibilidade de levar ao leitor muito do que a vida expressa. Porém, em que pese essa identificação com a literatura francesa, especialmente sentida nas primeiras obras, em que se pode falar de uma relação entre uma literatura dita central e outra periférica (esta a portuguesa), convém ressaltar que a presença francesa como impulso inicial, não subordina a obra de Camilo Castelo Branco a modelos europeus, porque o escritor português compôs suas narrativas imprimindo-lhes a originalidade que se faz sentir nos grandes autores. E isto se afirma também com base no fato de o autor, apesar da definição dominante que o classifica como escritor de novelas passionais, não deixar de expor os matizes portugueses em suas narrativas.

⁴⁸ SOUSA, Moizeis Sobreira. P. **A ficção camiliana**: a escrita em cena. 2009. 123f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. p. 10. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-26082009-155516/pt-br.php>>. Acesso em: 13 set. 2013.

⁴⁹ Ibidem, p. 26.

⁵⁰ BRANCO, Camilo Castelo. **Obra seleta**, op. cit., p. 22. Esse contato de Camilo com Zola se deveu ao contato do escritor português com o realismo luso, que teve em Zola uma referência.

As pesquisas atuais sobre o autor dão conta desses elementos lusitanos no conjunto da obra camiliana como o estudo de Ana Luísa Patrício, sobre a necessidade de verificar a ficção camiliana sem a limitação de sua vertente passional, mas inclusive pelo prisma de ser uma obra cujo enfoque aborda a realidade do Portugal oitocentista, conforme afirma:

Desse modo, podemos constatar que Camilo constrói em suas narrativas um país repleto de trabalhadores, no qual o comércio e a indústria estão ativos e não dão mostras de decadência ou eminente estagnação: estamos diante, portanto, de um Portugal oitocentista que não corresponde àquele veiculado pela geração de 70. Ainda que não se trate de um Portugal efetivamente industrializado, assim como Antero de Quental afirma ser a chamada Europa economicamente desenvolvida, a “humanidade civilizada” (QUENTAL, 1987, p. 08), Camilo compõe a imagem de um Portugal em plena atividade econômica, um país no qual já surtem algum efeito os movimentos capitalistas próprios do mundo moderno.⁵¹

A bibliografia do escritor é volumosa, iniciada em 1845, com **Os pundonores desagradados** (grifo nosso), **O juízo final** (grifo nosso) e **O sonho do inferno** (grifo nosso), é formada por poemas líricos, satíricos, folhetos de cordel, peças teatrais, obras de crítica literária, além de inúmeros romances, como **Anátema** (grifo nosso) (1851), primeiro publicado em livro, e outros publicados em folhetins, revela a “proletarização literária do gênio de Camilo”⁵², pois teve que responder às várias exigências de seus editores, o que foi capaz de configurar sua obra em suas várias faces, desde o gosto pelo romance negro do qual **Coisas espantosas** (grifo nosso) (1862) é um exemplo⁵³, passando pelo melodrama romântico de esquemas de grande sucesso, envolvendo um jovem apaixonado, uma mulher intensamente amada a quem não se pode alcançar devido aos impedimentos familiares e/ou sociais, crimes e sacrifícios, que não deixam de elevar o sentimento à condição de algo sagrado, até a novela satírica de costumes, a qual aproxima o autor da esfera realista. Além da competência como escritor, Camilo Castelo Branco ainda acumulou a função de divulgar seus escritos, chegando mesmo a editar uma obra sua - **Maria não me mates, que sou tua mãe** (grifo nosso), de 1848.

⁵¹ OLIVEIRA, Ana Luísa Patrício Campos de. **A ficção camiliana para além de histórias de amor**. 2009. 121f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. p. 106/107. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-17082009-154723/pt-br.php>>. Acesso em: 13 set. 2013.

⁵² SARAIVA, Antônio José; LOPES, Oscar. Op. cit., p. 816.

⁵³ MARINHO, Maria de Fátima. Camilo Castelo Branco e a atração do horrível. In: I ENCONTRO DE ESTUDOS ROMÂNTICOS. , 1., 2003. Porto. **Anais...** Porto: Faculdade de Letras do Porto, 2003, p. 27-35., p. 27-35.

Foi a habilidade do escritor que lhe permitiu cultivar narrativas de vertentes variadas, como a novela de aventuras, a histórica, a satírica e a passional, esta, sem dúvida, sua mais alta expressão de romancista. Cheias de movimento e sinuosidades, as narrativas de Camilo Castelo Branco revelam o talento do escritor para contar histórias, e desdobram-se em aventuras em cujas razões estão assentadas as amarras do coração, quase sempre o começo e o fim do drama camiliano.

Nem por isso sua obra é convencional, mesmo que as mudanças de uma narrativa para outra se façam notar mais no enredo – porque há uma mesma lógica para o enquadramento das personagens nas histórias – os romances camilianos exploram o embate do indivíduo com o meio, o meio burguês de que foi um exímio observador. Diante das marcas artísticas da obra do romancista, Massaud Moisés acrescenta:

Daqui decorre que suas novelas, não obstante a repetição de motivos e o derramado passional trágico, contém uma espécie de verossimilhança primordial: graças aos dons de observador e, sobretudo, de imaginativo, Camilo pode surpreender com realismo alguns aspectos da enovelada psicologia amorosa, que parecem corresponder mais a uma tendência inata no ser humano que às flutuações sociais. A esses dons se acrescenta o culto da forma escurrita, límpida, redonda e espontânea, capaz de arrastar o leitor de emoção a emoção até o desenlace, agarrado ao fluir dos episódios, como se percorresse uma novela de capa e espada ou policial. Tudo isso faz dele um dos maiores prosadores, se não o maior, do Portugal oitocentista, uma espécie de Balzac português que procurou, à sua maneira, compor a “comédia humana” da burguesia do tempo⁵⁴.

Há uma audácia no trato do tema amoroso, haja vista sua capacidade de seguir para além da constituição do casal e das circunstâncias de um possível impedimento – o clássico de todo drama de amor. Camilo Castelo Branco realiza sua produção dando ensejo a uma investigação que é da ordem também da moral. Nesse aspecto, importa mencionar os estudos de Tatiana Fátima Alves Moisés, quando afirma:

⁵⁴ MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 1995, p. 149.

Nesse sentido, o escritor de São Miguel de Ceide se afasta das concepções de Hegel, Kant, Shopenhauer, na medida em que não concebe a moral como instrumento promotor do progresso social, nem mesmo como característica inerente ao ser humano. Resguardadas as devidas distinções, poderíamos afirmar que as suas concepções a esse respeito se assemelham a filosofia nietzscheniana. É relevante ressaltar que Camilo não chega ao extremo de negar a Imagem da divindade, no entanto, bem como Nietzsche, ele denuncia que as virtudes oitocentistas são menos um resgate dos princípios religiosos e altruístas do que uma tentativa humana de efetivar suas relações de dominação, poder, força e conveniência.

De fato, a narrativa camiliana, em geral, não segue uma tendência moralizante. No entanto, não pode ser classificada de forma simplista, já que o escritor de São Miguel de Ceide, em raras ocasiões, retoma os preceitos morais sem rechaçá-los.⁵⁵

Também por essa percepção da sociedade, o romancista demonstra que não se furtou a missão de viver como literato e não deixou que sua produção em cascata, aos bocados, tirasse-lhe o mérito de ter dado um fino acabamento ao ambiente criado por Almeida Garrett e Alexandre Herculano na construção do romance português.

3.1 A circulação dos romances de Camilo Castelo Branco na imprensa brasileira

No cenário da produção romanesca de língua portuguesa, Camilo Castelo Branco desponta como um dos principais responsáveis pelo amadurecimento e consolidação da tradição do romance em Portugal, o que torna permanente o interesse por sua produção literária e por muitas das obras criadas, divulgadas no passado e hoje adormecidas nas diversas páginas de periódicos antigos nas bibliotecas Brasil afora.

A vastíssima produção de Camilo Castelo Branco como romancista não deixou de lhe garantir o prestígio que o tornou um nome de referência da literatura portuguesa e o fez constantemente presente nas páginas de periódicos importantes não só de Portugal, mas também do Brasil, como no estado de São Paulo, no **Correio Paulistano** (grifo nosso) - e no Rio de Janeiro, no **Correio Mercantil** (grifo nosso) e no **Jornal do Comércio** (grifo nosso) -, e certamente em outros periódicos que também dão o testemunho do poder de alcance dos romances camilianos no Brasil.

A ligação entre a narrativa camiliana e a imprensa pode também ser vista como um dos fatores que justificam o fato de em Camilo Castelo Branco ter se firmado o romance português. A este respeito, Moizeis Sobreira de Souza comenta:

⁵⁵ MOYSÉS, Tatiana Fátima Alves. **Camilo Castelo Branco: a moral a serviço das conveniências**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011, p. 42. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-04022010-102115/pt-br.php>>. Acesso em: 13 set. 2013.

Outra razão que pode ter contribuído para que o romance português tenha surgido na ficção camiliana está na trajetória de seu autor, deflagrada nos jornais. De acordo com Baptista (1988), a imprensa apresenta a Camilo um conjunto de possibilidades que favoreceram o movimento de renovação discursiva por ele conduzido.

Por natureza, o gênero jornalístico é palco onde interagem diversas variedades linguísticas, favorecendo o questionamento de uma língua que se coloca como única e homogênea. Eis uma das lições que o romancista aprende nas gazetas e aplica no romance, que, como visto antes, reclama para si uma linguagem múltipla, estreada numa acentuada variedade discursiva. Outro aspecto que caracteriza a imprensa é o modo como ela apresenta a realidade: quotidiana, fluída, às vezes, reinventada, muito similar ao que a construção romanesca exige⁵⁶.

Em várias seções dos periódicos, Camilo Castelo Branco teve lugar cativo. Também os anúncios provam como o escritor era requisitado pelo leitor brasileiro da época, chegando a constar em um único anúncio a venda de 25 obras do escritor, como ocorreu no **Correio Paulistano** (grifo nosso) de 29 de julho de 1864⁵⁷, no qual se lê a seguinte lista de romances:

Imagem 9 –Correio Paulistano de 29 de julho de 1864



Fonte: BIBLIOTECA NACIONAL. 2013.

*Legenda: *Mysterios de Lisboa*, 2 vol., *Memorias do carcere*, 2 vol., *Onde esta a felicidade?*, 1 vol., *O homem de brios*, 1 vol., *Memorias de Guilherme do Amaral*, 1 vol., *Duas epochas as vida* (poesias), 1 vol., *Um livro* (poesias) 1 vol., *Vingança*, 1 vol. *Anos de prosa*, 1 vol., *Noites de Lamego* 1 vol. *Duas horas de leitura*, 1 vol., *Scenas inocentes da comedia humana*, 1 vol., *A filha do arcediogo*, 1 vol., *A neta do arcediogo*, 1 vol., *Anathema*, 1 vol., *Estrellas funestas*, 1 vol., *Estrellas propicias*, 1 vol., *Scenas da Foz*, 1 vol. *Carlota Angela*, 1 vol. *Romance de um homem rico*, 1 vol. *Aventuras de Basilio Fernandes Enxertado*, 1 vol. *Scenas contemporâneas*, 1 vol. *O que fazem mulheres*, 1 vol. *Lagrimas abençoadas*, 1 vol. *12 casamentos felizes*, 1 vol.

⁵⁶ SOUZA, Moizeis Sobreira. **Camilo Castelo Branco e a formação do romance português**. In: SEMINÁRIO DE TESES EM ANDAMENTO, 4., 2010, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNICAMP, 2010. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/962/726>>. Acesso em: 13 set. 2013., p. 856.

⁵⁷ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_02&PagFis=50&Pesq=castello%20branco. Hemeroteca digital brasileira>. Acesso em agosto de 2013.

Nos anos de 1863 e 1864, foram identificados alguns textos de Camilo Castelo Branco, nas seções Folhetim, Literatura e Variedade do **Correio Paulistano** (grifo nosso), conforme abaixo:

Quadro 1 – Textos de Camilo Castelo Branco publicados no Correio Paulistano em 1863 e 1864.

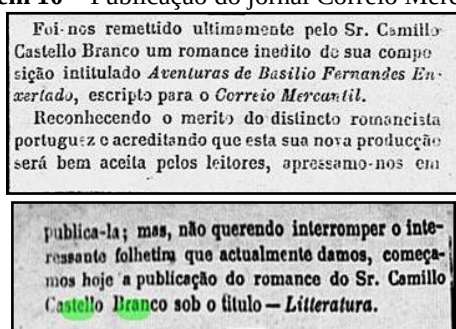
Data de início da publicação	Obra	Seção do jornal
02/06/1863	Temor de Deus	Litteratura
13/09/1863	Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado	Folhetim
27/09/1863	A formosa das violetas	Variedade
12/01/1864	A carteira d'um suicida	Folhetim
26/05/1864	Noites de Lamego	Folhetim

Fonte: DO AUTOR. 2013.

Na pesquisa nas edições do **Correio Mercantil** (grifo nosso) foi identificada a obra “Estrellas Propicias”, capítulo X, na data de 02 de janeiro de 1863, tendo iniciado a publicação no ano anterior.

Na data de 30 de março de 1863, edição nº 88, na seção “Litteratura”, houve a publicação de **Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado** (grifo nosso) de Camilo Castelo Branco, com a ressalva dada pelo redator acerca da publicação ter sido possível graças à remessa do texto pelo próprio autor⁵⁸:

Imagem 10 – Publicação do jornal Correio Mercantil de 30 de março de 1863



Fonte: BIBLIOTECA NACIONAL. 2013.

*Legenda: Foi-nos remetido ultimamente pelo Sr. Camillo Castello Branco um romance inedito de sua composição intitulado *Aventuras de Basilio Fernandes Enxertado*, escripto para o Correio Mercantil. Reconhecendo o merito do distincto romancista portuguez e acreditando que esta sua nova produção será bem aceita pelos leitores, apressamo-nos em publica-la; mas, não querendo interromper o interessante folhetim que actualmente damos, começamos hoje a publicação do romance do Sr. Camillo Castello Branco sob o título – Litteratura.

⁵⁸ Hemeroteca digital. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217280&pasta=ano%20186&pesq=castello%20branco>>
Acesso em agosto de 2013.

Camilo Castelo Branco soube dar visibilidade aos seus escritos. Conforme o anúncio transcrito acima, a iniciativa de remeter obras suas para publicação em jornais, permitiu que uma circulação ainda maior das criações do autor, ao que tudo indica consciente da qualidade e poder de alcance de seus textos, cuja popularização garantir-lhe-ia a sobrevivência.

Além dos periódicos citados, outros jornais cariocas trouxeram narrativas do escritor português no pé da página, como o **Diário de notícias** (grifo nosso) e a **Gazeta de notícias**⁵⁹ (grifo nosso). Também, consta a presença da produção do romancista circulando no Rio Grande do Sul, conforme José Cândido de Oliveira Martins:

A título de curiosidade, saliente-se ainda que no Brasil continua a editar-se e a estudar-se a obra de Camilo Castelo Branco. É razão para dizer que em terras de Santa Cruz não se valorizam apenas escritores clássicos como Luís de Camões; e modernos como Eça de Queirós ou Fernando Pessoa. Recorde-se, aliás, que houve obras de Camilo que foram editadas primeiro no Brasil e só depois em Portugal, como aconteceu com *Agulha em Palheiro* (1ª ed., Rio de Janeiro, 1863); ou outras cuja popularidade levou ao aparecimento de contrafações editoriais, como foi o caso de uma edição de *Doze Casamentos Felizes* (Rio Grande, Typ. do «Artista», 1866), na sequência dos folhetins publicados no periódico do Rio Grande, “O Artista”.⁶⁰

No estado do Ceará, precisamente em Fortaleza, Camilo Castelo Branco foi um autor frequentemente citado nos jornais. Neste caso, ainda que as informações revelem dados sobre a circulação de romances do autor em formato livro, são importantes por revelarem a larga presença do autor nas bibliotecas locais, haja vista as muitas obras anunciadas nos jornais. Ozângela de Arruda Silva, ao analisar este fato, informa:

⁵⁹ Disponível em:

<uspdigital.usp.br/siicusp/cdOnlineTrabalhoVisualizarResumo?numeroInscricaoTrabalho=538&numeroEdicao15>. Acesso em agosto de 2013.

⁶⁰ Disponível em: <casadecamilo.wordpress.com/2008/11/06/estudos-camilianos-no-brasil>. Acesso em agosto de 2013.

Na segunda metade do século XIX, os compradores de livros de Fortaleza podiam ter acesso aos últimos lançamentos devido à interação mantida por livreiros locais com vendedores de livros e editores de outras regiões, demonstrando, afinal, a conexão existente entre a capital do país, as províncias e alguns países da Europa. Nesse contexto, circularam muitos títulos de Enrique Perez Escrich, Paul de Kock, Eugène Sue, Ponson du Terrail, Verne e Zola, além de **Camilo Castelo Branco** (grifo nosso), Julio Diniz, Alencar, Macedo dentre outros, alguns bastante conhecidos na atualidade e outros esquecidos no decorrer das décadas. A historiografia cearense alerta sobre a vasta leitura de obras de Buckle, Taine, Spencer, Comte pelos intelectuais ligados às agremiações científicas e literárias do período, entretanto, tal bibliografia não impediu a ampla circulação de obras de rosa ficcional, na verdade, os vários gêneros circulavam mutuamente e os anúncios davam destaque ao gênero ficcional.⁶¹

Embora trate de livros, é a presença de Camilo Castelo Branco como autor requisitado pelo leitor da época, inclusive o leitor de jornais, que chama a atenção. A pesquisadora acrescenta:

No balanço da livraria de Joaquim José de Oliveira, feito em dezembro de 1870, há cinco exemplares de *Os franceses no Rio de Janeiro* de Moreira de Azevedo, publicado em 1870. A mesma simultaneidade acontece com *Til* de José de Alencar, vindo à luz em 1872, e *Ressurreição* de Machado de Assis, anunciados no jornal *Pedro II* de 1872 e presentes na lista de livros recém chegados à livraria do Sr. Oliveira. Além dessa concomitância na circulação dos lançamentos, o Sr. Oliveira mantinha contatos diretos com livreiros, editores e autores. É possível perceber, no balanço da livraria, as relações de consignação existentes em seu acervo. Oliveira disponibilizava obras vindas das mãos de B. L. Garnier, Antonio G. Guimarães & Cia, Carlos Hardy, E. & H. Laemmert, Cruz Coutinho, Fouchau Dupont, José Martins Alves, José de Alencar, Juvenal Galeno, dentre outros. O acervo da livraria J. J. de Oliveira & Cia era bem diversificado e, dentro dessa diversidade, havia um fluxo de romances. Por meio das consignações, em dezembro de 1870, o Sr. Oliveira possuía, por exemplo, vindos das mãos de B. L. Garnier, cinco exemplares de *A loba* de Paul Féval, por \$783 réis, e quatro *Homens do mar* de Victor Hugo, por 2\$250. Para os consumidores que não tinham tantos réis em suas algibeiras, o Sr. Oliveira disponibilizava, por consignação de “Ignacio Franco dos Santos & Cia”, cento e três *Roberto do diabo*, por \$280 réis, e vinte e dois *João de Callais*, por \$240. O próprio romancista Alencar também negociava duas obras por consignação. Do “conselheiro José de Alencar” são inventariados um *Verso e reverso*, por \$700 réis, e cinco *Cartas sobre a confed..am dos tamoyos*, por \$800 réis. No entanto, além das consignações, o Sr. J. J. de Oliveira possuía outro grupo de obras. Em seus “livros de conta própria” havia outros títulos do romancista: três *Diva*, um *Luciola*, um *Cinco minutos* e dois *Guarany*. Se, naquele momento, o público poderia comprar algumas obras de Alencar na livraria Oliveira, **os leitores de Macedo e Camilo Castelo Branco escolhiam, respectivamente, entre 15 e 12 títulos dos seus autores preferidos, somando um total de 60 e 23 exemplares disponíveis, respectivamente**⁶² (grifo nosso).

⁶¹ SILVA, Ozângela Arruda. **Da presença dos romances em Fortaleza dos oitocentos: circulação, comércio e sintonia**. In: SEMINÁRIO DE TESES EM ANDAMENTO, 3., São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNICAMP, 2009, p. 782-792. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/589/456>> Acesso em: 13 set. 2013..

⁶² Ibidem, p. 790-791.

Não apenas pela necessidade de recuperar a produção camiliana dispersa na imprensa brasileira, a investigação acerca da circulação de romances do autor no espaço folhetim dos jornais justifica-se tendo em vista ter sido a divulgação pela imprensa um meio que interferiu no método discursivo próprio do escritor, cujas obras foram capazes de estabelecer na literatura temas que vão muito além das histórias de amor.

A consideração acerca do método discursivo do romancista relaciona-se às reflexões em torno do gosto do leitor como fator determinante para a construção do universo literário na época da circulação dos folhetins na imprensa mundial, porque o interesse do público fora capaz de conduzir histórias e interferir nos aspectos de disposição dos textos nos jornais do século XIX, fato que não representa nenhum demérito à literatura ou aos escritores, e reafirma o modo como a escrita literária se articula com a sociedade, extraindo dela seus temas e devolvendo em forma de produto artístico, cujo alcance ultrapassa as dimensões geográficas de um país, como ocorreu com os romances de Camilo Castelo Branco.

3.2 A circulação de romances camilianos no rodapé dos jornais paraenses

Além da circulação em São Paulo, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, a obra de Camilo Castelo Branco teve uma importante presença no “pavimento térreo” dos jornais paraenses do século XIX, ou em seções diversas nos periódicos, o que fez com que o autor concorresse para ser um dos mais destacados escritores portugueses lidos no Pará da época.

Dos jornais já pesquisados até o momento⁶³, identificou-se a presença de narrativas do escritor português na **A Província do Pará** (grifo nosso), jornal que circulou entre 1876 e 1908, onde constaram, entre os anos de 1877 e 1900, duas publicações no espaço folhetim, quais sejam, **A inocência das aldeias** (grifo nosso), em 1879 e **Duas páginas das minhas memórias d'além da campa na águia de ouro** (grifo nosso) em 1886, além de 04 (quatro) fragmentos de romances na seção **Sciencias Lettras e Artes: A senhora Ratazzi** (grifo nosso), em 1880, **A brasileira de Prazins** (grifo nosso), em 1883, **Maria da Fonte** (grifo nosso) e **Maria da Fonte – Prólogo** (grifo nosso), ambas em 1885; **Bohemia do espírito** (grifo nosso) na **Revista literária** (grifo nosso) e um anúncio de um livro do autor, de 1877,

⁶³ As referências a outros jornais do estado do Pará foram extraídas de pesquisas desenvolvidas por outros pesquisadores, como Germana Sales, Sara Vasconcelos, Edimara Ferreira Santos, Lady Ândrea Carvalho da Cruz e Kelly Souza.

exposto a seguir, de acordo com a pesquisa realizada por Sara Vasconcelos Ferreira⁶⁴, realizada no jornal **A Província do Pará** (grifo nosso) de 19 de janeiro de 1877⁶⁵:

Imagem 11 – Publicação do jornal A Província do Pará de 19 de janeiro de 1877



Fonte: BIBLIOTECA PÚBLICA ARTHUR VIANNA. 2013

No jornal **Liberal do Pará**⁶⁶ (grifo nosso), nos anos de 1871 a 1883, constatou-se a presença de um romance do autor: **A brasileira de Prazins** (grifo nosso) cujos primeiros capítulos foram publicados inicialmente em 1882 na revista “A Arte de Lisboa”, em Portugal.

O primeiro jornal de circulação diária na cidade, o **Diário do Gram Pará** (grifo nosso) – publicado entre os anos de 1853 e 1892 – fez circular entre os leitores da capital, romances de Camilo Castelo Branco, autor de grande presença nos rodapés jornalísticos locais. Sobre a fundação do **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso), Maria Lucilena Costa informa:

Os portugueses José Joaquim Mendes Cavaleiro e Antônio José Rabelo Guimarães fundaram o primeiro jornal de circulação diária em Belém, o Diário do Gram-Pará, surgido em março de 1853. Transitou do final do período imperial ao início do período republicano, porém, por questões políticas, Mendes Cavaleiro, seu principal redator, foi deportado para Portugal e a partir dessa época o jornal passou pelas mãos de diversos proprietários, como órgão do Partido Conservador e do Partido Nacional, deixando de circular em 15 de março de 1892. Por ser divulgador do Partido Conservador, teve como grande adversário *O Liberal do Pará*, com propósito político e apoio do Partido Liberal, cujo proprietário era Manuel Antonio Monteiro.⁶⁷

⁶⁴ FERREIRA, Sara Vasconcelos. **A Leviana: história de um coração” e outras histórias n’A Província do Pará**. Relatório final de Iniciação Científica. Agosto/2011 a Julho/2012.

⁶⁵ Acervo de microfilme da Biblioteca Pública Arthur Vianna. Jornal *A Província do Pará* de 1877. Acesso em agosto de 2013.

⁶⁶ SANTOS, Edimara; CRUZ, Lady Ândrea; SALES, Germana. Os romances-folhetins no jornal Liberal do Pará. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 60. , 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNICAMP, 2008. Disponível em: <www.sbpnet.org.br/livro/60ra/resumos/resumos/R1038-1.html>. Acesso em: 13 jul. de 2013.

⁶⁷ COSTA, Maria Lucilena Gonzaga. **Gazeta Oficial: Periódico Paraense Noticioso e Literário do Século XIX**. 2008. 89f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008, p. 16.

Como se percebe na citação supra, a imprensa paraense sofria constantes interferências políticas, sendo palco também de disputas entre grupos políticos com interesses diversos, reservando, entretanto, o espaço cativo à literatura ao pé da página.

Foi no **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso) que a presença de narrativas camilianas foi mais acentuada. O periódico circulou entre os anos de 1853 e 1892 e as pesquisas feitas entre 1857 e 1886, nas edições pesquisadas na seção de microfilme da Biblioteca Pública Arthur Vianna foram identificados os seguintes romances no folhetim, em 1863 e 1864: **Aneta do Arcediago** (grifo nosso) (1856), publicado de setembro a outubro de 1863; **Coisas espantosas** (grifo nosso) (1862), publicado em setembro de 1863; **O bem e o mal** (grifo nosso) (1863), presente no **Diário** (grifo nosso) de 20 de abril a 25 de maio de 1864 e **A filha do Dr. Negro** (grifo nosso) (1864), publicado entre julho e agosto de 1864. Ainda consta nas páginas do **Diário** (grifo nosso) um poema de Camilo, do livro **Duas épocas da vida** (grifo nosso), publicado em julho de 1857.

Importa mencionar que há mais dois romances publicados no jornal com atribuição de autoria a Camilo Castelo Branco, são eles **O arrependimento** (grifo nosso), publicado em 20 de novembro de 1863, na edição nº 264 do jornal, e **A gratidão** (grifo nosso), publicado de 22 de novembro de 1863 a 28 de novembro de 1863, os quais, segundo Henrique Marques, seriam obras de outro autor. Conforme as informações colhidas na sua Bibliografia Camiliana⁶⁸, o estudioso aponta ser a inclusão das narrativas mencionadas obra do editor Antonio José da Silva Teixeira, que desejou dar ao romance **Anos de prosa** (grifo nosso), efetivamente de Camilo Castelo Branco, dimensões de livro, pois considerava-o pouco para um volume. Fez acrescer, então, as narrativas com a contribuição de um farmacêutico que as concedeu.

Ratificando a importância da produção de Camilo Castelo Branco no Brasil, onde alguns romances gozam há tempos do *status* de obra canônica comprova-se que foi grande a circulação de romances desse autor no século XIX na capital paraense, tendo seu nome um significativo destaque se comparado a outros autores portugueses, conforme nos informa Germana Sales:

⁶⁸ MARQUES, Henrique. **Bibliografia camiliana**. 1ª parte. Livraria de Antonio Maria Pereira. Lisboa, 1894, p. 32.

O anúncio de obras portuguesas durante os Oitocentos foi presente, também, em Belém, PA, quando os jornais noticiavam, com frequência, *Diário de Belém*, *A Província do Pará* e *A Regeneração*, foram identificados 33 (trinta e três) escritores portugueses anunciados, entre os quais se destacam: Júlio Dinis, Ramalho Ortigão, Almeida Garrett, Rebello da Silva, Eça de Queiroz, Faustino Xavier de Novais, Joaquim M. Pinheiro Chagas, A. M. da Cunha e Sá e **Camilo Castelo Branco, o mais presente nas folhas volantes, com 14 (quatorze) obras postas à venda.** (grifo nosso)⁶⁹.

Ainda, pela recorrente presença de anúncios de obras camilianas nos jornais da época, atesta-se que a obra do autor manteve-se entre as mais procuradas pelo leitor brasileiro desde suas primeiras publicações, que nos digam as edições sempre renovadas de suas narrativas mais importantes, o que reforça a necessidade de se ampliar o estudo de seus romances.

Ao tratar do catálogo do livreiro Manoel Gomes d'Amorim – sócio fundador da Sociedade Portuguesa Beneficente do Pará – e da publicação de títulos portugueses em Belém, conforme publicação no jornal **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso), de janeiro de 1864, a pesquisadora Izenete Garcia Nobre informa:

Dentre essa quantidade de títulos lusitanos, **observa-se uma tendência por livros de autoria de Camilo Castelo Branco** (grifo nosso), com preços variando de 2\$500 a 3\$000, seguido de Almeida Garrett com média de 2\$500 e Alexandre Herculano também com preços variando de 2\$500 a 5\$000. A predileção pela produção portuguesa demonstra uma tendência que pode ser justificada, como já mencionado, pela influência da imigração estrangeira de maioria portuguesa. (grifo nosso).⁷⁰

As obras veiculadas por importantes livreiros de Belém revelam o constante interesse pelas produções de Camilo Castelo Branco. Ao tratar de Godinho Tavares, Izenete Garcia Nobre informa que este livreiro tinha uma predileção por obras francesas para anunciar e vender, mas também incluía em seus estoques obras do romancista português, como **Mistérios de Lisboa**⁷¹ (grifo nosso).

Ao observar a frequência com que se publicavam romances-folhetins no **Diário**, (grifo nosso) Germana Sales menciona uma importante questão que envolve a publicação de obras portuguesas no Brasil, com especial atenção aos romances camilianos:

⁶⁹ SALES, Germana Maria Araújo. O romance como ponte: o espaço lusófono no Brasil oitocentista. In: SALES, Germana Maria Araújo; FURTADO, Marli Tereza; DAVID, Sérgio Nazar (Org.). **Interpretação do texto, leitura do contexto**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013. p. 203-216.

⁷⁰ NOBRE, Izenete Garcia. **Leituras a vapor: a cultura letrada na Belém oitocentista**. 2009. 128f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará Belém, 2009, p. 57.

⁷¹ Ibidem, p. 64.

Como não há nenhuma pista documental que nos permita identificar a maneira lícita de tradução dessas obras entre os dois suportes, a situação inspira a suspeita de que essas obras foram reproduzidas sem a permissão do autor, que não teria conhecimento de tal usurpação.⁷²

Uma prática comum no século XIX era a de enviar um novo livro a um editor de jornal, para que este fizesse a publicação da obra, fomentando sua circulação e a consequente procura por ela. Ocorre que nem sempre se pode provar que tais publicações foram consequentes a autorização do autor, conforme indica Germana Sales acima, ao expor a suspeita da falta de autorização, que a investigação sobre a postura dos escritores quanto a algumas publicações de suas obras pode reiterar.

3.3 Os direitos autorais e a publicação de obras portuguesas na imprensa brasileira

Diante das diversas publicações de autores estrangeiros em jornais paraenses, em uma época de imprensa ainda em formação, oportuna é a discussão acerca dos direitos autorais, haja vista se tratar de um assunto diretamente ligado à circulação de obras portuguesas em terras brasileiras.

No século XIX, as preocupações com os direitos autorais não eram acentuadas como nos dias atuais, apesar de a polêmica envolvendo a produção da obra e os direitos decorrentes dela existir há séculos. Desde os anos de 1700 já ocorriam discussões sobre a universalização do acesso à obra e a existência da propriedade sobre o bem, fruto do fazer literário⁷³.

Na França, nos anos de 1800, muitas obras apresentadas ao público pela via do folhetim foram elaboradas por autores diversos aos que constavam na publicação. Walter Benjamin trata da questão, revelando que o desrespeito à autoria muitas vezes recebia o aval do próprio autor, em função de sua condição social: “Acontecia de o editor, na compra do manuscrito, reservar para si o direito de tê-lo assinado por um autor de sua escolha [...] Corria o boato de que Dumas empregava em seus porões toda uma companhia de literatos pobres.”⁷⁴

⁷² SALES, Germana Maria Araújo. O romance (...), op. cit., p. 203-216.

⁷³ NEVES, Lúcia Maria Bastos e FERREIRA, Tania Maria Bessone da Cruz. Privilégios ou Direitos? A questão, autoral entre intelectuais e homens de estado no Brasil do século XIX. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU Márcia (Org). **Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: UNESP, 2010. p. 503 – 517.

⁷⁴ BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Tradução José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 26. (Obras escolhidas; v. 3).

Na sociedade portuguesa houve posições bem definidas quanto à defesa dos direitos do autor, com destaque para Almeida Garrett que “foi o político que lutou pela legislação sobre a propriedade literária e artística, quando membro do Parlamento português⁷⁵” para onde retornou em 1851. A defesa feita pelo político Garrett não se fez sentir no escritor, porque no que se refere a sua produção intelectual, o escritor era menos determinado. Diferente de outro português, Camilo Castelo Branco, que sempre foi um defensor enérgico de suas produções. A informação quem nos fornece são as pesquisadoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman⁷⁶: “A legislação resultante da militância de Almeida Garrett não beneficiou seu autor, mas facultou a um de seus pares, Camilo Castelo Branco, a alegação, perante a justiça, de seus direitos”. E acrescentam, referindo-se a uma peça do romancista – ‘Poesia ou dinheiro?’ – na qual há o letrado Júlio Correia:

Também Camilo Castelo Branco, talvez seu *alter ego* de carne e osso, subverte o comportamento aristocrático do fundador do Romantismo português, mostrando-se bem mais aguerrido na defesa de seus direitos do que qualquer um dos poetas fictícios presentes na literatura em língua portuguesa do século XIX.⁷⁷

Ao tratar sobre a prática da contrafação no Brasil, Valéria Augusti presta importantes informações:

Ao mesmo tempo que divulgavam sua produção literária no Brasil, os escritores portugueses tentavam evitar, a todo custo, a contrafação de suas obras. De nada adiantava ter um público leitor na ex-metrópole se os dividendos decorrentes dele não chegavam às mãos dos escritores. Nas décadas de 1870 e 1880, essa questão é motivo de acaloradas discussões ente alguns dos mais ilustres e bem sucedidos escritores portugueses do século XIX, como Pinheiro Chagas e Camilo Castelo Branco. Decididos a garantir os direitos autorais sobre a circulação de suas obras no Brasil, os autores portugueses publicavam na imprensa artigos reveladores da importância do público leitor brasileiro para o mercado editorial português e dos malefícios da contrafação provenientes, em grande parte, da não participação do Brasil nas convenções literárias internacionais.⁷⁸

E acrescenta, revelando a posição de Camilo Castelo Branco frente ao problema, defensor que foi o escritor de uma posição mais enérgica por parte do governo:

⁷⁵ LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. **O preço da leitura**. São Paulo: Ática, 2001. p. 123.

⁷⁶ Ibidem, p. 124.

⁷⁷ Ibidem, p. 125.

⁷⁸ AUGUSTI, Valéria. Contrafação e convenção literária no Brasil do Oitocentos. In: SALES, Germana Maria Araújo; FURTADO, Marli Tereza; DAVID, Sérgio Nazar (Org.). **Interpretação do texto, leitura do contexto**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013. p. 187-202.

Diante de tal situação, o romancista português sugeria a celebração de um tratado de propriedade literária entre Brasil e Portugal, proposta que, segundo ele, havia sido ensaiada por escritores e editores portugueses quando a visita de D. Pedro II a Lisboa. Nessa ocasião, observa, o projeto não medrara em virtude da influência de Herculano sobre o Imperador brasileiro. A seu ver, cabia ao governo, e não aos escritores, tomar as rédeas da situação, levando a termo o tratado em defesa dos portugueses. Caso o governo não pudesse ou não quisesse fazê-lo, a única saída seria informar a ele “(...) a que repartição (...) deveria ir receber “a pensão indenizadora do roubo irremediável”⁷⁹

No Brasil, a legislação que disciplinou o direito autoral tardou a aparecer. Antes de haver uma disciplina legal sobre o assunto, a prática de contrafação⁸⁰ era comum no mercado brasileiro. Mesmo com o estabelecimento do acordo entre a coroa portuguesa e o Brasil, em 1825, prescrevendo a proteção dos direitos de propriedade, as publicações de obras portuguesas seguiam por aqui, fossem por meio de reimpressões de livros, ou pela publicação de obras literárias no espaço folhetim dos periódicos.

Acerca deste fato, importantes são as informações que nos prestam Lúcia Neves e Tânia Ferreira:

O primeiro ponto acerca das contrafações foi tangenciado pelo tratado entre Brasil e Portugal de 29 de agosto de 1825, no qual se reconheceu a independência do novo país. Esse acordo estabelecia que os direitos e propriedades dos súditos portugueses seriam guardados e protegidos (Tratados, 1992, p.43-5). No entanto, isso não significava de forma explícita a inclusão da propriedade literária, sendo garantidos apenas os bens de propriedade material. Assim, a reprodução de obras portuguesas multiplicava-se, pois os editores brasileiros alegavam que tal prática não podia ser considerada um crime, uma vez que não havia nenhuma lei que a regulasse.⁸¹

Como se vê, os intelectuais portugueses não estavam alheios a este fato. As denúncias seguiam sendo apresentadas aos governos português e brasileiro, a partir da identificação dos editores e livreiros praticantes dos atos de violação da propriedade intelectual, como o caso indicado abaixo, ocorrido no estado do Pará:

Em janeiro de 1854, o ministro português reafirmou a justiça e a conveniência de estabelecer-se, de maneira mais positiva e duradoura, o Direito de Propriedade Literária e Artística entre Portugal e o Império, em função das inúmeras reclamações que recebia. Citava como exemplo o caso de um livreiro estabelecido no Pará, um dos locais de maior presença lusa, que fizera por sua conta a reimpressão do Manual enciclopédico para uso das escolas de instrução primária e do Método fácilimo para aprender a ler e escrever a gramática francesa teórica e prática, com “grave prejuízo de seu autor, o súdito português Emílio Aquiles Monteverde”⁸².

⁷⁹ Ibidem, p. 190.

⁸⁰ Produção comercial de um artigo sem autorização da entidade que detém a sua propriedade intelectual.(Fonte Wikipédia, acesso em 23 de julho de 2013 às 12:06h).

⁸¹ NEVES, Lúcia Maria Bastos; FERREIRA, Tania Maria Bessone da Cruz, op. cit., p. 507.

⁸² Ibidem, p. 508.

Embora o destaque seja dado aos livros, como de fato ocorreu na época com as reimpressões não autorizadas, convém frisar que a mesma lógica parece ter sido utilizada nas publicações das obras nos jornais, uma vez que a legislação deixava espaço também para esta prática.

Em razão dessas circunstâncias – a popularização dos romances alçada pela via da imprensa, ou a equivalência do idioma – o Brasil era um importante mercado para os livros portugueses, inclusive os de Camilo Castelo Branco, cujos negócios envolviam também nosso país.

Sobre as relações do mercado bibliográfico brasileiro e português, Marisa Lajolo e Regina Zilberman afirmam:

Assim, à moda do obscuro Manuel Alves, personagem de Poesia ou dinheiro?, o Brasil aparece no horizonte das possibilidades e enriquecimento, razão por que constitui mercado atraente para os portugueses, sobretudo após os anos 50 do século XIX. Não é acidentalmente, portanto, que, entre aquela época e o final do período monárquico, em 1889, Portugal se empenhe em legalizar os negócios relativos aos direitos autorais com a ex-colônia americana.⁸³

Apenas no final do século XIX, e motivada pelo interesse em concretizar os negócios relativos à publicação de livros, inclusive portugueses, tendo em vista o fato de o Brasil ser um interessante mercado consumidor, é que surgiu, em 1898, a Lei 496, definindo e regulamentando os direitos do autor⁸⁴.

3.4 As narrativas camilianas publicadas na seção folhetim do **Diário do Gram-Pará** – 1857 a 1886

O **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso) fez circular entre os leitores da capital, na seção folhetim, no rodapé da sua primeira página, textos diversos e de diferentes autores, em sua maioria narrativas.

Assim como outras folhas, o **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso) também teve sua atuação na vida política da cidade. Acerca desse cunho político do jornal, o historiador Carlos Rocque assim informa:

⁸³ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina, op. cit., p. 129.

⁸⁴ NEVES, Lúcia Maria Bastos; FERREIRA, Tania Maria Bessone da Cruz, op. cit., p. 516.

Em março de 1853 foi a vez de aparecer o primeiro jornal diário de Belém e com uma vida longíssima, pois atravessou todo o restante do período imperial, entrando no período republicano: o *Diário do Gran-Pará*. Dois portugueses foram seus fundadores: José Joaquim Mendes Cavaleiro, redator principal, e Antônio José Rabelo Guimarães. Começou com folha pequena, com duas e três colunas; depois passou a folha média, de 3 a 4 colunas; e por fim, ao formato máximo, com 6 e 7 colunas. Em 1865, por questões políticas, Mendes Cavaleiro foi deportado para Portugal; e o jornal passou a proprietários diversos, como órgão do Partido Conservador (durante o restante do período imperial; do Partido Católico, após a Adesão à República) e, por fim, do Partido Nacional. Deixou de circular em 15 de março de 1892, data de seu último número. De 1865 até sua extinção, o *Diário* teve destacados redatores, tais como José Ferreira Cantão, Antônio Gonçalves Nunes, Antônio Ricardo de Carvalho Penna, Carlos Frederico Rhosard e cônego Mâncio Caetano Ribeiro. No império, como divulgador do Partido Conservador, sua influência foi mesmo na vida da Província. Teve, como grande rival, **O Liberal do Pará**, que apoiava exatamente o outro partido político imperial, o liberal. (grifo nosso)⁸⁵.

Foi o **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso) uma folha “commercial, noticiosa e litterária”, conforme a indicação nas edições do jornal, e além da seção folhetim, direcionada à circulação de textos literários ficcionais ou de crítica, o periódico também trazia anúncios da venda de livros, bem como apresentava ao longo de suas colunas, poemas de autoria variada.

A seguir, um quadro com os textos publicados no jornal, na seção folhetim, conforme edições disponíveis em microfilme na Biblioteca Pública Arthur Vianna:

⁸⁵ ROCQUE, Carlos. **História geral de Belém e do Grão-Pará**. Atualização de texto Antônio José Soares. Belém: DistribeL, 2001. p. 68.

Quadro 2 – Textos publicados no Diário do Gram-Pará entre os anos de 1863 e 1885

Nº	Texto	Autor	Mês –Ano
1.	Coisas espantosas	Camilo Castelo Branco	Setembro-1863
2.	A neta do Arcediago	Camilo Castelo Branco	Setembro- 1863
3.	O arrependimento	Camilo Castelo Branco*	Setembro- 1863
4.	O Baile real	J. J. Mendes Cavalleiro	Novembro- 1863
5.	A gratidão	Camilo Castelo Branco*	Novembro- 1863
6.	Espinhos e flores	Sem indicação de autoria	Novembro- 1863
7.	Viagens em Portugal	J. J. Mendes Cavalleiro	Novembro- 1863
8.	O monge negro	D . Torquato Torrogo Y Mateus	Janeiro-1864
9.	Chronica Theatral	J. J. Mendes Cavalleiro	Janeiro- 1864
10.	O bem e o mal	Camilo Castelo Branco	Abril- 1864
11.	A filha do doutor negro	Camilo Castelo Branco	Julho- 1864
12.	Viagem ao Araguaya	Sem indicação de autoria	Julho- 1864
13.	A festa das creanças	Texto assinado por S. (Remetido a José T. A. D'amorim)	Julho- 1876**
14.	A Actualidade	Magalhães Lima.	Julho- 1876**
15.	A vingança de Carvaján	Jorge Ohnet	Outubro- 1885
16.	Humilde pleito	Júlio Mário	Outubro- 1885
17.	O cemitério	B. J. Borges	Novembro- 1885
18.	O escravo	Carlos Gomes	Novembro- 1885
19.	Christo e a adúltera	Rodolpho Bernardelli	Novembro- 1885
20.	Crítica literária	A . Ferreira Viana	Dezembro- 1885
21.	O natal na Noruega	Sem indicação de autoria	Dezembro- 1885
22.	O natal	Fagundes Varela	Dezembro- 1885
23.	Treva na luz	Hoffman	Dezembro- 1885
24.	Infelizmente	França Júnior	Dezembro- 1885
25.	A roleta	Maurício Jokay. Versão portuguesa de J. Gualdino	Fevereiro- 1886
26.	A pororoca	Tibúrcio	Fevereiro- 1886
* Conforme já esclarecido, os romances não seriam de autoria de Camilo Castelo Branco.			
** A consulta deste ano ocorreu na versão impressa do jornal.			

Fonte: DO AUTOR. 2013.

As obras referidas foram identificadas nas edições do jornal disponíveis para pesquisa, nos anos indicados, o que não encerra a pesquisa, já que uma grande soma de edições está aguardando tratamento técnico. A seguir, um quadro com a disposição das

edições do **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso), já disponibilizadas, e outras, que ainda não receberam tratamento técnico:

Quadro 3 – Edições do Diário do Gram-Pará de posse da Biblioteca Pública Arthur Vianna

Edições já microfilmadas e disponíveis para pesquisa		Edições em fase de higienização e tratamento técnico.					
Ano	Meses	Ano	Meses	Ano	Meses	Ano	Meses
1857	Jun a dez	1865	Jan a dez	1877	Jul a dez	1887	Jan a dez
1858	Jan a dez	1866	Jan a dez	1878	Jan a dez	1888	Jan a dez
1860	Jan a mai	1869	Jan a dez	1879	Jan a dez	1889	Jan a dez
1861	Jan a dez	1870	Jan a dez	1880	Jan a dez	1890	Jan a dez
1863	Set a dez	1871	Jan a dez	1881	Jan a dez	1891	Jan a dez
1864	Jan a dez	1872	Jan a dez	1882	Jan a dez	1892	Jan a mar
1867	Jan a dez	1873	Jan a dez	1883	Jan a dez		
1868	Jan a dez	1874	Jan a dez	1884	Fev a dez		
1885	Out a dez	1875	Jan a dez	1885	Jan a jun		
1886	Fev a mai	1876	Jan a dez	1886	Jan a dez		
Obs ¹ . As edições dos meses e anos não indicados acima, não estão sob a posse da Biblioteca Pública Arthur Vianna.							
Obs ² . Os exemplares 05 de julho a 21 de setembro do ano de 1876, por terem condições de manipulação, foram consultados.							

Fonte: DO AUTOR. 2013.

O primeiro romance de Camilo Castelo Branco publicado no **Diário do Gram-Pará**, (grifo nosso) como se observa acima, foi a narrativa **Coisas espantosas** (grifo nosso), de 1862, em 35 capítulos mais a conclusão, cujo primeiro número figurou na edição nº 200 do jornal do dia 04.09.1863 a 12.09.1863, iniciando-se do capítulo XIX e chegando ao XXXII.

Quadro 4 – Distribuição dos capítulos do romance Coisas espantosas no Diário do Gram-Pará

Edição do <i>Diário</i>	Dia de publicação	Capítulo
200	04.09.1863	XIX, XX, XXI
201	05.09.1863	XXII, XXIII
202	06.09.1863	XXIV, XXV, XXVI
205	12.09.1863	XXX, XXXI, XXXII

Fonte: DO AUTOR. 2013.

Do ano de 1863, apenas os exemplares de setembro a dezembro ainda existem e estão disponíveis, o que significa dizer que não há como garantir que a obra foi integralmente apresentada na seção folhetim do **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso). Mas, é bem provável que tenha havido a publicação, uma vez que não faria sentido iniciar a publicação de um romance por seu 19º capítulo.

Também em 1863, **A neta do arcediogo** (grifo nosso), de 1856, narrativa de 19 capítulos e conclusão, teve sua segunda edição publicada no **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso), a partir do nº 210 do jornal, de 18.09.1863 a 10.10.1863, do I ao XIV capítulos, ausentes os capítulos XI e XII, sendo um capítulo por dia de publicação, comumente na primeira página do jornal, ou ocupando a primeira e a segunda página. Vejamos abaixo:

Quadro 5 – Distribuição dos capítulos do romance A neta do arcediogo nas edições do Diário do Gram-Pará

Nº	Edição do <i>Diário do Gram-Pará</i>	Dia de publicação	Capítulo
1.	210	18.09.1863	I
2.	211	19.09.1863	II
3.	212	20.09.1863	III
4.	214	23.09.1863	IV
5.	215	24.09.1863	V
6.	217	26.09.1863	VI
7.	218	27.09.1863	VII
8.	219	28.09.1863	VIII
9.	221	01.10.1863	IX
10.	222	02.10.1863	X
11.	228	09.10.1863	XIII
12.	229	10.10.1863	XIV

Fonte: DO AUTOR. 2013.

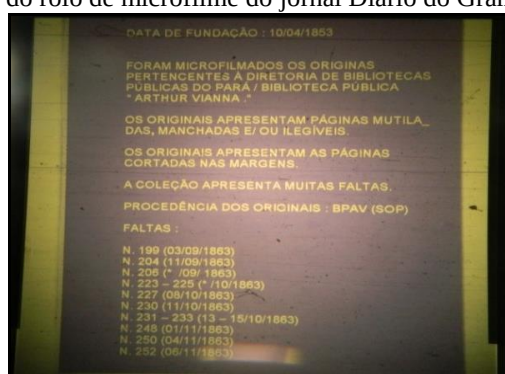
Nas edições disponíveis do **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso), foram identificados apenas os capítulos indicados, com publicação contínua, com mínimas interrupções, como do

capítulo X, em 02.10.1863 (edição nº 222), quando se passa pela edição nº 228 de 07.10.1863, na qual não constou o folhetim, com retomada em 09.10.1863 já com o capítulo XIII e em 10.10.63 com o XIV, este o último a configurar na seção do jornal. Depois disto, há edição disponível do jornal (nº 234) apenas em 16.10.63, publicada sem a seção folhetim.

Abaixo a indicação de algumas edições do periódico que não existem mais, sendo então impossível identificar se de fato houve a publicação do romance na sua integralidade, nos dias que se seguiram.

Vejamos a seguir a informação sobre as edições em falta:

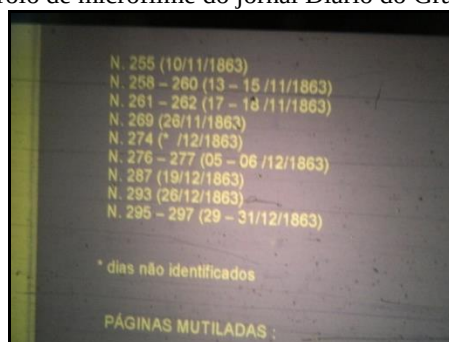
Imagem 12 – Imagem do rolo de microfilme do jornal Diário do Gram-Pará de setembro a dezembro de 1863.



Fonte: BIBLIOTECA PÚBLICA ARTHUR VIANNA. 2013.

Legenda: FALTAS: N. 199 (03/09/1863); N. 204 (11/09/1863); N. 206 (/09/1863); N. 223 – 225 (* /09/1863); N. 227 (08/09/1863); N. 230 (11/10/1863); N. 231 – 233 (13-15/10/1863); N. 248 (01/11/1863); N. 250 (04/11/1863); N. 252 (06/11/1863).

Imagem 13 – Imagem do rolo de microfilme do jornal Diário do Gram-Pará, de setembro a dezembro de 1863



Fonte: BIBLIOTECA PÚBLICA ARTHUR VIANNA. 2013.

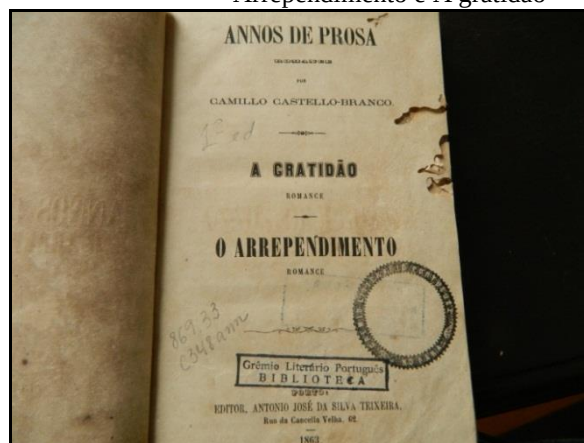
Legenda: N. 255 (10/11/1863); N. 258 – 260 (13 – 15/11/1863); N. 261 – 262 (17 – 18/11/1863); N. 269 (26/11/1863); N. 274 (/12/1863); N. 276 – 277 (05 – 06/12/1863); N. 287 (19/12/1863); N. 293 (26/12/1863); N. 295 – 297 (29 – 31/12/1863)

Como se percebe, faltam as edições de nº 223 a 225, nas quais poderiam estar presentes os capítulos XI e XII. Também, as edições de 11.10.63 a 15.10.63 não existem. Neste caso, é provável que nela pudessem estar os capítulos seguintes do romance, embora o lapso de tempo indicado não comportasse os capítulos a serem publicados – quatro dias de edições e seis dias necessários para os capítulos restantes e a conclusão, considerando a publicação de um capítulo por dia – haja vista a existência da edição seguinte a estas (de nº 234, 16.10.63), na qual não houve publicação na seção folhetim.

Os romances seguintes a figurarem no jornal foram **O arrependimento** (grifo nosso) e **A gratidão** (grifo nosso), publicados no livro **Anos de prosa** (grifo nosso) de Camilo Castelo Branco, em 1863, publicados na data de 20.11.1863, sendo suficiente apenas a edição de nº 264 do jornal para apresentar o romance integralmente aos leitores, no caso do primeiro, e de 22.11.1863 até a edição 271 de 28.11.1863, no caso de **A gratidão** (grifo nosso), narrativa com 14 capítulos.

Como já dito, Henrique Marques não identifica Camilo Castelo Branco como autor das obras anteriormente citadas, apesar de terem sido levadas a público como se pertencessem ao romancista português. Diante disto, ressalte-se, ampliando as informações de Henrique Marques, que o frontispício da primeira edição de **Anos de prosa** (grifo nosso), em que elas estão presentes, permite notar certa cautela em afirmar essa autoria. Vejamos:

Imagem 14 – Imagem do frontispício da 1ª edição de Anos de prosa, a única e que estão os romances O Arrependimento e A gratidão



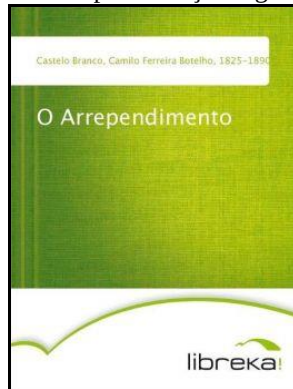
Fonte: GRÊMIO LITERÁRIO E RECREATIVO PORTUGUÊS. 2013.

Note-se que a indicação do nome do autor, Camilo Castelo Branco, apenas aparece seguindo-se ao título do romance principal – **Anos de prosa** (grifo nosso)– permanecendo os

demais sem esta referência. Esta cautela não ocorre nas edições atuais dos romances, como a seguir se observa.

A narrativa **O arrependimento** (grifo nosso) foi publicada em versão digital pela *MVB E-Books*⁸⁶ em 2010. Abaixo a capa desta edição, com autoria atribuída a Camilo Castelo Branco:

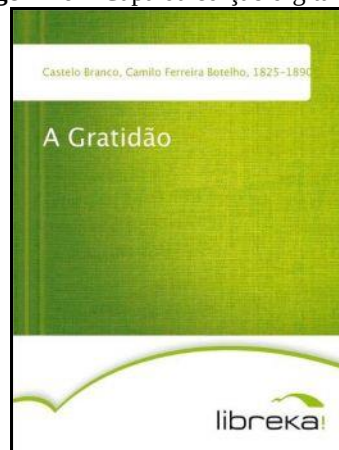
Imagem 15 – Capa da edição digital da narrativa O Arrependimento



Fonte: MVB E-BOOKS. 2013.

O mesmo ocorre com a edição também digital da obra **A gratidão**⁸⁷ (grifo nosso), publicada também pela *MVB E-Books*. Vejamos abaixo:

Imagem 16 – Capa da edição digital da narrativa A gratidão



Fonte: MVB E-BOOKS. 2013.

⁸⁶Disponível em: < <http://www.barnesandnoble.com/w/o-arrependimento-camilo-ferreira-botelho-castelo-branco/1104155870?ean=9783655221334>.>. Acesso em: 10 de ago. de 2013.

⁸⁷ Disponível em: <<http://www.barnesandnoble.com/w/a-gratid-o-camilo-ferreira-botelho-castelo-branco/1112675078?ean=9783655221327>>. Acesso em 10 de ago. de 2013.

Em 1864, o romance **O bem e o mal** (grifo nosso) também ocupou a seção folhetim do **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso). A reprodução da primeira edição do livro, com 19 capítulos e conclusão, de 1863, foi publicada em 29.04.1864, na edição 96 do periódico, a começar pelo capítulo IV, até 25 de maio do mesmo ano, com o capítulo XIX e conclusão.

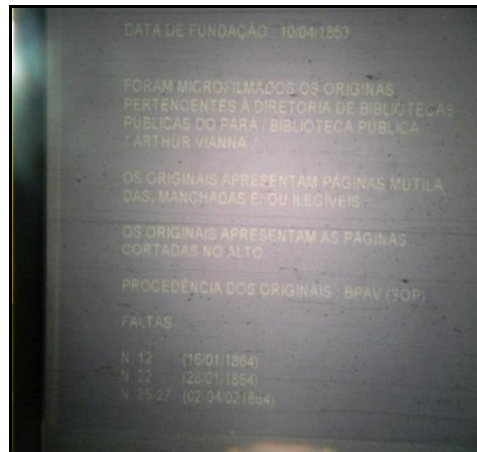
Quadro 6 – Distribuição dos capítulos do romance O bem e o mal nas edições do Diário do Gram-Pará

Edição do <i>Diário</i>	Dia de publicação	Capítulo
96	29.04.1864	IV
--*	05.1864**	V
--*	01.05.1864	VI
--*	05.1864**	VIII
--*	05.1864**	IX
--*	05.1864**	X
--*	08.05.1864	XI
--*	05.1864**	XII
--*	05.1864**	XIII
--*	05.1864**	XV
--*	05.1864**	XVI
--*	05.1864**	XVII
117	25.05.1864	XIX e conclusão
*. Não foi possível identificar a edição, em razão de folha mutilada.		
**. Não foi possível visualizar o dia, em razão de folha mutilada.		

Fonte: DO AUTOR. 2013.

Também no caso desse romance não foi possível identificar a presença do I ao III capítulos, em razão a falta de exemplares do jornal, como a seguir se atesta:

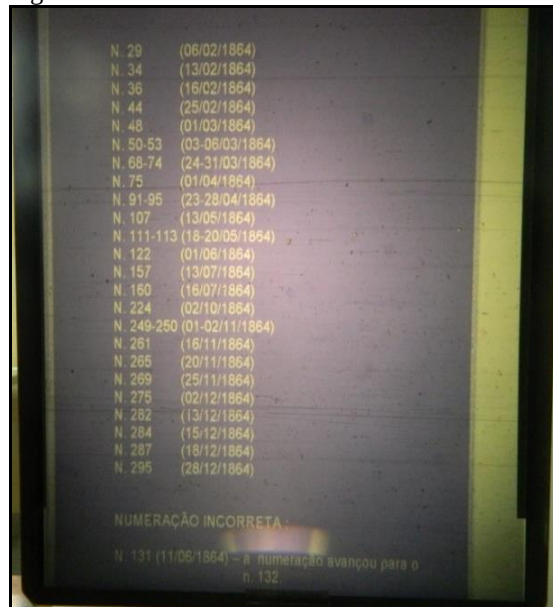
Imagem 17 – Imagem do rolo de microfilme do ano de 1864 do Diário do Gram-Pará



Fonte: BIBLIOTECA PÚBLICA ARTHUR VIANNA. 2013.

*Legenda: N. 12 (16/01/1864); N. 22 (28/01/1864); N. 25 – 27 (02/04/1864)

Imagem 18 – Imagem do rolo de microfilme do ano de 1864 do Diário do Gram-Pará



Fonte: BIBLIOTECA PÚBLICA ARTHUR VIANNA. 2013.

*Legenda: N. 29 (06/02/1864); N. 34 (13/02/1864); N. 36 (16/02/1864); N. 44 (25/02/1864); N. 48 (01/03/1864); N. 50 – 53 (03 – 06/03/1864); N. 68 – 74 (24 – 31/03/1864); N. 75 (01/04/1864); N. 91 – 95 (23 – 28/04/1864); N. 107 (13/05/1864); N. 111 – 113 (18 – 20/05/1864); N. 122 (-1/06/1864); N. 157 (13/07/1864); N. 160 (16/07/1864); N. 224 (02/10/1864); N. 249 – 250 (01 – 02/11/1864); N. 261 (16/11/1864); N. 265 (20/11/1864); N. 269 (25/11/1864); N. 275 (02/12/1864); N. 282 (13/12/1864); N. 284 (15/12/1864); N. 287 (18/12/1864); N. 295 (28/12/1864)

A filha do doutor negro (grifo nosso), de 1864, romance com 24 capítulos e conclusão, teve sua primeira edição publicada no mesmo ano pelo **Diário do Gram-Pará**, (grifo nosso) seguindo-se os capítulos do romance, antecidos pelo prefácio também reproduzido no periódico, de 12.07.1864, na edição 156 do jornal, até 14.08.1864. Apesar de

ser o romance de Camilo Castelo Branco com mais capítulos publicados no **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso), não figurarm nas edições do jornal o capítulo primeiro e o capítulo vigésimo quarto.

Quadro 7 – Distribuição dos capítulos do romance A filha do doutor negro nas edições do Diário do Gram-Pará

Edição do <i>Diário</i>	Dia de publicação	Capítulo
156	12.07.1864	Prefácio
158	14.07.1864	II
159	15.07.1864	III
--*	07.1864**	IV
--*	19.07.1864	V
163	20.07.1864	VI
164	21.07.1864	VII
165	22.07.1864	VIII
166	23.07.1864	IX
--*	26.07.1864	X
169	27.07.1864	XI
170	28.07.1864	XII
171	29.07.1864	XIII
172	30.07.1864	XIV
173	31.07.1864	XV
174	02.08.1864	XVI
176	04.08.1864	XVII
177	05.08.1864	XVIII
178	06.08.1864	XIX
179	07.08.1864	XX
182	11.08.1864	XXI
183	12.08.1864	XXII
184	13.08.1864	XXIII
185	14.08.1864	Conclusão
* . Não foi possível identificar o número da edição.		
** Não foi possível identificar o dia de publicação.		

Fonte: DO AUTOR. 2013.

Camilo Castelo Branco, de fato, foi um autor presente na Belém do século XIX. E as peculiaridades de sua circulação por aqui, do que os relatos acima são uma pequena mostra, expõem os pontos de contato da sociedade local com as leituras feitas em outros países, o que não apenas sinaliza, mas parece provar, a capacidade da obra camiliana de permanecer, porque serviu o leitor dos ingredientes que ele buscava, e dos quais se alimentava. Paulo Motta reconhece este Camilo Castelo Branco genial, e afirma:

Se Camilo escreve de várias formas para vários públicos, possui, em consequência, uma obra múltipla, capaz de satisfazer aos mais diferentes apetites. Não estaria aí o mistério de sua longevidade? Diferentes épocas, públicos e gostos conseguiram ali encontrar o que procuravam. Da mesma forma como me divirto com o humor cáustico e me espanto com a radiografia precisa e sem piedade que Camilo faz de seu tempo, outros, percorrendo as mesmas páginas, já se deliciaram com as lágrimas sem fim, a religiosidade patente, a imaginação romântica. Se lembrarmos aqui do anúncio que acima citei – “Uma coleção única das melhores obras de um genial autor, que lhe permitirá desfrutar de histórias plenas de paixão, sátira e alma portuguesa...” – podemos pensar que é justamente isso o que indica: estamos diante de uma obra pronta a atender a múltiplas demandas. Camilo sobreviveria, assim, justamente pela falta de unidade que Teófilo julga ser um dos defeitos de sua produção. Era alguém que sabia tão bem fingir-se que a sua obra, mais de um século após a sua morte, continua a interessar a um público vário e diversificado, de especialistas da área a simples leitores que, vez ou outra, compram obras em bancas de jornal.⁸⁸

A identificação das particularidades que envolveram a publicação dos romances camilianos no **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso) são uma mostra da riqueza que a pesquisa em periódicos guarda e permite entender hoje o quê e como lia a sociedade da Amazônia do século XIX – suas preferências e exigências – numa interessante aproximação a um indivíduo que deixou nos jornais as referências para se entender sua vida, em sua mais natural e marcante rotina.

⁸⁸ OLIVEIRA, Paulo Motta. **À Esquina do Cânone: Olhares Dissimulados, Leituras Oblíquas**. Disponível em: < http://www.fflch.usp.br/dlcv/lpg/I_EPPLP.pdf >. Acesso 13 ago. 2013. p. 565.

4 A HISTÓRIA EDITORIAL DOS ROMANCES CAMILIANOS PUBLICADOS NO DIÁRIO DO GRAM-PARÁ

As narrativas constantes do **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso) nos anos de 1863 e 1864 foram obras que passaram por sucessivas publicações, fato comum à produção de Camilo Castelo Branco, pois seus romances tiveram intensa circulação em diferentes edições, e o escritor soube dar visibilidade a sua produção literária, seja nos contatos que estabeleceu com editores amigos, como foi o caso de Antônio Maria Pereira, seja na iniciativa que revelou ao enviar seus escritos a outros editores, certo da necessidade de tornar sua obra acessível. Acerca disto, oportuna é a menção a uma carta remetida pelo autor a José Barbosa e Silva, então redator do jornal **Aurora do Lima** (grifo nosso), quando menciona: “Lembrava-me dizer-te que, se me pagassem, escreveria para esse jornal 4 correspondências-folhetins por mês, sobre cousas do Porto [...]. Gratuitamente não posso; bem sabes que não escrevo por prazer, nem por glória.”⁸⁹

A partir de um rigoroso estudo do Dicionário de Camilo Castelo Branco, de Alexandre Cabral (1989), da **Revista Bibliográfica Camiliana** (grifo nosso) (1917), de Manoel dos Santos, volumes 1 e 2 e da **Bibliografia Camiliana** (grifo nosso) (1894) e de **Editores de Camilo** (grifo nosso) (1925), ambos de Henrique Marques, somados a consultas aos acervos de bibliotecas do Brasil e de Portugal, bem como a outros estudos que compõem a bibliografia referente a Camilo Castelo Branco, como dissertações e teses que versam sobre a obra do autor, foram constatados alguns dados importantes sobre o conjunto da produção camiliana, sendo identificado o caminho de publicação das narrativas aqui referidas, para elucidar de que modo elas se fizeram presentes tanto em Portugal quanto no Brasil, precisamente em Belém, nas publicações em folhetins e em formato livro, como aqui e lá ocorreram.

Não apenas o número de edições produzidas, mas, no caso das edições atuais, o formato em que foram lançadas, reafirmam como as obras de Camilo Castelo Branco estiveram presentes em sucessivas gerações de leitores, o que certamente pode contribuir para o entendimento sustentado por Paulo Motta, de que é o escritor português integra o grupo dos mais valiosos nomes da literatura em língua portuguesa, e é merecedor de um espaço privilegiado no cânone.

⁸⁹ CABRAL, Alexandre. **Dicionário de Camilo Castelo Branco**. Lisboa: Caminho, 1989. p. 42.

A primeira narrativa a figurar na seção folhetim do **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso), foi o romance **Coisas espantosas** (grifo nosso), cuja primeira edição é de 1862, e foi lançada pela Livraria de Antônio Maria Pereira.

Imagem 19 – Frontispício da 1ª edição do livro Coisas Espantosas



Fonte: SANTOS. 1917.

Permeada por mistério, suspense e revelações surpreendentes, a narrativa **Coisas espantosas** (grifo nosso) representa um pouco do chamado romance “gótico” ou “negro”, tipo de ficção a qual Camilo Castelo Branco aderiu. Relatando as conturbadas relações travadas entre as personagens, o autor constrói uma trama ágil, em que se vê o sofrimento de Augusto Botelho, filho de Inácio Botelho, primeiro por ter perdido a mãe, depois o pai e por fim a mulher a quem amou – Carlota Reis, que ajudou na criação de Augusto e era criada de seu pai, Inácio, a quem prestava favores domésticos e íntimos.

No transcorrer na narrativa, Carlota, ansiosa por viver um amor que não encontrava em Inácio, mantém um caso com Manuel de Castro, o qual usava a relação para obter vantagens. O envolvimento se mantém até a usurpação dos bens de Inácio pelo casal, sem que o fiel criado Gregório Redondela, sabedor do romance pudesse impedir. Restando para ele, por representar uma ameaça aos interesses de Manuel de Castro, os graves ferimentos dos golpes desferidos por este na tentativa de assassinar Gregório.

Miserável e órfão, Augusto vai morar com uma tia, com quem sofre em razão das privações. Augusto passa a morar com Gregório Redondela, que está rico e passa a tratar

Augusto como filho. Por esta época, Carlota que havia entrado em um estado de demência, ainda não está recuperada. Gregório a encontra, assim com a Manuel de Castro e os perdoa.

Por mais surpreendente que possa parecer, conforme as reflexões da voz narrativa, a história continua a surpreender. Augusto apaixona-se por Carlota, e só não busca realizar este sentimento, porque a mulher, sentindo-se não merecedora deste amor, morre. Tempos depois, também a morte de Augusto é revelada.

Embora estejam na linha de frente do romance as idas e vindas do amor, importa compreender que Camilo Castelo Branco dá passos à frente, como nos informa Cláudia Gizelle Paiva:

Assim, também encontramos em sua narrativa um ambiente contemporâneo em que são exploradas as temáticas do amor; [...] a questão dos títulos de nobreza, muito em voga no tempo, que é presente nas atitudes de algumas personagens que abandonam suas castas em decorrência dos títulos de nobreza que adquiriram como Manuel de Castro que se torna barão e Carlota que se torna viscondessa, e em outras que não cedem aos benefícios de uma classe, como Gregório Redondela e Inácio Botelho; e a *ganância*, que move o ser capitalista.⁹⁰

Passando a compor a galeria das narrativas de Camilo Castelo Branco, antes da primeira edição em livro, o romance **Coisas espantosas** (grifo nosso) foi levado a público em folhetim no jornal português **Aurora do Lima** (grifo nosso), da cidade de Viana do Castelo, com o título **A natureza das coisas** (grifo nosso). Em razão da boa relação mantida com o redator do jornal, seu amigo José Barbosa e Silva, o autor português pode publicar muitas obras suas em folhetins nesse jornal, como **Abençoado crime** (grifo nosso) (conto), em 1857 e **Saudade** (grifo nosso) (poesia, 1856), em 1859.

A segunda publicação autônoma da obra ocorreu em 1864, editada pela Livraria Antonio Maria Pereira. Trinta e oito anos depois, em 1902, foi lançada a 3ª edição, pela Parceria Antônio Maria Pereira, como passou a ser chamada a editora de Antonio Maria Pereira após sua morte; mesma editora da 4ª edição, lançada em 1904. As edições seguintes, publicadas em sequência, com intervalo de seis anos – 5ª, de 1911, 6ª, de 1917, e 7ª, de 1923 – também foram editadas pela editora Parceria Antonio Maria Pereira. Passados mais vinte e três anos, houve a publicação da 8ª edição do romance, datada de 1946. A 9ª edição, de 1969,

⁹⁰ PAIVA, Cláudia Gizelle. **Coisas espantosas no jornal Diário do Gram-Pará**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013. p. 41.

teve nota preliminar de João Cabral do Nascimento e fixação de texto por Maria Emília Coelho de Palma Martins.⁹¹ Outro nono volume do romance está disponível em meio digital, com nota de Alexandre Cabral.⁹²

É importante perceber que houve um grande lapso de tempo separando a 2ª da 3ª edição do livro. No período compreendido entre estas edições, ocorreram as mortes dos editores responsáveis pelo lançamento das obras de Camilo Castelo Branco até então – Antonio Maria Pereira pai, em 1880, e filho, em 1898, passando a livraria, já chamada de Parceria, ao terceiro da dinastia, neto de Antonio Maria, o qual deu segmento aos projetos da editora e publicou as oitenta obras de Camilo Castelo Branco adquiridas por seu pai, inclusive, as edições que se seguiram da obra **Coisas espantosas** (grifo nosso). Ressalte-se que houve a publicação de uma terceira edição, também lançada pela Livraria de Antonio Maria Pereira em 1895, na qual, diferente das edições anteriores e mesmo da edição de 1902 já citada, consta uma “Nota bibliográfica” assinada por Henrique Marques, antes do início da narrativa propriamente dita. Dessa edição não foi encontrado nenhum exemplar, restando apenas a referência a ele, cujo trecho se transcreve a seguir:

[...] Este volume é o primeiro dos nove (e não quatro como por erro vem sob o nº 16) da Coleção Antônio Maria Pereira para as quais o Sr. Henrique Marques fez a já citada “Notícia Bibliographica” que depois lhe retiraram, sendo por isso raros os exemplares que a teem...[...]⁹³

A editora Círculo de leitores de Lisboa publicou várias edições do romance na década de 1980, em uma sequência de quatro lançamentos: 1981, 1982, 1983 e 1984, todas acompanhadas de seleção de notas de Alexandre Cabral⁹⁴.

Além das edições supracitadas, existem outras mais recentes do romance, como as versões digitais (*e-books*) da **BiblioBazaar**⁹⁵ (grifo nosso), de 2009 e das Edições Vercial,

⁹¹ Acervo da Biblioteca Municipal do Porto. Disponível em: <<http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?session=139647S66Y70U.352606&menu=search&aspect=subtab11&npp=20&ipp=20&spp=20&profile=bmp&ri=1&source=~!horizon&index=.GW&term=coisas+espantosas&x=0&y=0&aspect=subtab11>>. Acesso em 31.03.2014.

⁹² Disponível em: <[bidvb.com:2300/mini-biblioteca-brasileirinha.html/Coisas-Espantosas – Camilo Castelo Branco.txt](http://bidvb.com:2300/mini-biblioteca-brasileirinha.html/Coisas-Espantosas-Camilo-Castelo-Branco.txt)>. Acesso em 31.03. 2014.

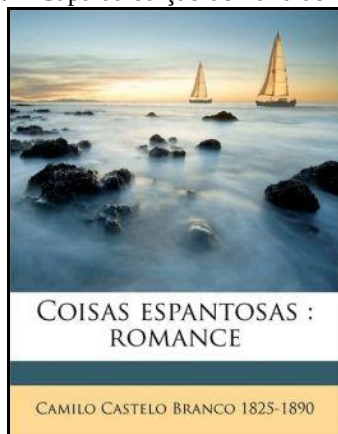
⁹³ SANTOS, Manuel dos. Revista **Bibliográfica Camiliana**. Vol. 2. Livraria de Manuel dos Santos. Lisboa, 1916, p. 53

⁹⁴ Acervo da Biblioteca Municipal do Porto. Acesso em 31 mar. 2014.

⁹⁵ Disponível em: <<http://www.barnesandnoble.com/w/coisas-espantosas-camilo-castelo-branco/1101017224?ean=9781110237722>> .Acesso em 17 ago. 2013

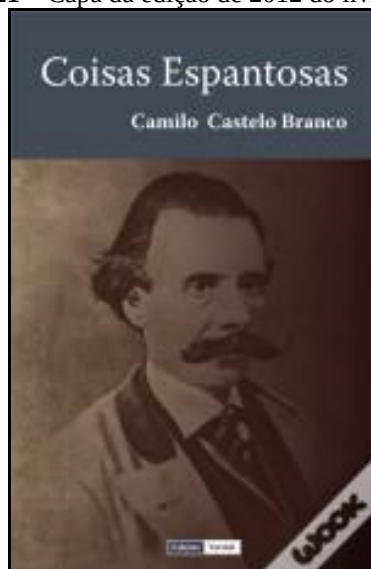
publicadas em 2010 e 2012⁹⁶, e a versão também em *e-book* da **Nabu Press** (grifo nosso), de 2010, esta sendo a fiel reprodução da 7ª edição de 1923⁹⁷.

Imagem 20 – Capa da edição de 2010 do livro *Coisas Espantosas*



Fonte: NABU PRESS. 2013.

Imagem 21 – Capa da edição de 2012 do livro *Coisas Espantosas*



Fonte: BIBLIOBAZAAR. 2013.

A sequência de edições da obra, especialmente nos primeiros anos do século XX, é um interessante dado para expressar a conexão de Camilo Castelo Branco com o leitor de romances, não apenas o leitor dele contemporâneo. Assim se afirma frente ao fato de **Coisas espantosas** (grifo nosso) ter sido uma obra cujas publicações foram se renovando e chegando ao meio digital, como as edições em *e-book* podem comprovar.

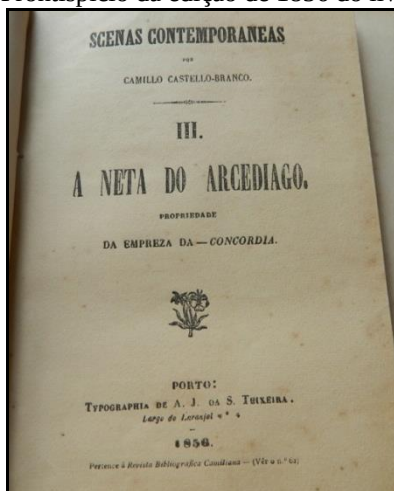
⁹⁶ Disponível em: <<http://www.wook.pt/ficha/coisas-espantosas/a/id/14306043>>. Acesso em: 17 ago. 2013

⁹⁷ Disponível em: <<http://www.barnesandnoble.com/w/coisas-espantosas-camilo-castelo-branco/1102519321?ean=9781175071880&isbn=9781175071880>>. Acesso em: 17 ago. 2013

Com a habilidade para conectar situações inusitadas e recheiar a trama de revelações surpreendentes, o gênio de Camilo Castelo Branco permitiu vida longa ao romance **Coisas espantosas** (grifo nosso), porque se manteve na galeria de narrativas buscadas pelos leitores. Esta afirmação já seria suficiente para reconhecer no referido autor, em relação a esta obra, um expoente da escrita literária, porque, embora tenha produzido diversas obras, dos mais variados gêneros, este romance, em particular, continua a ocupar um lugar privilegiado, nas estantes virtuais ou físicas, mundo a fora, como podem ratificar as dezesseis edições do livro quatorze das quais, lançadas após a morte de Camilo Castelo Branco, ocorrida em 1890.

O segundo romance a circular nas páginas do **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso) foi **A neta do arcediogo** (grifo nosso), cuja primeira publicação ocorreu na seção folhetim no jornal do Porto **A Verdade** (grifo nosso), como terceira parte da miscelânea **Cenas contemporâneas** (grifo nosso), de setembro a dezembro de 1855, sendo lançado como livro pela Empresa da Concórdia do Porto no ano seguinte da publicação em jornal, em 1856.

Imagem 22 – Frontispício da edição de 1856 do livro *Scenas Contemporaneas*



Fonte: SANTOS. 1917.

Com enredo movimentado e cheio de novidades, bem comum à famosa ficção camiliana, o romance envolve o leitor numa atmosfera de amor não correspondido, oportunismo e constantes viradas na sequência dos acontecimentos, de modo que resta sempre à espera de outra nova revelação, guardada para enlaçar ainda mais o leitor nas peripécias nada corretas de Luiz da Cunha, e oferecer ao narrador mais uma chance de expor suas concepções sobre a vida, os relacionamentos, as pessoas e seus mais particulares anseios. Também em **A neta do arcediogo** (grifo nosso) os conflitos revelam quebras de perspectivas

que provocam os sentimentos do leitor, um importante ingrediente da ficção nos “pavilhões inferiores” dos jornais.

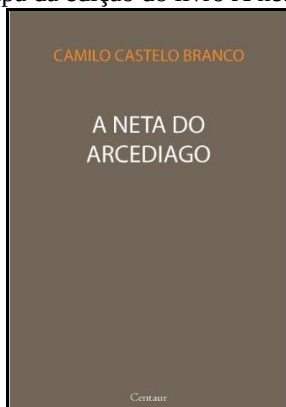
Em resumo, a narrativa conta sobre o comportamento galhofeiro de Luiz da Cunha, seu envolvimento em situações de perigo e o deboche que caracteriza sua personalidade. Ao conhecer Assucena, por intermédio de Rosa, a mãe da menina, finge ter se regenerado e a leva em fuga do convento para onde ela havia sido mandada. A iniciativa de ficar com Assucena logo revela mais um plano de Luiz – casar com a menina para conseguir um dote. Fracassado o plano, Luiz a abandona, envolve-se em uma briga com o padrasto da menina e é preso. Tendo sua fiança paga por Liberata, uma cortesã, passa a viver com ela, que mantém os luxos do rapaz até um tempo, quando então, novamente, sem recursos, age de modo irresponsável e envolve-se em novas confusões que outra vez o levam para a prisão, agora também endividado em razão do vício do jogo. Sabendo dos fracassos do rapaz, Assucena, já rica herdeira do conego Trigoso, que a resgatou do sofrimento quando abandonada por Luiz, decide quitar as dívidas do rapaz, sem que ele saiba. Sendo a ele prometida a quantia de 6 (seis) contos de réis, Luiz aceita uma viagem para o Brasil. Após muitas viagens no Brasil e na Europa, quando casou-se e se separou de Mariana, uma viúva brasileira, que acaba morrendo de desgosto, Luiz retornou a Lisboa. Após envolver-se em crimes, é morto em uma tentativa de invasão da casa de Assucena, a qual, louca, também morre ao final do romance, após descobrir o corpo morto de seu amado.

O sucesso do romance junto ao público lhe rendeu muitas edições. Após a 1ª. publicação de 1856, na qual já consta o índice com a identificação dos capítulos, seguiram-se a 2ª, quatro anos depois em 1860, mais quatro anos, a 3ª edição, de 1874, última publicada em vida do autor. Essas duas edições foram divulgadas pela Casa de Cruz Coutinho, do Porto. Já a 4ª edição, lançada só dezoito anos depois da 3ª, em 1892, foi publicada pela Companhia Editora de Publicações Ilustradas de Lisboa⁹⁸. A 5ª edição é de 1905 e compõe o número 37 da Coleção Obras de Camilo Castelo Branco, a qual trouxe um anúncio das obras que compunham a citada coleção; foi uma publicação da Parceria Antônio Maria Pereira, editora que também lançou as publicações seguintes, a 6ª edição, de 1918, que constou de uma nota das edições da obra publicadas até aquele momento, a 7ª de 1926, a 8ª de 1957 e a 9ª edição

⁹⁸ Segundo Henrique Marques, na sua *Bibliographia Camiliana* (Livraria de Antonio Maria Pereira, Lisboa, 1894, p. 16), a 4ª edição é o volume 39 da Coleção Camilo Castelo Branco.

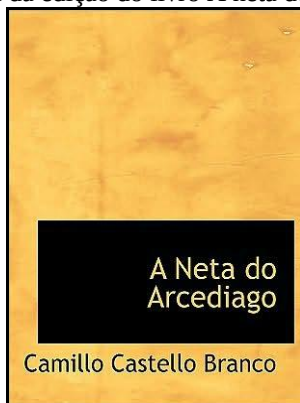
Nabu Press¹⁰⁵(grifo nosso). Há também a versão digital publicada em 2012, pela *B&R Samizdat Express*, lançada em português. No mesmo ano, outra versão *e-book* foi lançada pela Editora **Centauro** (grifo nosso).

Imagem 24 – Capa da edição do livro *A neta do arcediogo*, lançada pela Centaur



Fonte: WWW.AMAZON.COM. 2013.

Imagem 25 – Capa da edição do livro *A neta do arcediogo*, lançada pela BiblioBazaar.



Fonte: BIBLIOBAZAAR. 2013.

Imagem 26 – Capa da edição do livro *A neta do arcediogo*, lançada pela BiblioBazaar em 2010.



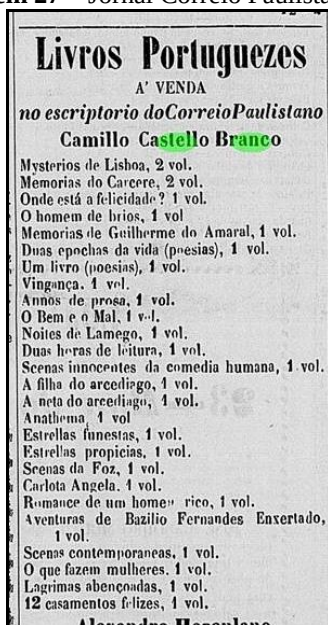
Fonte: BIBLIOBAZAAR. 2013.

¹⁰⁵ Disponível em: <<http://www.barnesandnoble.com/w/a-neta-do-arcediago-camilo-castelo-branco/1020498958?ean=9781143021176>>. Acesso em: 17 ago. 2013.

Assim como ocorreu com o romance **Coisas espantosas** (grifo nosso), **A neta do Arcediago** (grifo nosso) circulou primeiro em jornais, tendo tido a chance de se popularizar de modo instantâneo, como ocorria com os textos de circulação nos periódicos do século XIX. Contando com 13 publicações durante um século e meio, entre os anos de 1855 a 2012, o romance atravessou os dois últimos séculos (XIX, XX), e permanece no presente, conservando sua estrutura e perfil de obra romântica aos moldes camilianos.

Além das edições portuguesas, a publicação do romance chegou ao continente americano e esteve presente desde a lista dos romances anunciados à venda, como mostra o anúncio a seguir, divulgado no **Correio Paulistano** (grifo nosso), em 15 de julho de 1864¹⁰⁶, como também circulou, não apenas no jornal, mas em livro, como provam as várias edições disponíveis para leitura no Grêmio Literário Português, no acervo **Camilianas** (grifo nosso), em Belém, constituído de diversas obras do autor.

Imagem 27 – Jornal Correio Paulistano de 15 de julho de 1864, p. 3



Fonte: BIBLIOTECA NACIONAL. 2013.

No caso desta obra, há que se destacar o fato de além de ter edições em formato digital – *e-book*, ter duas publicações atuais impressas, o que comprova a permanência da obra no mercado editorial, que privilegia produtos atraentes ao público. A importância do

¹⁰⁶ Disponível em: <hemerotecadigital.bn.br> (Hemeroteca da Biblioteca Nacional). Acesso em: 18 ago. 2013.

romance, como texto de referência na historiografia literária portuguesa, pode ser confirmada não apenas pela expressiva quantidade de edições que teve, mas por ter sido o maior número delas, da 3ª em diante, publicado após a morte de Camilo Castelo Branco.

O romance **O bem e o mal** (grifo nosso), terceira obra a figurar nas páginas do **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso), também foi um livro com várias publicações, sendo uma das edições reveladoras da prática costumeira da contrafação, como a seguir se tratará.

Originalmente publicado em folhetins a partir de 08 de setembro de 1863 pelo diário **O Comércio do Porto** (grifo nosso), em Portugal, **O bem e o mal** (grifo nosso) surgiu em edição autônoma no mesmo ano, publicado pela **Tipografia do Comércio** (grifo nosso). Esta edição consta de uma dedicatória – “Ao Padre Antônio de Azevedo. ‘Nome que os pobres, seus irmãos, reverenciam, e os enfermos da alma, abençoam; ancião virtuoso, operário infatigável em serviço, de DEUS e da humanidade’ Offerece este escripto. O autor”¹⁰⁷.

Imagem 28 – Frontispício da 1ª edição do livro **O bem e o mal**



Fonte: CASTELO BRANCO. 1863.

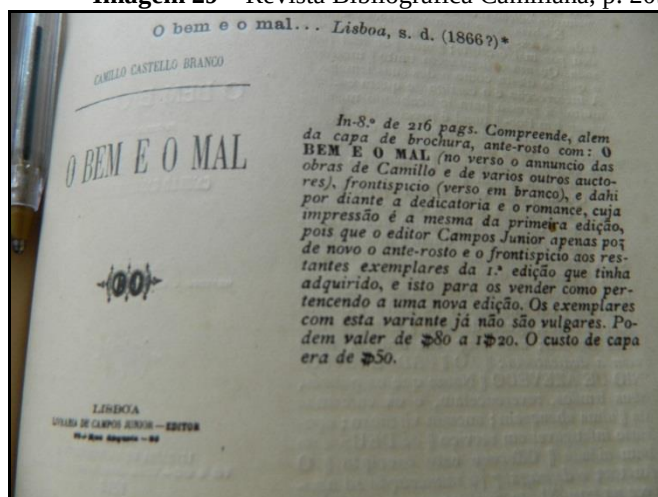
O enredo da obra **O bem e o mal** (grifo nosso) é marcado pela disparidade de forças entre Alexandre de Aguiar, desprezado por Christina, filha de Ruy de Nellas, e Casimiro Bettancourt, um honrado plebeu, que de início foge levando Christina, mas acaba por receber a aprovação para matrimônio do pai da moça.

¹⁰⁷ SANTOS, Manoel dos. **Revista Bibliografica Camiliana**. Lisboa: Livraria de Manoel dos Santos, 1917, p. 204.

Sempre ajudados por Ladislau Tibério e sua esposa, Peregrina, irmã de Padre João Ferreira, vigário de São Julião da Serra, Casimiro e Christina sofrerão com os obstáculos postos no caminho, primeiro pelo pai da moça, Ruy, até entender que de fato havia dado consentimento a Ladislau para o casamento dos dois, até a perseguição sofrida pelas investidas de Alexandre de Aguiar, em que se destaca a vilania deste e a honradez do esposo de Christina, protegido também por Guilherme de Lira, acadêmico que sacrifica sua vida pela de Casimiro. Neste romance os personagens representam o embate entre bem e mal.

Após a publicação da edição de 1863, o romance seguiu em mais de três dezenas de novos lançamentos. Já no ano de 1866, foi publicada uma edição da obra pela Livraria de Campos Júnior, ao que tudo indica a 2ª edição, apesar de nela não constar esta identificação. Como abaixo se vê:

Imagem 29 – Revista Bibliografica Camiliana, p. 205



Fonte: SANTOS. 1917.

*Legenda: In.8º de 216 pags. Compreende, além da capa de brochura, ante-rostro com: O BEM E O MAL (no verso o anúncio das obras de Camillo e de vários outros autores), frontispício (verso em branco), e daí por diante a dedicatória e o romance, cuja impressão é a mesma da primeira edição, pois que o editor Campos Junior apenas poz de novo o ante-rostro e o frontispício aos restantes exemplares da 1ª edição que tinha adquirido, e isto para os vender como pertencendo a uma nova edição. Os exemplares com esta variante já não são vulgares. Podem valer de \$80 a 1\$20. O custo de capa era de \$50¹⁰⁸.

Nesta edição consta um anúncio de obras de Camilo Castelo Branco e de outros autores.¹⁰⁹

As edições seguintes só vieram a lume onze anos depois, em 1877 pela Livraria de Campos Junior (3ª edição), nela consta um prefácio, designado Prefácio da Segunda Edição, o

¹⁰⁸ Ibidem, p. 205.

¹⁰⁹ Idem.

que já seria suficiente para considerar esta sim a verdadeira 2ª edição¹¹⁰, na qual Camilo Castelo Branco comenta sobre as virtudes que julga existir no romance **O bem e o mal**. (grifo nosso) Também nela consta um título para cada capítulo.

Desta 3ª edição, doze anos se seguiram até a 4ª, de 1889, pela Companhia Editora de Publicações Ilustradas, em Lisboa, única publicação a trazer um índice ao final do romance, e última edição publicada em vida de Camilo Castelo Branco, tendo sido por ele revista. A 5ª edição surgiu também doze anos depois da 4ª, em 1897 e pela Livraria de Antônio Maria Pereira, também em Lisboa, nela consta uma nota bibliográfica de Henrique Marques. A esta edição, seguiu-se outra de 1902, também tida como 5ª edição, lançada pela Parceria Antônio Maria Pereira, já sob a administração do neto de Antônio Maria. Ainda, foram publicadas a edição de 1910, a 6ª, em que se encontra um anúncio dos volumes já publicados do romance, a de 1917, que é a 7ª, publicada pela Parceria Antônio Maria Pereira, que lançou também a 8ª, de 1923, a 9ª, de 1936, a 10ª edição de 1940, seguida da 11ª de 1946. Cinco anos mais tarde, a Parceria Antônio Maria Pereira lançou a 12ª em 1951, seguida da 13ª em 1956 e da 14ª em 1958, todas pela Parceria. Nesta década, três anos antes do 14º volume, a Organização Simões, do Rio de Janeiro, publicou um volume do romance, em 1955, edição que traz prefácio, notas e vocabulário do Prof. Mário Casassanta.

De acordo com Henrique Marques, em nota bibliográfica à edição de 1897: “A 3ª edição e a 4ª tem títulos de capítulo, o que na 1ª não vem; e encontram-se n’ellas pequenas modificações de phases, tendentes a melhorar o estylo e a fôrma litteraria do livro.”¹¹¹ Estes títulos de capítulos se mantiveram nas edições seguintes.

Na década de 1960, foram lançadas quatro edições do livro, da 15ª a 18ª, em 1962, 1964, 1967 e 1969, em Lisboa e também pela Parceria A. M. Pereira. Na década seguinte, a editora que mais lançou obras de Camilo Castelo Branco, desde sua fundação, a Parceria Antônio Maria Pereira, publica ainda a 19ª, em 1971, a qual seria seguida pelas publicações da **Círculo de leitores** (grifo nosso) – 1976, 1977 e 1981, esta, e as seguintes de 1983 e 1984,

¹¹⁰ Ibidem, p. 206.

¹¹¹ CASTELO BRANCO, Camilo. **O bem e o mal**. 5 ed. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1897.

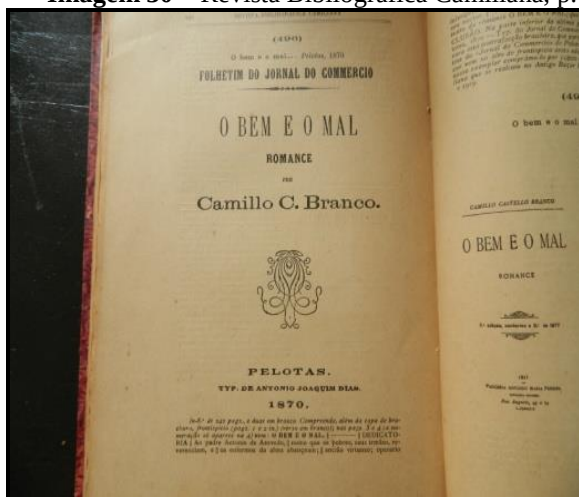
também pela **Círculo de leitores** (grifo nosso), lançadas com seleção de notas de Alexandre Cabral.¹¹²

Também houve publicações do romance no Porto, como a edição da **Lello & Irmão-Editores** (grifo nosso), de 1985, com estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações de Justino Mendes de Almeida e a da Caixotim, em 2003, com fixação do texto por Maria de Lourdes A. Ferraz. Em 2005, foi lançada ainda a edição da Planeta DeAgostini, de Lisboa, com prefácio de Fernando Mendonça, revisão de Luís Milheiro e fixação de texto por Maria Joaquina Nobre Júlio.¹¹³

Conforme o levantamento de publicações do livro, **O bem e o mal** (grifo nosso), ao contrário dos outros, teve pelo menos uma publicação em cada década, de 1860 a 1885, seguindo-se, com intervalo de dezesseis anos sem edições, dos lançamentos do século XX.

Além das edições oficiais, foi identificada uma contrafação brasileira do romance, datada de 1870, e publicada no **Jornal do Comércio** (grifo nosso) em Pelotas. Vejamos a imagem do frontispício¹¹⁴ desta edição, a seguir, seguida de informações acerca dela:

Imagem 30 – Revista Bibliografica Camiliana, p. 142.



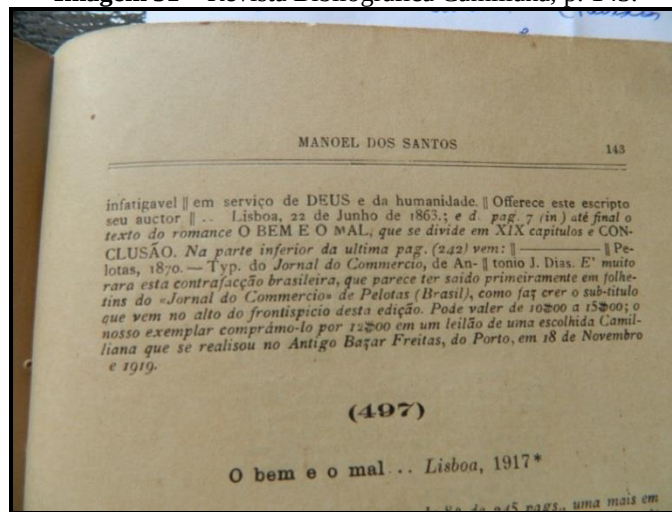
Fonte: SANTOS. 1917.

¹¹² Informações extraídas da publicação, em meio eletrônico, feita por Luísa Alvim e disponível em: <http://camilo20.wordpress.com/category/romances/o-bem-e-o-mal>. Acesso em março de 2014.

¹¹³ Idem.

¹¹⁴ SANTOS, Manuel dos, op. cit., p. 143.

Imagem 31 – Revista Bibliografica Camiliana, p. 143.



Fonte: SANTOS. 1917.

*Legenda: In-8º de 242 pags, e duas em branco. Compreende, além da capa de brochura, frontispício (pags. 1 e 2 in.) (verso em branco); nas pags. 3 e 4 (a numeração só aparece na 4) vem: O BEM E O MAL. DEDICATÓRIA Ao padre Antonio de Azevedo, nome que os pobres, seus irmãos, reverenciam, e os enfermos da alma abençoam; ancião virtuoso; operário infatigável em serviço de DEUS e da humanidade. Oferece este escripto seu auctor..Lisboa, 22 de Junho de 1863.; e d. pag. 7 (in) até final o texto do romance O BEM E O MAL, que se divide em XIX capítulos e CONCLUSÃO. Na parte inferior da ultima pag. (242) vem// _____// Pelotas, 1870. – Typ. do Jornal do Commercio, de An-//tonio J. Dias. É muito rara esta contrafação brasileira, que parece ter saído primeiramente em folhetins do “Jornal do Commercio” de Peotas (Brasil), como faz crer o sub-título que vem no alto do frontispício desta edição. Pode valer de 10\$00 a 15\$00; o nosso exemplar compramo-lo por 12\$00 de uma escolhida Camiliana qu se realizou no Antigo Bazar Freitas, do Porto, em 18 de Novembro de 1919¹¹⁵.

A contrafação de obras não era desconhecida dos autores, tanto que Camilo Castelo Branco expressa sua insatisfação com o ato costumeiro em terras brasileiras, no artigo **Os Contrafactores do Brazil** (grifo nosso):

Os livreiros no Brazil operam as suas contrafacções movidos d’um pensamento chão, correntio e singelo: roubar-nos. Eles não desejam definitivamente que os escritores portugueses desanimem e vão para o Brazil alistar-se em maltas que medram no latrocínio; pelo contrário, ambicionam que a pobreza nos aguilhoe e force a escrever muito para eles, pregoeiros da nossa fecundidade, possam continuar a roubar-nos e encher-nos de edições e glórias transatlânticas. A glória! Que mais queremos nós? (CASTELO BRANCO, 1879, p. 127).¹¹⁶

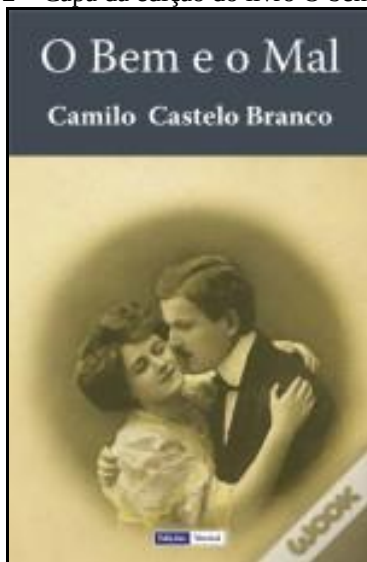
Embora a prática da reprodução sem prévia autorização do autor fosse ato ilegal, o fato de existir a contrafação brasileira do romance expõe o modo como o editor lidava com as narrativas camilianas, porque **O bem e o mal** (grifo nosso) foi escolhido para existir em publicação local, fator que denota a importância do romance no contexto editorial brasileiro.

¹¹⁵ Idem.

¹¹⁶ AUGUSTI, Valéria. **Contrafação e convenção literária no Brasil do Oitocentos**. In: SALES, Germana Maria Araújo; FURTADO, Marli Tereza; DAVID, Sérgio Nazar (Org.). **Interpretação do texto, leitura do contexto**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013Interpretação do texto, leitura do contexto. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013, p. 187-202.

Essa importância é reiterada quando são identificadas edições atuais do romance. Há a edição das **Edições Vercial**¹¹⁷ (grifo nosso) – e-book – lançada em 2012. A reprodução da capa está a seguir:

Imagem 32 – Capa da edição do livro *O bem e o mal*, lançado pela Vercial



Fonte: EDIÇÕES VERCIAL. 2013.

O bem e o mal (grifo nosso), conhecido do público por suas trinta e uma edições, também contribui para compreender a obra de Camilo Castelo Branco como um valioso acervo da literatura portuguesa, que ultrapassou os obstáculos geográficos e se consolidou como um produto buscado pelo público, não apenas português.

Ainda, a oferta também deste romance em meio digital para o leitor da atualidade e do futuro, revela que a narrativa se mantém importante e esse notável romancista português permanece, a despeito dos mais de cento e cinquenta anos da escrita do livro, especialmente quando se tem em vista que de todas as edições de **O bem e o mal** (grifo nosso), apenas as quatro primeiras foram publicadas em vida do autor.

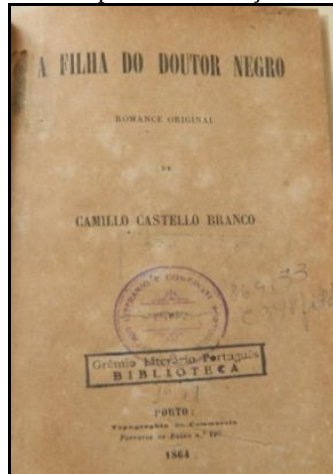
O mesmo ocorreu com o romance seguinte – **A filha do doutor negro** (grifo nosso)– cujas edições se multiplicaram após a morte de Camilo Castelo Branco. A história editorial deste romance é o que passaremos a comentar.

O romance **A filha do doutor negro** (grifo nosso) foi originalmente publicado em folhetins em 1864 no jornal **O Commercio do Porto** (grifo nosso), cujo redator – Antônio

¹¹⁷ Disponível em: <<http://www.wook.pt/ficha/o-bem-e-o-mal/a/id/14317719>>. Acesso em: 17 ago. 2013.

Joaquim Xavier Pacheco – amigo de Camilo, recebeu a obra como livro em homenagem, no mesmo ano de 1864, quando lançada pela Typographia do Commercio, no Porto.

Imagem 33 – Frontispício da 1ª edição do livro A filha do doutor negro



Fonte: CASTELO BRANCO. 1864.

A filha do doutor negro (grifo nosso) retrata um tema recorrente em Camilo Castelo Branco – as idas e vindas do amor - e narra a história de amor de Albertina, filha do competentíssimo advogado Francisco Simões Alpedrinha, e João Chrysostomo, espanhol que ganhava a vida em profissões variadas, algumas das quais ligadas aos estudos da língua francesa. Os apaixonados empreenderam fugas, mas inicialmente não puderam ficar juntos. Impedida de casar-se com Chrysostomo, Albertina é levada pelo pai para o convento dos Remédios, em Braga, após recusar união com Antônio da Silveira, militar por quem o pai da menina nutria grande apreço. Após uma fuga frustrada, João vai ao cárcere acusado de raptar Albertina.

Antônio da Silveira, mesmo amando honestamente Albertina, passa a ser para ela um irmão, ao ponto de insistir junto ao pai da menina que perdoasse a filha e deixasse João Chrysostomo partir para o Rio de Janeiro, o que foi recusado pelo pai, por João e pela moça.

Passados os anos, Chrysostomo, tendo cumprido sua pena, é solto, não antes de Alpedrinha buscar a filha no convento para protegê-la das investidas de João. O pai leva a filha à casa dos Valladares. Tempos depois, Albertina foge com João para Espanha.

No mesmo período, João Chrysostomo conhece o senhor Agostinho José Chaves, homem de Pova de Varzim, meio surdo e meio cego, que demonstra muito apreço por João e

oferece-lhe uma quantia em dinheiro: duzentas moedas de ouro, o que João aceita para ter condições de buscar Albertina, mas com promessa de pagar a dívida ao novo credor.

Ao fazer uma gentileza a Agostinho José Chaves, João, sem saber, envolve-se em uma falsificação, porque O senhor Chaves, na verdade, era Caetano Alves de Carvalho, nem surdo nem cego, indivíduo envolvido em uma contenda por alguns bens, cuja propriedade era anunciada a um filho de um lavrador – Sebastião França – vendedor; era Caetano Alves filho do comprador. A venda ocorreu em 1790.

O caso teve o pai de Albertina como defensor do senhor Joaquim França, filho do lavrador, e fora logo descoberta a falsificação da escritura lavrada no negócio, a mesma que João havia concedido para Agostinho Chaves (Caetano Alves), consultar. Este falsificou o documento sem que João desconfiasse.

Assim, costurando o enredo cheio de peripécias, Camilo Castelo Branco impõe limites à felicidade do casal, que se vê obrigado a fugir para o Brasil. Aqui, seguem-se os anos até a absolvição de João e os demais, a morte do pai de Albertina, o crescimento do ódio de João por Caetano Alves, o assassinato deste por Chrysostomo, e o fim trágico de Albertina, tendo vivido seus últimos dias como mendiga às margens do Mirante, depois de morrer seu amado na prisão, vítima de tuberculose.

A história narrada revela-se em um enredo envolvente. Sabe-se desde o início da mendicância de Albertina, contada já no primeiro capítulo, mas o interesse em saber a razão deste destino conduz o leitor pela teia de intrigas criada pelo narrador, infiltrado na história pela mão de Antonio da Silveira.

Esta narrativa permeada de personagens marcantes e elementos complicadores do enredo teve mais doze edições, sendo a 2ª edição publicada pela Livraria de Campos Junior, em Lisboa, provavelmente seis anos depois da 1ª, em 1870¹¹⁸. Nela não constam a dedicatória e o “Extracto de Memorias do Carcere”, do que constava a 1ª publicação.

A 3ª edição só seria lançada vinte e um anos depois, em 1891, pela Companhia Editora de Publicações Ilustradas, de Lisboa, na qual também não estão presentes a dedicatória e o “extracto” que constam da 1ª edição, seguida de outra também 3ª edição,

¹¹⁸ SANTOS, Manuel dos, op. cit., p. 211.

lançada pela Parceria Antonio Maria Pereira, em 1904¹¹⁹, mesmo ano de publicação da 4ª edição, em 1904, também editada pela Parceria A. M. Pereira¹²⁰. A 5ª edição demoraria quinze anos para ser lançada só sendo publicada em 1919, enquanto a 6ª edição seria lançada mais sete anos após, em 1926, amabas pela Parceria Antonio Maria Pereira, editora também do 7º volume, de 1959 e do 8º de 1971. Consta ainda uma edição lançada pela Cidade Publicações. Além destas, há uma edição de 1972, lançada pela Parceria Antonio Maria Pereira¹²¹.

Há uma contrafação brasileira do romance, lançada pelo jornal **Echo do Sul** (grifo nosso) de Pedro B. de Moura em 1864, mesmo ano de publicação do original em Portugal, o que parece indicar que os editores brasileiros mantinham-se informados acerca das publicações portuguesas inéditas. É importante notar o que informa o estudioso Manuel dos Santos acerca deste volume:

[...]

Esta contrafacção brasileira, publicada no mesmo ano em que saiu a 1ª edição portuguesa, é extremamente rara. Parece que as paginas deste volume foram, no mesmo formato em que estão, primitivamente insertas no jornal “Echo do Sul”, do Rio Grande, em cujos números se publicaram quatro de cada vez, como que a servirem de folhetim, com a faculdade de se poderem cortar e dobrar, para depois a coleção completa constituir o presente volume, de regulares dimensões. [...] ¹²²

Além das edições impressas, também este romance está disponível em meio digital, em edições *e-book* romance, como a de 2010 publicada pela **Nabu Press**¹²³ (grifo nosso), e a de 2013 trazida pela *General Books LLC*¹²⁴, cujas capas estão ilustradas a seguir:

¹¹⁹ Ibidem, p. 212.

¹²⁰ MARQUES, Henrique. **Editores de Camillo**. Lisboa: Empresa da Historia de Portugal, 1925, p. 197.

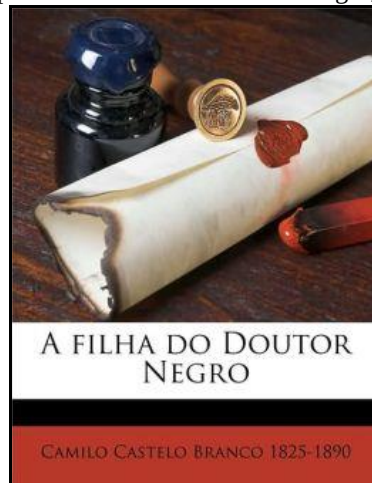
¹²¹ Disponível em: <bmp.cm-porto.pt> (Catálogo das Bibliotecas municipais do Porto). Acesso em: 31 mar. 2014.

¹²² SANTOS, Manuel dos. Op., cit., p. 198-199.

¹²³ Disponível em: <<http://www.barnesandnoble.com/w/filha-do-doutor-negro-camilo-castelo-branco/1100215887?ean=9781175141996>>. Acesso em: 17 ago. 2013.

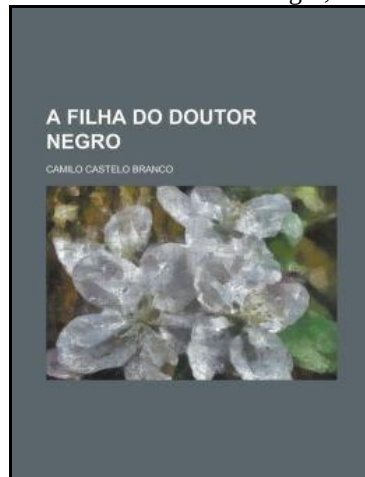
¹²⁴ Disponível em: <<http://www.barnesandnoble.com/w/a-filha-do-doutor-negro-u-s-government/1116585167?ean=9781234340162>>. Acesso em: 17 ago. 2013.

Imagem 34 – Capa do livro *A filha do doutor negro*, lançado pela Nabu Press



Fonte: NABU PRESS. 2013.

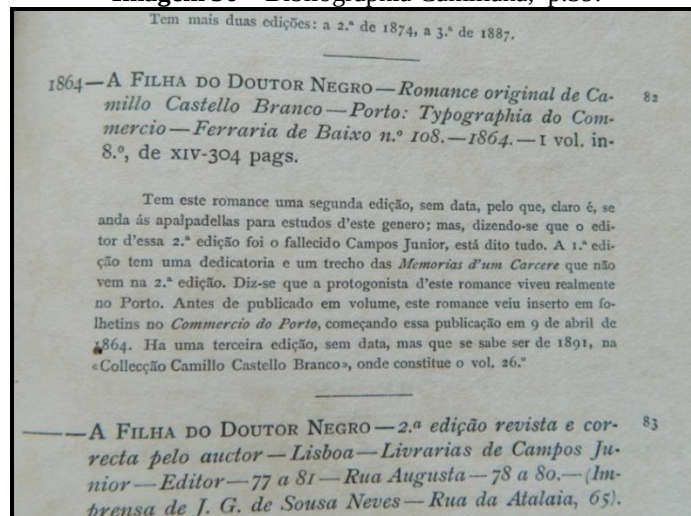
Imagem 35 – Capa do livro *A filha do doutor negro*, lançado pela General Books LLC



Fonte: GENERAL BOOKS LLC. 2013.

Também há uma versão da segunda edição do romance, totalmente disponível para leitura *on line*, com indicação de data de 1880, uma década depois do ano de publicação da 2ª edição: 1870, ano que, porém, comporta dúvidas, como nos informam os dados extraídos da Bibliografia Camiliana de Henrique Marques, a seguir reproduzido e transcrito:

Imagem 36 – Bibliographia Camiliana, p.39.

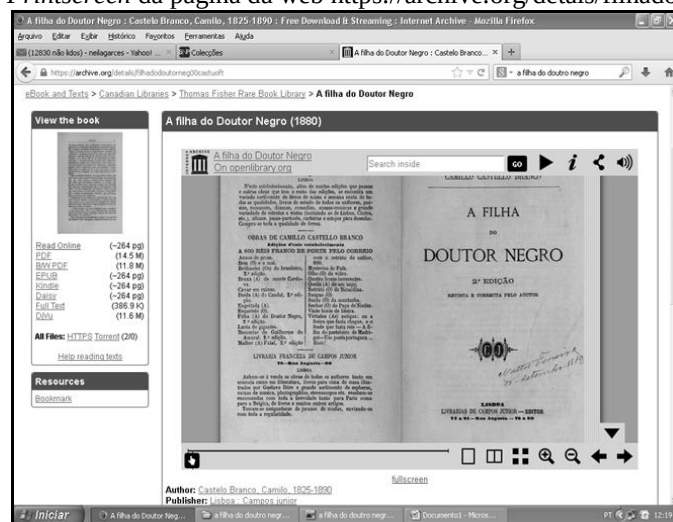


Fonte: MARQUES. 1894.

*Legenda: Tem este romance uma segunda edição, sem data, pelo que, claro é, que anda ás apalpadelas para estudos d'este gênero; mas, dizendo-se que o editor d'esta segunda edição foi o fallecido Campos Junior, está dito tudo. A 1ª edição tem uma dedicatória e um trecho das *Memorias d'um Carcere* que não vem na 2ª edição. Diz-se que a protagonista d'este romance viveu realmente no Porto. Antes de publicado em volume, este romance veiu inserto em folhetins no *Commercio do Porto*, começando essa publicação em 9 de abril de 1864. Há uma terceira edição, sem data, mas que se sabe ser de 1891, na 'Collecção Camillo Castello Branco', onde constitue o vol. 26.º.¹²⁵

Vejamos a seguir, a página¹²⁶ que exhibe o romance digital, com a identificação da data de que se tratou acima:

Imagem 37 – Printscreen da página da web <https://archive.org/details/filhadodoutorneg00castuoft>



Fonte: DO AUTOR. 2013.

¹²⁵ MARQUES, Henrique. **Bibliographia Camiliana** – primeira parte. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1894, p. 39.

¹²⁶ Disponível em: < <https://archive.org/details/filhadodoutorneg00castuoft> > Acesso em 17 ago. 2013.

No frontispício desta edição, está grafado um nome e uma data: 10 de dezembro de 1880. Pode ser que o ano indicado como ano da obra nesta edição, tenha sido assim identificado em razão desta anotação.

De qualquer modo, importa dar relevo ao fato de estar o romance disponível em sítios da rede mundial de computadores para os leitores da atualidade, o que denota não apenas o reconhecimento da obra, mas a certeza de que também para este leitor, e não apenas para o do passado, o romance importa.

A trama do romance **A filha do doutor negro** (grifo nosso), bem como suas treze edições, incluídas as versões em meio eletrônico, reiteram o que até aqui de alguma forma vem sendo expresso: Camilo Castelo Branco é um escritor com uma importante capacidade de se inventar. O conjunto tão diversificado de situações e personagens criados pelo autor, garantem sua permanência como um escritor para o público de hoje, atraente, inquietante e capaz de despertar a vontade de ler uma nova história. A permanência de seus escritos se estampa na oferta dessa literatura no meio virtual, para onde podem convergir os principais nomes da literatura mundial, porque certamente neste espaço estará o leitor do futuro. Camilo Castelo Branco já ocupa, neste campo, um lugar de destaque.

4.1 Os romances camilianos em formato livro e sua publicação no espaço folhetim: cotejo

A intensificação do mercado editorial local garantiu a presença de importantes nomes da literatura estrangeira entre os leitores belenenses, e contribuiu (senão completou) para o ciclo de desenvolvimento cultural vivenciado na cidade durante o século XIX, porque incentivou a tradução de obras e ampliou o acesso às criações de escritores então muito prestigiados em outros países. Mas, nem sempre o compromisso em dar publicidade às criações foi equivalente ao empenho em preservar sua originalidade, pois muitos romances publicados na capital paraense tiveram interferências de seus tradutores ou editores. É possível que esta prática tenha ocorrido em decorrência de uma precária legislação sobre os direitos autorais, incentivadora da prática de publicações sem autorização – conforme já se comentou anteriormente – e, porque não dizer, das interferências na obra, identificadas nas traduções de romances pertencentes a outros escritores muito lidos no período.

A rotina da publicação diária de narrativas em jornais que circulavam na capital paraense, esteve *pari passu* ao sucesso da circulação de livros, com a vantagem ao jornal de poder oferecer ao leitor uma novidade a cada dia, conforme os capítulos eram publicados no rodapé da primeira página do jornal – com o **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso) foi assim, restando saber se nestas publicações também foram feitas alterações nas obras, tendo em vista os fatores levados em conta nas publicações na seção folhetim. Certamente o compromisso determinante nesse caso era com o fomento da publicidade trazida nos jornais. Importa agora esclarecer essa questão em relação aos romances camilianos, apenas possível pelo cotejo entre a publicação em livro e os capítulos presentes no folhetim do jornal **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso).

Dos romances de Camilo Castelo Branco identificados no **Diário do Gram-Pará**, **A filha do doutor negro** (grifo nosso), **O bem e o mal** (grifo nosso) e **A neta do arcediogo** (grifo nosso), foram os que tiveram maior número de capítulos publicados, 22 capítulos, 17 capítulos e 12 capítulos, respectivamente, sendo que nenhum deles teve a totalidade de seus capítulos publicada no jornal.

Optou-se por realizar o cotejo das publicações do romance **A filha do doutor negro** (grifo nosso), em razão do maior número de capítulos publicados, com o objetivo de atestar se a impressão da narrativa nas páginas do jornal implicou alterações na sua estrutura ou enredo. Do total de vinte e quatro capítulos, mais prefácio e conclusão, que constituem a publicação do romance em livro, constam no jornal vinte e dois capítulos, prefácio e conclusão. No caso dos dois outros romances citados acima, **O bem e o mal** (grifo nosso) e **A neta do arcediogo** (grifo nosso), o número de capítulos presentes no jornal foi mais reduzido¹²⁷.

Já se falou anteriormente na usurpação de escritos e posterior publicação sem a devida autorização do escritor. Ocorre que não se pode provar se a dispensa arbitrária deste ciente, no caso de Camilo Castelo Branco, incentivou uma liberdade tamanha do uso da obra, ao ponto de um redator interferir no texto, na disposição dos capítulos ou coisas dessa natureza. Ao se levar em conta que se trata de uma reprodução do romance em outro suporte, é oportuno averiguar se os elementos próprios desse novo suporte, no caso o jornal – a seção

¹²⁷ A informação sobre o número de capítulos de **O bem e o mal** (grifo nosso) e **A neta do arcediogo** (grifo nosso) publicados no **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso), constam do capítulo II desta dissertação, assim como de **A filha do doutor negro** (grifo nosso), tendo sido, porém, no caso deste romance, oportuna a repetição.

folhetim – foram condicionantes para alguma mudança na obra. Essa investigação é o que passamos a fazer.

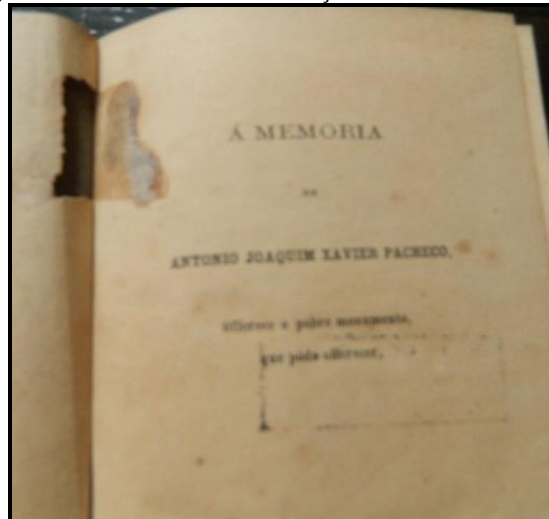
4.2 O romance *A filha do doutor negro* (1864)

Presente nas páginas do **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso) entre julho e agosto de 1864, a publicação do romance carece do capítulo I e do capítulo XXIV, tendo sido publicados os capítulos em sequência, do prefácio à conclusão, excetuando-se apenas os referidos.

Quanto às possíveis alterações, identificadas pelo cotejo entre a edição do romance em livro e sua publicação no jornal, elas revelam que o redator preservou a história, não alterou fatos nem personagens, mas apresentou mudanças em alguns quesitos.

A publicação do jornal inicia-se, como já referido anteriormente, pelo prefácio, ficando de fora a dedicatória e o “Extracto das Memorias do Carcere...” presentes na 1ª edição¹²⁸ em formato livro. Vejamos a seguir:

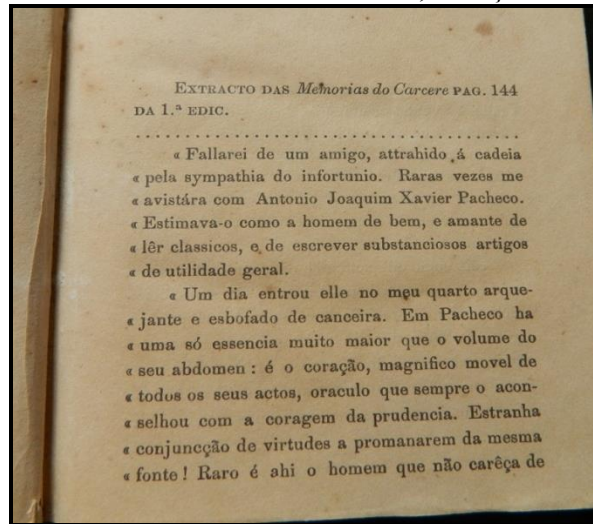
Imagem 38 – Dedicatória da 1ª edição de *A filha do Doutor Negro*



Fonte: CASTELO BRANCO. 1864.

¹²⁸ CASTELO BRANCO, Camilo. **A filha do doutor negro**. Typographia do commercio. Porto, 1864.

Imagem 39 – “Extracto das Memorias do Carcere...”, 1ª edição de A filha do Doutor Negro



Fonte: CASTELO BRANCO. 1864.

Há outras alterações identificadas na publicação nos dois suportes, que são em sua maioria de natureza gramatical, uma vez que não houve modificações na estrutura da narrativa, no desenrolar de enredo ou em aspectos e ações das personagens, preservando-se a história e sua sequência de fatos.

Algumas palavras no jornal aparecem com “s”, enquanto no livro são com “z”, por exemplo: “vizinhança”, “prezo”. Há alterações também no uso da consoante “f”, enquanto no livro surge o “ph”, como em “fantasia” e “phantasia”. No uso do numeral, em “20” no jornal e “vinte” no livro; no “ão”, que Imagem na terminação de certas palavras, sendo que no livro são escritas com “am”, como em “tiverão”, no lugar de “tiveram” e “devião”, no lugar de “deviam”.

Os capítulos no jornal são identificados com algarismo romano: II, IX, XXIII, enquanto no livro aparecem escritos na forma cursiva: “Capítulo segundo”, apenas para citar um exemplo.

Mas há também alterações um pouco mais significativas. Algumas passagens no jornal revelam-se diferentes do que consta no livro. Como ocorre no Capítulo II, em que há no jornal: “eu estou comprometido em outros amores”, e no livro: “eu estou comprometido n’outros amores”. Apesar de não modificar de fato a informação trazida na frase, a mudança

indica certa liberdade sentida pelo redator, que invade a narrativa e promove alterações a seu critério. Embora não apresente mudança de sentido, pode-se falar em uma apropriação do texto, provavelmente um indicativo das particularidades do uso da língua portuguesa em terras brasileiras. Ademais, não havia uma norma ortográfica padronizada, o que pode justificar o uso da terminação “ão”, em verbos no pretérito imperfeito, pelo redator, “cuidarão”, por exemplo, enquanto que no livro está “cuidaram”; assim como “eram” no livro, “erão” no jornal.

Acrescentem-se às alterações gramaticais já referidas, mudanças de uso do pronome de tratamento, como no Capítulo sétimo, quando o jornal publica “v.exc”, e o livro traz “v.s.”, termo usado por Albertina para se referir a Simão de Valladares¹²⁹, o segundo pronome, ressalte-se, mais adequado para o tratamento em questão. Da mesma forma, ainda quanto ao uso de pronomes, no Capítulo décimo oitavo, no jornal há “aqui a tem”, enquanto no livro o que consta é “ahi a tem”¹³⁰.

Alterações de vocabulário também foram identificadas. No Capítulo XX, a expressão “espíritos incultos” do livro, passa a “escriptos incultos” no jornal. No Capítulo vigésimo segundo, consta no jornal “cathedral”, e no livro está escrito “cathedra”¹³¹.

Supressão ou acréscimo de palavras também foi observado na publicação do jornal. Na conclusão do romance, usa-se no jornal “sou essa desgraçada”, enquanto no livro está “sou eu essa desgraçada”¹³²; “estas palavras” no jornal, “estas palavras d’elle” no livro¹³³, no mesmo capítulo.

No que se refere às alterações citadas, não afirmaremos serem meros erros de impressão, primeiro pelos aspectos das mudanças, e depois por serem, algumas delas, indicadoras de uma escolha de quem copiou a versão a ser impressa no jornal, aqui já tratado como o redator. Tudo leva a crer que o emprego do “ão” nos verbos em pretérito imperfeito, expresse a falta de habilidade do redator, o que, não obstante, não deverá justificar o uso de termos com grafia alterada, como é o caso de “lucta” no Capítulo XVI do livro, e “luta” no

¹²⁹ Ibidem, p. 84.

¹³⁰ Ibidem, p. 211.

¹³¹ Ibidem, p. 258.

¹³² Ibidem, p. 295; rolo de microfilme do **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso), ano 1864, de propriedade da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves. Edição do jornal de 14 de agosto de 1864.

¹³³ Ibidem, p.304; idem.

jornal¹³⁴, mudança provavelmente ocorrida em razão das especificidades de uso da língua em nosso país, como explicado anteriormente.

Observamos também que a disposição dos parágrafos na publicação do jornal guardam algumas particularidades, porque o redator nem sempre foi obediente à organização do texto conforme os parágrafos escritos pelo autor. O redator promoveu a divisão de parágrafos do romance, tornando dois ou mais o que no livro é apenas um, mais extenso, e fez o contrário, reunindo em um, parágrafos diferentes da narrativa. Neste caso, não houve uma padronização dessas mudanças, porque os parágrafos curtos do livro, reunidos em um maior no jornal, em um determinado capítulo, continuaram a existir em outras passagens do livro, sem mudanças, da mesma forma que muitos parágrafos extensos, assim permaneceram, sem sofrerem qualquer subdivisão. O que pode ter havido, para tentar buscar uma explicação com razoabilidade, é que essas alterações tenham sido impostas pela necessidade de adaptar o capítulo ao jornal, posto não terem os capítulos uma medida sempre igual e ser o rodapé para o folhetim um espaço limitado, definido em razão de questões, por vezes, fora do campo do romance.

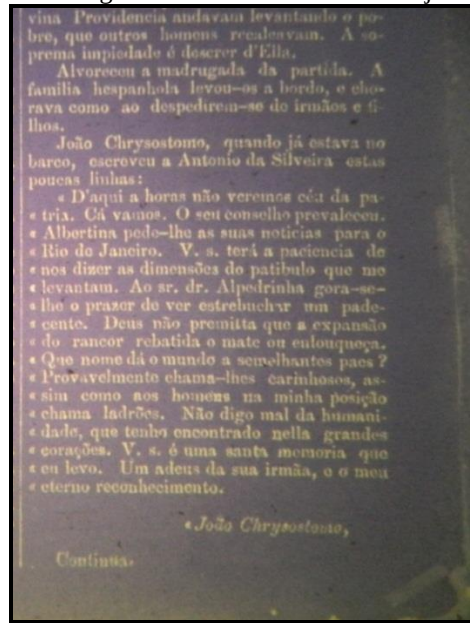
Foi identificada uma alteração que saltou aos olhos. No último parágrafo do Capítulo XVI, houve o acréscimo de uma frase na publicação do jornal, que não consta no livro. Vejamos a edição de 02 de agosto de 1864¹³⁵, no trecho que nos importa, com transcrição, seguida da página correspondente do livro¹³⁶:

¹³⁴ Rolo de microfilme do **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso), ano 1864, de propriedade da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, edição de 02 de agosto de 1864.

¹³⁵ Rolo de microfilme do **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso), ano 1864, de propriedade da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves.

¹³⁶ CASTELO BRANCO, Camilo. **A filha do doutor negro**, op.cit., p. 196

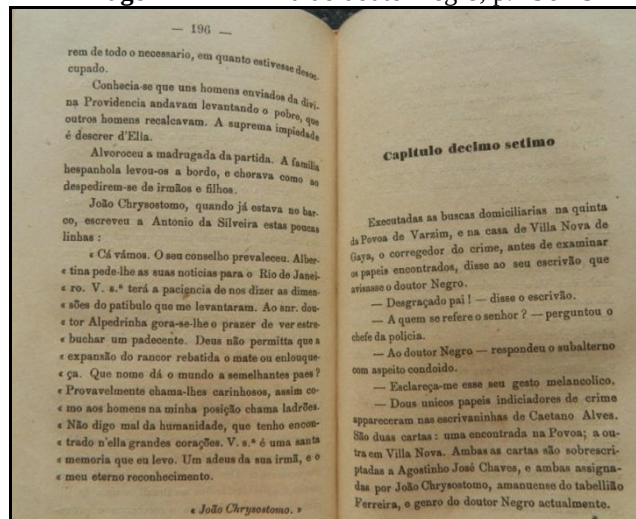
Imagem 40 – Imagem do rolo de microfilme do jornal Diário do Gram-Pará de 1864



Fonte: BIBLIOTECA PÚBLICA ARTHUR VIANNA. 2013.

*Legenda: D'aquí a horas não veremos céu da patria. Cá vamos. O seu conselho prevaleceu. Albertina pede-lhe as suas notícias para o Rio de Janeiro. V. s. terá a paciência de nos dizer as dimensões do patíbulo que me levantam. Ao sr. Dr. Alpendrinha gora-se-lhe o prazer de ver estrebuchar um padecente. Deus não permita que expansão do rancor rebatida o mate ou enlouqueça. Que nome dá o mundo a semelhantes paes? Provavelmente chama-lhes carinhosos, assim como aos homens na minha posição chama ladrões. Não digo mal da humanidade, que tenho encontrado nella grandes corações. V. s. é uma santa memoria que eu levo. Um adeus da sua irmã, e o meu eterno reconhecimento. *João Chrysostomo*.

Imagem 41 – A filha do doutor negro, p. 196-197



Fonte: CASTELO BRANCO. 1864.

Como se observa, o jornal apresenta a frase “D’aquí a horas não veremos céu da pátria”, que não está presente na primeira edição do romance, edição publicada no **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso). Ao que parece, neste caso, houve claramente a apropriação do romance pelo redator, porque fez surgir, ressaltar-se, a seu critério, uma reflexão de João Chrysostomo não criada por Camilo Castelo Branco.

Porém, quanto ao que acima se expôs, uma inquietação não pode ser satisfeita, qual seja: a publicação do romance em folhetim no jornal **O Commercio do Porto** (grifo nosso) teria a frase que consta do **Diário?** (grifo nosso) Porque ela precede a publicação do romance. Esta é uma questão que não pode ser respondida, em virtude da indisponibilidade do jornal português para consulta.

Afora as observações até aqui expostas, também convém dar relevo ao modo como a voz narrativa conduz seu relato e revela pontos de vista particulares, importantes neste caso, porque dentre eles está um olhar acerca do folhetim.

Seguindo seu estilo de interação com o leitor, o autor revela posicionamentos pessoais, naturalmente expressos pela voz narrativa da história, que ao contar, expõe também pensamentos seus, alguns preconceituosos, quando diz, ao tratar da cor da pele de Francisco Simões: “mas um pai seja qual fôr a côr que tem, não estrangula uma filha”¹³⁷. E aproxima-se do leitor, parecendo prever o que este pensará, como no trecho: “Não se lhe alvorece o coração, bem-querente leitora. A surpresa é pouca para assombro, e menos para mutação de scena em romance”¹³⁸, quando revela se tratar de Simão de Valladares o vulto que Albertina percebe, e não João Chrysostomo, como julga ter pensado o leitor.

No Capítulo XX, Camilo Castelo Branco faz importantes afirmações sobre sua visão dos folhetins, palavras que merecem uma transcrição:

É obrigação corrente de quem faz romances evitar que o leitor volte a página em claro, dizendo de si para si que a tem por supérflua ao enredo do conto. E este cuidado importa que o não desdenhem aquelles romancistas que propriamente se abonam com dizerem que escrevem para pessoas entendidas. Nós, os operários dos jardins do coração, e não seareiros dos campos fertilizadores do espírito, devemos considerar que o nosso officio é entreter os ócios das senhoras e dos sujeitos que a igualam em superficialismo de intelligencia das damas: antes significa o despreço em que estimamos este gênero de escripta. Presumimos que as senhoras, graduadas virilmente na escala da intelligencia, desadoram romances, e gastam seu tempo em leituras sumarentas, de par com as quaes esta coisa de folhetins é um lustre de vidrilhos em compita com a perfulgencia de brilhantes de alto quilate. Pois que, por desfortuna, é incomparavelmente maior o numero dos espiritos incultos, devemos assentar que para o maior numero escrevemos, e dar já a rasão d’este cabeçalho de capitulo, para se não cuidar que estamos legislando aos arroteadores d’estas charnecas do romance portuguez¹³⁹.

¹³⁷ Ibidem, p.27.

¹³⁸ Ibidem, p. 83.

¹³⁹ Ibidem, p. 232-233.

No fragmento, Camilo Castelo Branco reconhece o valor de entreter, comum ao gênero folhetinesco. Reforça a popularidade do folhetim, ao defender que assim como o grande público, também os leitores de um grau mais elevado de inteligência, debruçam-se para a leitura das histórias de amor narradas, contadas para fertilizar “os jardins do coração”, como diz.

As alterações identificadas na publicação do romance **A filha do doutor negro** (grifo nosso) na edição do jornal **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso), embora não tenham tido implicações no enredo do romance ou na apresentação de personagens e outros elementos do romance, são um interessante índice de como a mudança de formato podia manifestar-se na narrativa, pois o meio de fazer circular o texto literário era constituído de características que forçavam, ou pelo menos pediam, algumas interferências da narrativa. Neste caso, a referência é à disposição dos parágrafos de vários capítulos na publicação da obra na seção folhetim, espaço limitado do periódico.

Além das mudanças no texto, causadas muitas delas, ao que parece, pelas diferenças entre o idioma usado no Brasil e o de Portugal, podem indicar que não havia uma preocupação acentuada em preservar o texto, tal e qual a edição que lhe originou, como é o caso do romance **A filha do doutor negro** (grifo nosso), cuja publicação no jornal ocorreu quando havia apenas a 1ª edição do livro, e diversas alterações identificadas no jornal não se justificam por não constarem no livro da forma como foram impressas no jornal.

Ademais, no periódico importava o texto propriamente dito, única parte do livro a constar no jornal, cuja publicação ocorreu excetuando-se dados pré-textuais valiosos na edição em livro, como a dedicatória e a referência a outro livro de Camilo Castelo Branco, presentes nas primeiras páginas do romance, mas ausentes no folhetim.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso trilhado nesta averiguação sobre a obra de Camilo Castelo Branco buscou dar conta de como o escritor se fez presente no contexto de expansão da literatura em solo brasileiro e especialmente paraense.

A partir da identificação do caminho percorrido pelas obras, objeto desse estudo, em suas várias edições, descobriu-se que o romancista português foi presença marcante na imprensa da época, porque a circulação de seus romances ocorreu não apenas a partir da publicação de capítulos de narrativas nos jornais diários locais, mas também pelo grande número de romances postos a venda, anunciados nas páginas de diferentes periódicos, dividindo espaço com outros bens e serviços divulgados no periódico, e servindo aos fins da imprensa no período, qual seja, a venda de jornais e produtos para consumo.

A literatura no contexto do século XIX também era um bem valioso e vendável. E, dessa razão mercadológica, Camilo Castelo Branco foi um exímio realizador, uma vez que soube potencializar o valor de seus escritos, remetendo-os a quem viria a publicá-los, ampliando o alcance de suas produções para além do espaço lusitano, e demonstrando uma clareza pouco vista na sua época, quanto à atividade de escritor.

Engenhoso, profissional, audacioso, envolvente e polêmico, Camilo Castelo Branco não foi um. A amplitude de seus temas e sua sagacidade são algumas das qualidades que podem ser encontradas nas páginas dos romances aqui investigados, que revelam um escritor sempre atento aos interesses do público, e capaz de alcançar a preferência de leitores diversos.

Camilo Castelo Branco engendrou em seus textos muito do que parecia ser o seu olhar do mundo, sem assumir o papel de um ordenador de conceitos, porque desenha as atitudes humanas como justificáveis ou pelo menos compreensíveis, conferindo uma autonomia impressionante às personagens, que parecem saltar das páginas e fazer parte de nosso convívio. Essa habilidade do escritor é o que nos faz entender a mudança no comportamento de Ruy de Nellas, em **O bem o mal** (grifo nosso), quando demora a recordar que havia dado o consentimento à filha Christina, para o casamento com Casimiro, inicialmente perseguindo-a e depois apoiando sua escolha, idas e vindas acompanhadas por um leitor dominado pelo desejo de lembrar ao personagem de sua decisão, crente dessa impossível atitude, tão amarrado que permanece à narrativa.

No matiz mais romântico e moralizante, de **A neta do arcediogo** (grifo nosso) e **A filha do doutor negro** (grifo nosso), na exploração dos polos sociais que digladiam, como em **O bem e o mal** (grifo nosso), ou na vertente que explora o espanto e a tendência do ser humano e da sociedade ao absurdo, fio condutor de **Coisas espantosas** (grifo nosso), notou-se que o gênio de Camilo Castelo Branco foi capaz de manifestar-se de forma múltipla, ao construir situações capazes de aguçar a curiosidade do leitor e alimentar suas convicções, ao ponto de conduzi-lo a participar da obra, convidado pelo autor – como na estratégia de interagir com o leitor, muito utilizada pelo romancista – ou por ter sido por este provocado, quando externaliza as razões que determinam as ações das personagens, motivos com os quais o leitor pode concordar ou não.

O tom moralizante não limita a expressão literária de Camilo Castelo Branco, não o engessa, mas pode ser vista, em muitos de seus romances – **A neta do arcediogo** (grifo nosso) e **Amor de perdição** (grifo nosso), sua obra prima, são exemplos disto – como uma das matrizes criativas do escritor, que costuma optar por motivos nobres, justificadores, em muitos casos, de atitudes indevidas.

O percurso das narrativas aqui investigadas revelou que o escritor português não se manteve preso ao contexto que primeiro recebeu seus livros. O interesse do leitor do século XX pelos romances de Camilo Castelo Branco, morto em 1890, permaneceu latente e vibrante, como provam as dezenas de edições das obras nas décadas que se seguiram a morte do autor. Revelou também que o romancista português vive, nas estantes de importantes bibliotecas nacionais e no espaço virtual, como provam as edições digitais de romances camilianos, e as edições impressas do romance **A neta do arcediogo** (grifo nosso), em versões brasileira e inglesa.

Ressalte-se que muito de Camilo Castelo Branco está ainda por dizer, por conhecer. Na galeria de obras do romancista, muitas são pouco conhecidas do leitor de hoje, apesar de terem sido lidas por legiões de leitores. Essas obras precisam ser descobertas, relidas, precisam ter suas páginas revisitadas também pelo leitor atual, a ser seduzido pelo Camilo Castelo Branco que se manifesta na galeria de personagens marcantes de uma literatura sempre em evidência, como é a portuguesa, como é a literatura camiliana. As pesquisas que estão por vir têm a missão de iluminar os conceitos elaborados sobre Camilo Castelo Branco e expandir os domínios dessa obra tão rica, quem sabe respondendo as perguntas que não puderam ser satisfeitas nos estudos até aqui produzidos, como os acréscimos identificados no

romance **A filha do doutor negro** (grifo nosso), quando da publicação em folhetim no **Diário do Gram-Pará** (grifo nosso), de Belém, questão tratada neste trabalho, e muitas outras constantes em textos testemunhos da grandeza de Camilo Castelo Branco e de sua fértil criação.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia; BRAGANÇA, Aníbal (Orgs.). **Impresso no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros – São Paulo: UNESP, 2010.

ABREU, Márcia. Duzentos anos: os primeiros livros brasileiros. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. (Orgs.). **Impresso no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros. – São Paulo: UNESP, 2010, p. 42-65.

ARQUIVO DA BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k421137j.image.langFR>. Acesso em 13.09.2013

AUGUSTI, Valéria. Contrafação e convenção literária no Brasil do Oitocentos. In: SALES, Germana Maria Araújo; FURTADO, Marli Tereza; DAVID, Sérgio Nazar (Orgs). **Interpretação do texto, leitura do contexto**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013. p. 187-202.

BARBOSA, Socorro Pacífico. **Jornal e Literatura**: a imprensa brasileira no século XIX. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire**: um lírico no auge do capitalismo. Tradução José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas; v. 3).

BIBLIOTECA NACIONAL. **Hemeroteca digital** Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=701157&pasta=ano%20183&pesq=olaya>. Acesso em agosto de 2013.

BIBLIOTECA PÚBLICA ARTHUR VIANNA. **Acervo de microfilmagem**. Belém, 2013.

CABRAL, Alexandre. **Dicionário de Camilo Castelo Branco**. Lisboa: Caminho, 1989.

CÂNDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1993. (vol. 1).

CASTELO BRANCO, Camilo. **Obra seleta**. Organização, seleção, introdução e notas de Jacinto do Prado Coelho. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1960.

CASTELO BRANCO, Camilo. **O bem e o mal**. 5. ed. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1897.

CASTELO BRANCO, Camilo. **O bem e o mal**. Porto: Typographia do commercio 1863.

CASTELO BRANCO, Camilo. **A filha do doutor negro**. Porto: Typographia do commercio 1864.

COSTA, Maria Lucilena Gonzaga. **Gazeta Oficial: Periódico Paraense Noticioso e Literário do Século XIX**. 2008. 89f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008, p. 16.

CRUZ, Lady Andrea Carvalho da. **Literatura e imprensa em Belém do Grão-Pará: o romance-folhetim no periódico Diário de notícias, nos anos de 1881 a 1893**. 2012. 113f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

FERREIRA, Sara Vasconcelos. A Leviana: história de um coração e outras histórias n'A Província do Pará. In: **Relatório final de Iniciação Científica**, Belém, ago. 2011/jul.2012.

FISCHER, Steven R. **História da leitura**. Tradução Claudia Freire. São Paulo: UNESP, 2006.

GRÊMIO LITERÁRIO E RECREATIVO PORTUGUÊS. **Acervo da Biblioteca Fran Pacheco**. Belém, 2013.

HEINEBERG, Ilana. Miméticos, aclimatados e transformadores: trajetórias do romance-folhetim em diários fluminenses. In: ABREU, Márcia. (Org.). **Trajetórias do romance: circulação leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX**. Campinas: Mercado das letras, 2008. p. 497-522.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **O preço da leitura**. São Paulo: Ática, 2001.

MARQUES, Henrique. **Bibliografia Camiliana**. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1894.

MARQUES, Henrique. **Editores de Camilo**. Lisboa: Empresa da História de Portugal, 1925.

MARINHO, Maria de Fátima. O romance folhetim ou o mito da identidade encoberta. In: UNIVERSITY of California. **Camilo Castelo Branco: no centenário de morte**. Santa Bárbara: [s. n.], 1995. p 218-231.

_____. Camilo Castelo Branco e a atração do horrível. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ROMÂNTICOS, 1., 2003. Porto. **Anais...** Porto: Faculdade de Letras do Porto, 2003, p. 27-35.

MARTINS, Patrícia Carvalho. **Jornal do Pará: o caminho literário entre espaços e diálogos na Belém oitocentista**. 2011. 122f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

MOYSÉS, Tatiana Fátima Alves. **Camilo Castelo Branco: a moral a serviço das conveniências**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011, p. 42. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-04022010-102115/pt-br.php>>. Acesso em: 13 set. 2013..

NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

NEVES, Lúcia Maria Bastos; FERREIRA, Tania Maria Bessone da Cruz. Privilégios ou Direitos? A questão, autoral entre intelectuais e homens de estado no Brasil do século XIX. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: UNESP, 2010. p. 503 – 517.

NOBRE, Izenete Garcia. **Leituras a vapor: A cultura letrada na Belém oitocentista**. 2009. 128f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

OLIVEIRA Paulo Motta. À esquina do cânone: olhares dissimulados, leituras oblíquas. In: BUENO, Aparecida de Fátima. et al. **Literatura Portuguesa: História, memória e perspectivas**. São Paulo: Alameda, 2007. (vol. 1).

OLIVEIRA, Paulo Motta. (Org.). **Literatura Portuguesa: História, memória e perspectivas**. São Paulo: Alameda, 2007. (vol. 1). p. 105-113.

OLIVEIRA, Ana Luísa Patrício Campos de. **A ficção camiliana para além de histórias de amor**. 2009. 121f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. p. 106/107. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-17082009-154723/pt-br.php>>. Acesso em: 13 set. 2013.

PAIVA, Cláudia Gizelle. **Coisas espantosas no jornal Diário do Gram- Pará**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013. p. 41.

ROCQUE, Carlos. **História geral de Belém e do Grão-Pará**. Atualização de texto Antônio José Soares. Belém: DistribeL, 2001.

SALES, Germana Maria Araújo; FURTADO, Marli Tereza; DAVID, Sérgio Nazar (Orgs.). **Interpretação do texto, leitura do contexto**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.

_____. **Marcas da Leitura na Belém Oitocentista**. In: **Revista de Cultura do Pará**, Belém, v.18, n. 1, p. 95-110, jan./jun. 2008.

_____. O romance como ponte: o espaço lusófono no Brasil oitocentista. In: SALES, Germana Maria Araújo; FURTADO, Marli Tereza; David, Sérgio Nazar (Orgs).

Interpretação do texto, leitura do contexto. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. p. 203-216.

SANTOS, Manuel dos. **Revista Bibliográfica Camiliana**, Lisboa: Livraria de Manoel dos Santos, 1917.

SANTOS, Edimara; CRUZ, Lady Ândrea; SALES, Germana. Os romances-folhetins no jornal Liberal do Pará. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 60. , 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNICAMP, 2008. Disponível em:

<www.sbpnet.org.br/livro/60ra/resumos/resumos/R1038-1.html>. Acesso em: 13 jul. de 2013.

SARAIVA, Antônio José; LOPES, Oscar. **História da Literatura Portuguesa**. 16 ed. Lisboa: Porto, 1989.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2000.

SERRA, Tânia Rebelo Costa. **Antologia do romance-folhetim: (1839 a 1870)**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1997.

SILVA, Ozângela Arruda. Da presença dos romances em Fortaleza dos oitocentos: circulação, comércio e sintonia. In: SEMINÁRIO DE TESES EM ANDAMENTO, 3., São Paulo.

Anais... São Paulo: UNICAMP, 2009, p. 782-792. Disponível em:

<<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/589/456>> Acesso em: 13 set. 2013.

SOARES, Maria Angélica Lau Pereira. O Gabinete de Leitura (1837-1838) e a formação de um público leitor de ficção. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 11., 2008, São Paulo. **TESSITURAS, INTERAÇÕES, CONVERGÊNCIAS...** São Paulo: USP, 2008. Disponível em:

<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/Abralic2008/MARIA_SOARES.pdf>. Acesso em 22 mar. 2013.

SOUZA JÚNIOR, Luís Roberto de. **A influência inconfessável: como o folhetim formou o romance brasileiro**. [S.l]: PUCRS, In: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/64.pdf> Acesso em 22.03.2013.

SOUZA, Moizeis Sobreira. **Camilo Castelo Branco e a formação do romance português**. In: SEMINÁRIO DE TESES EM ANDAMENTO, 4., 2010, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNICAMP, 2010. Disponível em:

<<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/962/726>>. Acesso em: 13 set. 2013., p. 856.

SOUZA, Moizeis Sobreira. P. **A ficção camiliana: a escrita em cena**. 2009. 123f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Língua Portuguesa,

Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. p. 10. Disponível em: <
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-26082009-155516/pt-br.php>>. Acesso
em: 13 set. 2013.

SOUZA, Kelly Andressa Leite. **Os anúncios em jornais e a circulação do romance na cidade de Belém do Pará (século XIX)**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em folhetim no Brasil: 1830 à atualidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1994.